

SAÍRAM PRIMEIRAS PROVAS EM

EM TORNO DO PENSAR NA TORRE DE BABEL
(micro-ensaios e afins)

Christopher Damien Aretta

EM TORNO DO PENSAR NA TORRE DE BABEL
(micro-ensaios e afins)



Edições Colibri

Biblioteca Nacional de Portugal
– *Catálogo na Publicação*

AURETTA, Christopher, 1955-

Em torno do pensar na Torre de Babel : (micro-ensaios e afins). –
1ª ed. – (Extra-colecção)

ISBN 978-989-689-590-7

CDU 37

Título: Em Torno do Pensar na Torre de Babel

Autor: Christopher Damien Aurretta

Editor: Fernando Mão de Ferro

Edições: Edições Colibri

Depósito legal n.º 410 065/16

Lisboa, Junho de 2016

*Para os meus alunos que me acompanham no seminário de
Pensamento Contemporâneo – alunos maravilhosos
na sua autenticidade e na sua ‘abundância imaterial’,
que constituem para este docente uma fonte inesgotável
de diálogo e de humanização*

*Para António Manuel, contador de histórias infatigável,
um ser que pratica o bem, que cultiva a beleza da compreensão
e que ama (e compõe) as partituras da busca e da partilha,
da reflexão e da lição, da “sensibility” e da generosidade
de um ser atento e para sempre disponível*

Para a minha família portuguesa: António Manuel, Alice e Joca

***O que está em jogo?* Não ouviste a pergunta? Repito-a, então: *O que está em jogo?* Ainda não ouviste? Não vou repeti-la. Encontra a pergunta em ti mesmo.**

Índice

Prefácio

Cento e trinta e quatro micro-ensaios e afins em torno do pensar
(e do não-pensar) na Torre de Babel

Dezasseis desenhos, alguns dos quais *hors-texte*

Prefácio

O seminário que leccionamos há mais de quinze anos, *Pensamento Contemporâneo*, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA de Lisboa, tem-nos permitido realizar um longo caminho de reflexão na companhia de milhares de estudantes oriundos de muitos cursos, quer do primeiro, quer do segundo ciclo. Após quinze anos de reflexão prolongada e diálogo intenso, o seminário em questão constitui para este docente, não apenas mais um elemento da sua práxis pedagógica mas, sobretudo, uma experiência fundamental tanto *formadora* quanto *transformadora*. *Formadora*, porque tem constituído uma aprendizagem cultural e pedagógica, plural nas suas temáticas e sintetizadora na sua atitude fundamentalmente questionadora no tocante à modernidade, um período da nossa história cultural entendido como uma atitude, um projecto e uma aporia. A modernidade é de natureza aporética porquanto a espécie que a fundou é variamente (agonicamente) auto-reflexiva e portadora, portanto, de uma historicidade babélica. *Transformadora*, porque as nossas sucessivas tomadas de consciência costumam ocorrer no encontro dinâmico entre os seres e, neste caso, entre o docente e os seus alunos. Este encontro constitui um dos privilégios de ser docente. Constitui igualmente um ritual e um evento de humanização. Constitui, sobretudo, um *site* de intensidade reflexiva vivenciada por seres humanos que juntos se defrontam com uma determinada lógica institucional que corresponde, por sua vez, a uma determinada época histórica e regime ideológico. Em nome de quê? Em nome de uma humanidade cujo espaço material é a sala de aula e cujo território imaterial é o universo em si. Trata-se de um universo em vias de ser (re)descoberto em virtude da atitude indagadora que a cultura pedagógica sã encoraja e afina. Tal *site* de intensidade reflexiva exige o cultivo de uma relação *quente* com o conhecimento, uma relação fundada na compreensão evolutiva da *mega-narrativa* do universo inorgânico e das múltiplas *micro-narrativas* de que uma humanidade plural e pluricêntrica é autora. *Compreender é saber relacionar*: saber estabelecer uma *teia-textualidade* viva entre a experiência e a linguagem conceptual daí construída; entre a natureza histórica da subjectividade e a história natural do cosmos.

O mapa dos continentes do saber humano é um documento vivo: os continentes nunca foram, nem nunca serão estáticos. A espécie humana – uma espécie que descobriu a premência e a vulnerabilidade do pensamento – espalha sismos.

Compreender é de natureza relacional, não apenas no tocante à compreensão do real inorgânico e histórico, mas, também, no que respeita à compreensão da espécie humana de si mesma. Compreender abrange tudo isto (contrariamente, não passaria de uma compreensão mutilada). Tal compreensão do mundo de fora e do mundo de dentro, i.e., do real mudo dos átomos e do real prolixo do animal humanado que somos é de carácter urgente. A sua urgência prende-se com a natureza do próprio pensar entre nós porquanto constitui um acto e um estado condicionados pela circunstancialidade determinante da mente: dotada de uma comprovada capacidade de abstracção, de poderes de observação, de invenção de linguagens conceptuais auto-elucidativas, a mente deixa-se igualmente enfeitiçar por lógicas espúrias e por estados de desvario (por exemplo, o fanatismo, o dogmatismo e outros sintomas de patologia relacionados com a nossa recorrente desorganização semântica do real).

A história da nossa espécie não é triunfal: é agónica. A natureza da nossa espécie não é unidireccionalmente ascendente: é fractal. A condição humana não é estática: é babélica.

Resta-nos – como criaturas inquietas – assumir a circunstancialidade radicalmente histórica da nossa espécie como uma tarefa e uma missão. Significa levar a mente a bom porto, i.e., o aprofundamento da nossa humanada consciência a braços com um mundo chagado pelo conflito, uma mente-corpo habitante de um planeta espoliado pelo frenesim económico e pela irresponsabilidade política, num século conturbado pelos fanatismos de toda a estirpe. Eis, em resumo, o carácter urgente, o *pathos* específico e o *agon* pandémico da nossa espécie andante e pensante.

Tal aprofundamento prende-se, ulteriormente, com a estruturação das subjectividades. Assim, há dois imperativos, no nosso entender, que protagonizam e norteiam a nossa práxis como docente: 1) *the growth of understanding* e 2) *the growth of the soul*. Assumimos sem hesitação, neste contexto, o emprego do vocábulo porventura antiquado, “*soul*”, porquanto as palavras não só existem: habitam-nos. Exigem ser escutadas. Não seguem a calendário das modas, nem as estações dos gostos. Uma vez emitidas, povoam a superfície, bem como o subsolo da história e da memória. Constituem um lugar de encontro connosco próprios, um encontro que é de natureza inesgotável. Os seus significados

prolongam-se e refractam-se pelo tímpano da memória e a retina da mente. “Soul”, para nós, sem qualquer conotação forçosamente teológica, transmite-nos a ideia de que o ser humano é fundamentalmente uma criatura de metamorfose, ou, melhor, uma criatura *da* metamorfose, sendo a sua vida uma trajectória de apeadeiros e gares, encontros e descobertas, paixões e partilha. Trata-se de uma criatura que cresce à luz da compreensão de si mesma e da humanada animalidade dos que se relacionam com ela. Trata-se outrossim de uma criatura detentora de um papel plural no universo: como observador e habitante, como artífice e arquivo vivo de sensação e pensamento, como participante e manifestação do princípio metamórfico do real.

Escreveram-se as seguintes reflexões – breves trechos de prosa escritos ao modo de *flashes* – ao longo do segundo semestre do ano lectivo 2015-2016, num estado de entusiasmo ininterrupto vivido no âmbito do seminário acima referido. Confessamos viver a docência num estado de êxtase indagador, sede interrogativa e diálogo apaixonante com os alunos. Este autor assume-se como um docente convicto de a pedagogia ser muito mais uma arte do ser do que a exportação de conteúdos para outras mentes. Com efeito, este docente rejeita – apaixonadamente – a prática pedagógica, porventura assaz vulgarizada hoje em dia, que considera o aluno como um recipiente vazio a ser enchido de conhecimentos programados e doseados em pacotes de itens abstractos sem nexos entre si (sem horizonte mais amplo do que o do resultado num sem-fim de testes). *O que é isso senão a negação do aluno como portador de uma inerente abundância imaterial, de uma intrínseca sede de compreensão – irreduzível à memorização de conteúdos –, de uma paixão pela busca intelectual e imaginativa, de uma aptidão para criar estados de questionamento renovadamente inquieto, enfim, de uma disponibilidade amorosa perante o acontecer vertiginoso da vida?*

A esta altura da nossa vida, como docente e como cidadão, salta-nos à vista a situação calamitosa da lógica institucional subjacente às nossas sociedades ocidentais: o ideário nocivo e insustentável dos nossos padrões de espoliação do planeta e de consumo irresponsável dos recursos naturais, bem como a concomitante transformação do indivíduo – transformação politicamente sancionada e tecnocraticamente administrada – num ente fungível, descartável, excedentário na *Engrenagem* económica, nos *Excéis* do imaginário neo-liberal e na *Engenharia* ideológica das instituições e das subjectividades. É este ente – instrumentalizado e descartável – que, recordando as palavras do filósofo José Ortega y Gasset (1883-1955), se tornou *infra-humano* em consequência desta transformação nociva.

Num mundo como o nosso actual, o seu funcionamento incorpora (e, quiçá, cultiva) os automatismos do *não-pensar*, os *vazios de comunicação* inter-subjectiva, a *implantação pandémica do nada* mediante a militarização do léxico essencial das nossas línguas, das consciências e das subjectividades, uma militarização ao serviço da recorrente *tentação da distopia*, da *sedução do nilismo*, da *incultura pedagógica* – reinante hoje em dia – que, ora *armazena* a maioria dos indivíduos, doravante tidos como pouco rentáveis, ora *fabrica* outros, doravante tidos como os futuros perpetuadores de um modelo societal destrutivo.

A Escola tem uma missão a cumprir perante isto tudo. Por enquanto, porém, a Escola, como uma instituição que reflecte tal ideário e tal funcionamento que se deseja perpétuo, pertence, infelizmente, à lógica da *infra-humanização*, da demolição do «tu», da programação redutora do «eu».

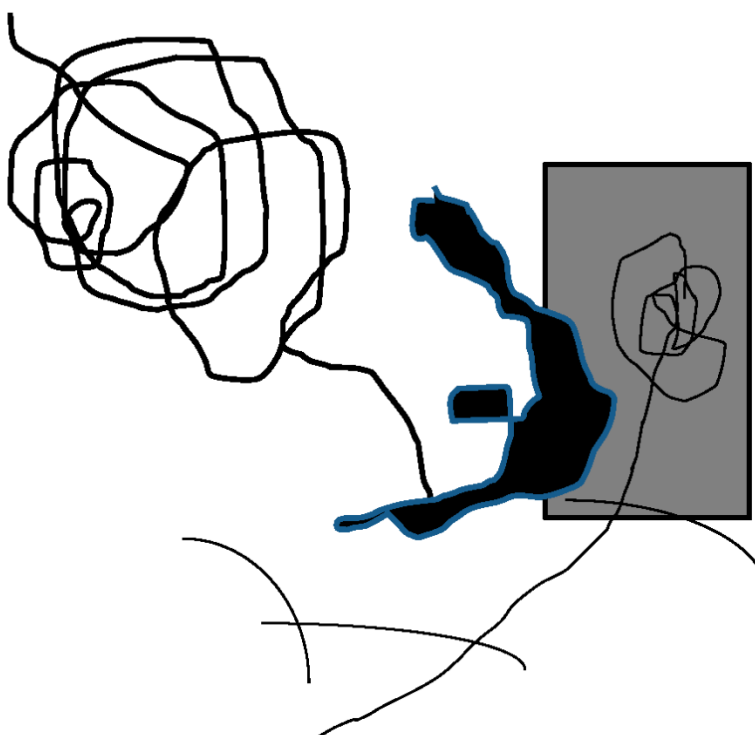
As palavras que aqui seguem constituem a nossa modestíssima tentativa de criar pequenos *sites* de reflexão, intensamente vividos por nós no momento da escrita e ocorridos nas intermitências da memória. Tais momentos e tais intermitências têm por objectivo interromper os vazios de comunicação mediante a síncope do questionamento num estado mental que amalgama ira com lucidez. Procuram introduzir, no léxico que nos é próximo e na práxis que nos é essencial, uma breve bagagem mental, discretas excursões pelo terreno do *aqui-e-agora* por nós vivido, um diário, portanto, em que se regista o nosso desejo de decifrar aspectos do mal-estar que permeia o momento histórico que nos toca hoje em dia viver.

Dito isto, optamos por morrer doentes de esperança e lúcidos de loucura.

Assim vive e viverá este docente.

Christopher Damien Aurretta

Lisboa, Maio 2016



**Em torno do pensar (e do não-pensar)
na Torre de Babel**

Pensar constitui um acto aparentemente instantâneo e espontâneo no que respeita à espécie humana, mas que, na verdade, exige uma atitude de abertura, um *state of mind* poroso e disponível e a energia de um resistente perante tudo o que o mundo que *já lá está* deseja substituir-lhe, i.e., o *não-pensar*, o dogmatismo da resposta em detrimento da prenhez de espírito suscitada pela pergunta, pela dúvida e pela incerteza. É a pergunta que nos incita à busca, à compreensão e ao aprofundamento do nosso ser.

Growth of understanding and growth of the soul: eis, em resumo, a nossa visão pedagógica na sala de aula e nas artérias falantes da cidade.

O não-pensar é, ao que parece, uma das características mais persistentes do mundo por nós criado e habitado. Daí, a premência do acto e dos estados do pensar, como acto essencial e estado de graça, como expressão do mais autêntico do ser humano, i.e., o clamor de um animal humanado que o pensar apazigua com o fármaco da compreensão.

Pensar é (aprender a) tratar o universo por «tu».

Não há nenhuma verdade humana que – ao ser obedecida de modo monoliticamente a-crítica, ou proclamada em decreto ensurdecedor, ou amada com excessivo zelo – não se transforme no seu oposto: não tanto em mentira como em violência, em destruição do *outro* e em medo sentido perante a diferença. O que mais se assemelha à verdade humana, portanto, é o abismo. (Se só nos fosse possível aceitar a vida na sua exacta e radical circunstancialidade, i.e., a paisagem essencial mas mutável do abismo... e nós em queda livre.)

O *que está em jogo a toda a hora?* A nossa capacidade de transformar a dor em compaixão, de rejeitar a *ignorância imposta* (que o mundo que *já lá está* quer que se converta num estado de ignorância por nós voluntariamente assumida), de transformar a *ignorância imposta* em *ignorância auto-reflexiva* (sendo esta a origem e o vector de toda a nossa sede interrogativa). *O que está em jogo?* A questão do humano, o *desumano* e o *inumano*, i.e., as epidemias do *nada* face à persistência do impulso criativo.

Somos uma espécie que (se) interroga. Quanto ao *nada*: é o nosso vizinho (mas não forçosamente o nosso destino). O mundo que construímos em co-autoria com os nossos próximos é, visto à luz e à sombra da nossa colectiva memória cultural, uma Torre de Babel fundamentalmente periclitante.

Abdicar ou recusar ou suprimir essa sede interrogativa, delegando a realidade do «eu-tu» – origem absoluta de todo o diálogo – aos automatismos de uma ordem tecnocrática, a uma burocracia que visa transformar a pessoa em ser meramente funcional numa ordem social sem mediação intersubjectiva possível, deixa vislumbrar o horizonte do inumano a sitiar o território do humano.

*P*remissas

O simples humano acto de compreender:

- é uma temporada da consciência mais imanente do que a longa estada do inumano e do desumano que condicionam o território do humano (semelhantemente, a justiça almejada é mais poderosa do que a injustiça realizada; a memória é mais abrangente do que a indiferença amnésica; a inteligência é mais fundadora do que a astúcia; a palavra é mais dialogante do que a arma; a mente é mais metamórfica do que o motor; a relação é mais profusa do que a coacção);
- é um interlocutor que habita em nos;
- é um habitante que promove a interioridade apaziguada;
- testemunha connosco a história à luz de uma comunidade maior do que a própria história realizada;
- revela que a história não se resume ao círculo tautológico de uma determinada ideologia;
- revela que a história não se desenrola ao modo de uma prova irrefutável;
- revela que a história pertence a múltiplos Jardins (tais Jardins são do tamanho da Terra inteira);
- revela que a história emerge de um *Initio* múltiplo;
- revela que o *Initio* acarreta em si mais um devir do que uma plano, ou razão única, ou um só destino;
- revela que a identidade é mais tributária de um tempo plural do que de um tempo desde sempre pronunciado;
- revela que a história prossegue de modo fractal e fatídico;
- ensina que *chaos blooms*;
- ensina que a história é conduzida por um princípio de *determinada indeterminação* (mais do que de *determinada determinação*);
- revela que a história não revela: ergue encruzilhadas; que
- entre o fractal e o fatídico, há a escolha, i.e., a responsabilidade; que
- entre a responsabilidade e o pensamento, há o devir; que
- o devir é a negatividade activa nos intervalos da história realizada; que

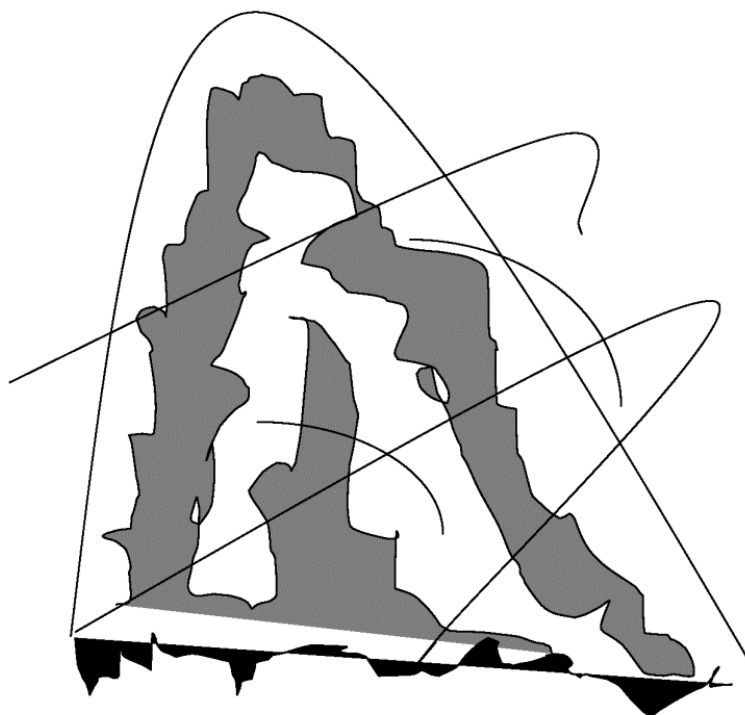
- entre o devir e o realizado, a negatividade constitui o intervalo; que
- o intervalo demarca as fronteiras que separam e avizinham o mundo que *já lá está* e a magnitude premente do vindouro;
- permite que a inevitabilidade do irracional não seja inevitável;
- permite que a irresistibilidade da crueldade não seja irresistível (o sadismo é a arte das histórias terminais, a crueldade levada à sua forma mais perfeitamente determinada, i.e., a insustentável parcimónia do ser perante as narrativas maiores da vida);
- resgata o mundo desta perfeição mortífera;
- é mais poderoso do que as mandíbulas do *nada* (de que a situação humana é também autora);
- revela que as narrativas do *nada*, uma vez aperfeiçoadas, são sinónimos da morte.

A periclitância da situação humana:

- reflecte o mal-estar de animais que são de natureza bípede e imaterial;
- a nossa condição (entre a de animais e animais humanados) não é uma condenação: é um endereço;
- é o endereço de uma gare;
- o nosso mal-estar não é irremediavelmente terminal;
- o nosso mal-estar não é nem epílogo, nem prólogo: é rascunho;
- o nosso mal-estar não é o nosso único legado: é, sim, um mensageiro cuja chegada alterou tudo;
- o nosso mal-estar não é uma antiga dívida que se pague: é um deserto que se atravessa;
- o nosso mal-estar é o motor da história, mas não é a sua meta;
- o nosso mal-estar não é a maré ulterior onde tudo no universo se afoque;
- é, sim, uma estação pertencente ao calendário do humano;
- a nossa sede interrogativa – a nossa convivência com o ignoto – ocorre ligeiramente mais perto da raiz do humano do que as ocorrências do nosso mal-estar;
- porquanto, sem o bem, não haveria raiz;
- a compreensão e a consciência do mal reconhecem-se uma à outra: o ignoto relaciona-se com o fenómeno do mal no drama que é o humano existir. Porquê?
- porque o acto de compreender comporta a urgência da compaixão;

- porque a incompreensão não retém nem luz, nem palavra: constitui a sua própria hemorragia;
- o fenómeno da pergunta, a fenomenologia da (nossa) sede interrogativa e a aventura inerente à pergunta são sintomas do nosso estado de criaturas inacabadas;
- o facto de sermos criaturas inconclusas constitui a provação sem prazo do humano e da humanização.

O (simples) humano acto de compreender envolve tudo isto.



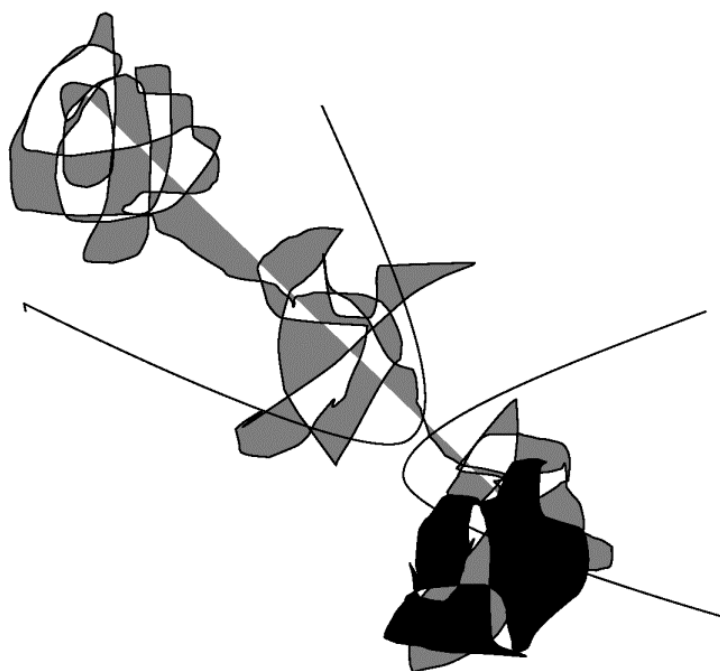
“The primary words are not isolated words, but combined words. The one primary word is the combination *I-Thou*.” (Martin Buber, *I and Thou*)

Uma maneira de olhar directamente para a condição humana – para aquilo que tem de terror e de potência destrutiva – é através da criação de um pensar ao modo do «eu-tu» concebido por Martin Buber, i.e., um pensar que seja relacional e compassivo. Assim entendido, o acto de compreender equivale a tornar-se permeável à realidade do «tu» e a fazer do «tu» um fenómeno do tamanho do universo. O acto e os estados do humano pensar relevam da *poética* específica (i.e., da ductilidade inesgotável, inquietação magmática e promiscuidade ideativa) da mente.

A escolha de olhar para a condição humana permite-nos pensar para além do não-pensar. A escolha de olhar directamente para a condição humana permite-nos *criar mundo* para além dos guiões da destruição. Enfim, a escolha de olhar para a condição humana na sua totalidade agónica permite-nos participar na transformação das regras actuais da comunidade mediante o laboratório encarnado do nosso *aqui-e-agora*.

Compreender para quê e porquê? Compreender porque compreender é o que permite a salvaguarda do *humano* perante o *desumano* que destrói o «tu» e o *inumano* que elimina do mundo o que mais intimamente o constitui: a relação entre o «eu» e o «tu», uma relação renovada na infinitude de humanados exemplos de «eus e «tus».

A nossa identidade humana existe ao modo de um campo magnético mais do que de uma realidade unipolar; é plural mais do que isolada; afina-se na companhia dos outros – de outros «eus» – mais do que na separação e na alienação. Enfim, ela constrói o seu mundo nas relações que tece e nas escolhas que faz relativamente a esta vasta partitura de vozes que encarna a humanidade.



O acto e os estados do humano pensar constituem um evento fundamentalmente plural e pluricêntrico. Este evento só se consegue completar no entretecer das narrativas inúmeras de Babel e na partitura polifónica das suas vozes. Este evento requer uma *disponibilidade*, portanto, que incumbe ao ser humano praticar, exemplificar e aprofundar.

A Escola é um lugar privilegiado para o aprofundamento deste pensar, i.e., o pensar que leva ao aprofundamento da compreensão, bem como ao aprofundamento do ser como campo magnético afectivo e mental.

Contudo, recorde-se que mesmo nos regimes totalitários havia Escolas, programas, compêndios, docentes e alunos. (Pelos vistos, não há regime de avaliação que saiba prever e/ou prevenir as investidas recorrentes do Bestiário e da Engrenagem.)

N uma era de abundância imaterial vive-se um estreitar da imaginação, uma domesticação da alma, o esvaziamento do sentir que ameaça o bem-estar da situação humana. Andei à procura de um «tu» que me quisesse conhecer também; um «tu» que soletrasse o seu ser com o meu num diálogo incondicional. Andei à procura de uma terra iluminada pela abundância interior, pela generosidade da palavra, pela nudez de um coração cândido e sagaz.

Ao encontrar-me com esse «tu» (e, sim, acontece), digo: és a solidão que me devolve a mim mesmo; és a palavra que me abre à lição inesgotável da vida; és o «eu» que o mundo aguardava. Juntos, tu e eu daremos início à comunidade vindoura. Somos animais andantes e pensantes no pulsar sem prazo do *aqui-e-agora*, na orla expectante da história, na pavorosa floresta do tempo.

Só se ama o que se compreende. (Foi precisamente um «tu» que me ensinou isto.)

Estou em dívida para com todos os seres que me prodigaram palavras, ternura, pensamento, luz e sombra nesta travessia única de um ser irremediavelmente periclitante.

O Mal ensina. O Bem liberta.

Nascemos sem manual de instruções na algibeira do ser. Que fazer senão escrever nas entrelinhas da História que nos tiraniza e apesar da Bigorna da Vida que nos aperta o pescoço?

Por vezes o apertar que sentimos na carótida transforma-se em abraço.
(A Vida é isto também.)

Não sabemos nada. Por isso mesmo, a nossa vida abre-se, com a irresistibilidade de um viciado em crise de privação, à urgência da compreensão.

Compreender começa no monólogo e culmina na polifonia da humanidade.

Compreender exige permeabilidade: o abrir-se continuamente ao acontecer vertiginoso da vida.

A solidão do «eu» floresce na sociedade no «tu».

Somos as nossas escolhas. Somos também as escolhas que escolhemos não escolher.

Acordei viciado em luz. Adormeci quando, à tarde, a luz se tornou concavidade e cinza. À noite, o meu vício inicial desapareceu por trás de esquadrões de muros e arame. Então, ao andar em discretos círculos no meu quarto, decidi amar o que a escuridão apagara: esta fragilidade fugaz, este dia intempestivo da vida, este relógio roto do coração, esta caruma pisada. Por fim, cheguei à meia-noite em estado de êxtase quedo. A luz encheu então o espaço e o momento com a sua alma esfarrapada. E senti-me finalmente em casa.

Somos intervalos. Únicos e singulares. Comunicantes e, contudo, intransmissíveis. Passamos a vida a buscar modos de transformar o intervalo em ponte.

Às vezes, basta dizer «tu» para haver uma ponte.

Hoje em dia as palavras tendem a nascer com capacete e arma. Com efeito, a palavra que a Engrenagem cultiva, é a palavra-muralha, a palavra-obus, a palavra-morte ao serviço da militarização dos poderes formadores e transformadores da imaginação. Porém, a palavra é um organismo persistente e resistente. É um organismo que deseja juntar-se a outras palavras e, na companhia dessas palavras, multiplicar-se tornando-se vida consciente. Com esta palavra, podemos ainda atingir níveis criativos de autonomia.

A palavra ainda participa da metabolização da liberdade.

O idioma da liberdade inventa-se nas mandíbulas do nada. É tudo isto o que está *também* em jogo.

Quantos mundos haverá ainda dentro do mundo que *já lá está*,
quantas palavras embrionárias ainda no ventre das palavras,
quantos intervalos neste intervalo ainda por eclodir entre o nascer
e o desaparecer?

Pensar – como acto e estado – permeia todas as criaturas andantes e pensantes ao detectarem os intervalos-oásis à superfície ostensivamente deserta do não-pensado. Esta superfície é uma das manifestações do infinito. O infinito sustenta o nosso *aqui-e-agora*. Onde é que se situa este *aqui-e-agora* senão no rés-do-chão da sensação pensada e na mobilidade nómada da mente?

O nosso aqui-e-agora é a mala com que andamos de piso em piso na Torre babélica colectiva.

O deserto é infinitamente fecundo ainda que adormecido. Eis a gravidez do mundo que as mandíbulas do nada cobiçam.

O acto e os estados do pensar permitem vislumbrar uma realidade plural: a nossa mente – o *site* da humaníssima transformação do cérebro que a Natureza nos deu – é um órgão proeminentemente promíscuo. A imaginação faz do mundo um «tu» infinito: promove a sublevação proteiforme da matéria curva nos andares extáticos da compreensão.

Eros, ao nível da imaginação, é onde germina o ser e nasce a consciência.

Num grupo de cem alunos, mais do que a metade está *on-line* enquanto o docente dá voz e corpo a umas ideias no âmbito da sua disciplina. Eis um aspecto da contemporaneidade: a comunicação instantânea sobre a transmissão lentamente erguida, a rede digital sobre a comunidade presencial, o espectador virtual sobre o dialogante em carne e osso.

Os alunos reflectem fielmente o mundo em que se movem. A lição do mundo contemporâneo foi dada. Aprenderam.

Não tenho nenhuma crítica a tecer em contra. Resta-me apenas dizer que, perante a afirmação de um dos alunos por mim interpelado – um dos alunos mais concentrados nas mensagens e imagens fornecidas pelo seu aparelho *smart* – de que estava a seguir as notícias no seu ecrã e que tais notícias faziam parte da contemporaneidade, respondi: «Tem toda a razão. Contudo, nós aqui, nesta sala de aula, estamos a criar as nossas próprias notícias. Quais, por exemplo? Bem, é simples: a construção de uma frágil Torre de Babel assente na história da humanidade e com a argamassa do diálogo. Que criar notícias nascidas na disponibilidade do ser e na permeabilidade da mente possuíam um tempo próprio, uma duração indefinida e um conteúdo inesgotável.»

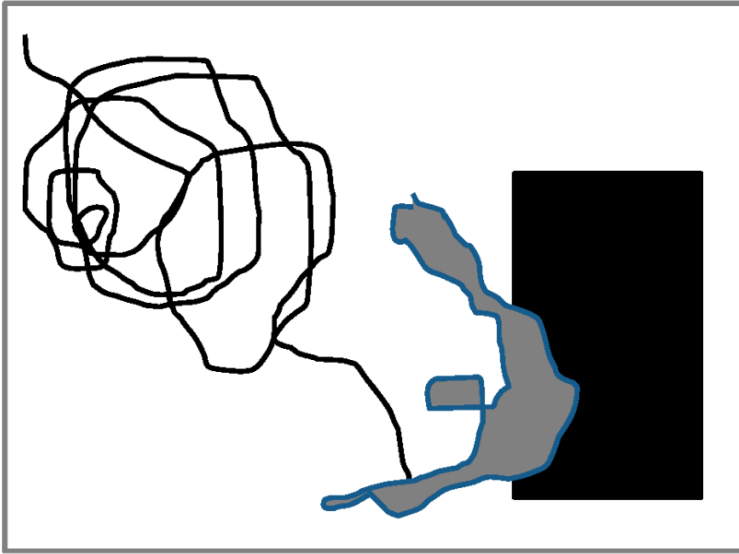
Enfim, não se descarrega a mente como se descarrega uma mensagem electrónica. Não se descarrega a alma: esta exige todo um itinerário percorrido e vivido.

Germina e floresce *off-line*, no *aqui-e-agora* de um questionar sem horas.

O não-pensar predomina sobre o pensar. Porquê? O pensar só consegue articular-se a partir da constatação de um estado de desnutrição. Tal desnutrição traduz-se em termos de anemia. O Mundo que *já lá está* – em conjunto com a Escola que *já lá está* – fornece, é verdade, muito alimento mascarado de competências e conhecimento (por de mais programado e pré-mastigado). São, contudo, meros *caterers* a proverem-nos de vazios.

A música é indispensável neste contexto: ensina-nos a escutar. Às vezes torna-se necessário, senão urgente, escutar o rumorejar oriundo dos intestinos (de tão ocos) – sentir a fome na garganta da alma – para se alimentar de outro modo. De outro modo? Sim, o do pensar.

Somos uma espécie cuja capacidade empática é apenas parcial. A título de exemplo, o caso do «tu» e do «eu»: encarnamos uma ponte quase em ruínas. Cada um fala o seu *patois*; cada um exprime a sua verdade; cada um acaba por atravessar o rio a nado – portanto, à minguia de uma ponte fiável –, julgando, até, que caminha por cima da superfície da água. (E de tão arrogantes no nosso impérvio monólogo, não nos molhamos sequer.)



Pensar. Escrever. Imaginar. Faz isso tudo como se estivesses já no último apeadeiro antes do instante da (tua) extinção. O ser eleva-se imperceptivelmente antes de cair. A flecha tinge o ar com o sangue que o teu frenesim antecipa.

A vida imagina-se sem pára-quedas.

No Verão o ar está quente. A sua luz metaboliza a paisagem: cada folha é uma tocha de labareda verde. O calor magnetiza os seres lentos e abranda o passo dos céleres.

A tua mente ao rubro está ainda mais quente.

A espécie humana acorda devagar. Há quem fica adormecido. Há outros a quem a vida repugna. Fazem tudo o que está ao seu alcance para a levar ao *nada*. Há ainda outros que temem levantar-se da sua cama-caixão. Restam uns poucos que infectam a vida com visões e febre. Pertencem a estes últimos.

Hei-de morrer doente de esperança.

O mal criou-me. Era um progenitor caoticamente demente, cruelmente indiferente, egoísta e aflito. Cheguei ao bem muito tardiamente, pois a sua estação costuma tardar a chegar. Contudo, completa o coração de um ser andante e pensante sem casa e sem destino.

Entre o «eu» e o «tu», ergue-se o mundo. Entre o «eu» e o «tu», o mundo passa a ter a memória das pedras, o intervalo que faltava, a palavra que levanta o Sol.

O ser humano é um animal bípede. Anda de modo perpendicular em relação à Terra. A sua verticalidade reúne mar e ar, céu e labareda. Porém, ao inclinar-se ligeiramente, as costas arqueadas e a cabeça num ângulo discretamente desviado, pisa doravante a Terra de modo diferente. O seu desaprumo regista-se no seu olhar extático e turvo, no caminhar concentrado e sobressaltado, na voz irregular e vibrátil.

Assim andam também os seres humanos à face da Terra.

A política avizinha-se do mal. De tanto olhar para o inacabamento do ser humano, de tanto contar com a insuficiência da comunidade humana, de tanto exercitar-se nos poderes enfeitiçadores da palavra, a política desconhece o fim do mal; ela resiste a conceber a comunidade para além dos efeitos hipnóticos do medo e da coacção que ela própria provoca.

A política é o aterro onde depositamos tudo aquilo que teríamos amado mas, afinal, deixámos (de)cair.

Deitamos fora a escolha. Preferimos a hipnose. Pagamos bem quem nos resgata de uma ousadia maior.

No meio da cidade defrontei-me com um grafíti escrito num muro esburacado, outrora pertencente a uma casa de duas águas, agora em ruínas. O muro estava da cor de uma folha ressequida. A casa já era no seu todo mais escombros do que pedra erguida. O grafíti dizia: “Life”.

Achei bem.

Donde vem este cansaço senão da memória ontogenética de uma espécie desde sempre voraz e inquieta? Ergo-me da cama e levantam-se comigo os fantasmas dos mortos e dos assassinados. Olham para mim. Querem respostas. Porém, a vida não dá resposta. Tem apenas perguntas.

(E as perguntas elas próprias nascem numa consciência inquieta e contingente.)

Vivi numa casa de colmo com terra pisada por chão. Uma rapariga varria todas as manhãs e todas as noites essa pouca terra no interior da modesta casa depois de a ter aspergido com água. Deixava o chão liso e aromaticamente reluzente. (Sim, porque a intensidade elemental daquela terra produzia a sinestesia dos sentidos: pensar ali era pensar com os sentidos. Pensar ali era sentir com os sentidos e com os elementos. Pensar era demorar-se à beira do vulcão; era afogar-se no *sensorium* das horas quentes. Pensar era beijar a matéria com a mente, uma matéria extática como um diospiro cuja delicada pele se rasgou de tão pulposo e maduro.)

Epílogo

E pensei: varrer, sim. Varrer até o chão servir de fundamento para o teu esqueleto ainda andante. Varrer as ideias até adquirirem o brilho dos minerais e a leveza do pó apaziguado. Eis por fim a tua casa.

Em lugar de história, o frenesim globalizante quer o centro comercial. Ao invés da comunidade, quer a rede, o *drone* e a engrenagem. Impõe o inumano sobre a falibilidade humanizante.

A história é, sim, um lugar infecto.

É outrossim o início e o fim do tempo humano. (A justiça não conhece nem saldo nem imposto.)

Não há história sem «eu» e sem «tu».

A situação humana, ou: a ambivalência, ou polivalência, dos nossos dispositivos instintivos e afectivos. Incumbe-nos encarar esta nossa situação, não como o fim da estrada, nem como uma sentença de morte de uma espécie unicamente auto-destrutiva.

Temos a escolha – ilusória ou não, mas real no *aqui-e-agora* que respira connosco o mesmo ar fétido e irresistível (que logo tornamos refém do humano drama de existir) – de *submeter* esta nossa situação a uma lenta mas definitiva petrificação da vida em nós, de *aceitar* tal situação como guião único para o ser humano, OU, alternativamente, de *incendiar* os mapas catalogados do ser em favor dos territórios incógnitos do possível.

Não temos acesso à eternidade. A eternidade desconhece-nos. (E se ela nos contemplasse do alto da sua serra longínqua, não nos compreenderia, nem reconheceria em nós o Perto íntimo da sua Longinquidade perfeita.) Em contrapartida, os anjos não podem senão habitar o plano a-histórico da imaginação.

O nosso lugar é outro: situa-se onde a eternidade se concretiza em escolha, decisão e metamorfose.

É is, portanto, a nossa situação humana, o nosso endereço no cosmos, a encruzilhada exacta onde a materialidade do universo se cruza com a consciência nesta queda livre de uma espécie que deve inventar, até, a sua própria loucura.

Esta materialidade do cosmos manifesta-se em nós em forma de pergunta. A humana forma de viver permite a temporalização do universo inorgânico. Com efeito, contagiamos o universo com as nossas narrativas dementes. A pergunta põe em movimento átomos doravante enlouquecidos.

A pergunta é a roupagem metafísica do instante, a voz rouca e insistente que interpela o vácuo, a presença intempestiva de um intruso (intempestivamente humano) que, contudo, traz ao universo um elemento novo, um suplemento às tantas essencial, uma remanescência do *Incipit* (imaginado ou sonhado, real ou ficcionado) do mundo nas sucessivas metamorfoses imateriais da mente.

Pensar é sempre um acto e um estado *in extremis*, de uma espécie *in extremis*, a realizar uma história *in extremis*.

Viver e pensar constituem um sismo duplo na planície curva do universo.

Há a tentação da cistopia de que a história é o espelho e o aterro. Por isso mesmo, surge entre nós a urgência das micro-utopias que vamos concretizando nos *aquis-e-agoras* fugazes mas determinantes da nossa vida inter-subjectiva e comunitária.

Perante a tentação da distopia, surge a tentação da (micro-)utopia. Uma sala de aula chega a ser, por vezes, o *site* de concretização de uma micro-utopia. (Uma vida menos acorrentada ao medo está perto de nós, i.e., sempre prestes a irromper nas intermitências do desespero.)

Há a *ignorância intrínseca* ao ser humano, pois nunca saberemos nada a não ser o que não sabemos. Somos criaturas contingentes e finitas: o nosso miradouro é, à partida, toldado.

A luz que enche o nosso olhar constitui, *Pessoalmente* falando, a sombra visível, a conspiciência nua da noite, a face exposta do nada. Há, porém, uma segunda espécie de ignorância, i.e., a imposta (que tende a tornar-se voluntária de tão inquestionada ou de tão eficaz na sua capacidade de obnubilar a consciência e imobilizar a mente).

A Escola que *já lá está* é o lugar onde se pratica privilegiadamente a *ignorância voluntária-imposta*.

A mente é o órgão mais promíscuo do ser humano. Senão vejamos: é um órgão activo, interactivo, dinâmico, interpelativo, intruso e intempestivo na sua inquietação insaciável. A mente não existe de modo singular: existe, sim, na companhia de outras mentes. Ser um ser humano é ser um animal, à partida, plural. Contudo, *pluralidade* não equivale a *manada*. Pensar humanamente é recusar o destino dos suínos gadarenos.

Pensar humanamente é ser bilingue: falar o «eu» e o «tu». É ser nómada: imaginar o perto e o longínquo. É ser dual mas não dividido, i.e., engenheiro e poeta.

A solidão humana é também um estado plural. Soletra-se com as palavras «eu» e «tu» em proximidade sincopada mas legível.



O não-pensar – uma autêntica epidemia do nada – versões do qual permeiam a contemporaneidade – acarreta, nos momentos de maior crise histórica, a demolição do «tu», a demonização do *outro*, o erradicar do encontro *entre* as mentes, bem como do encontro *com* a dádiva intempestiva do amor.

O não-pensar é uma abdicação e uma desistência. É o prenúncio do mal.

E, entretanto, temos ao nosso alcance a ebriedade sadia da razão – desenfeitiçada e disponível – perante o acontecer vertiginoso da vida.

Criamos sempre, pois somos criaturas em perpétuo estado de alerta e sobressalto. Criamos no nada e perante o nada. De tão criativos que somos chegamos a criar o nada também.

De tanto pensarmos na mesma direcção, de tanto sonharmos na mesma direcção, de tanto sentirmos na mesma direcção, de tanto desejarmos na mesma direcção, chegamos a mijar na mesma direcção também. Daí as nossas latrinas serem do tamanho de todo este mundo mal-amado.

Hoje em dia uso barba. A opinião mais consensual entre os meus amigos e conhecidos é a de que se trata de uma barba “francamente feia, “risivelmente rala e irregular”, “ingovernável” e, por fim, num registo mais benigno embora ainda pejorativo, “farfalhuda”, enfim, um adereço capilar que não acrescenta nada de positivo ao meu rosto já “desformatado” de homem sessentão. Além disso, assemelho-me, segundo eles, ora a um anacoreta à solta na cidade, ora a um profeta desvairado, ora ao «enfant sauvage» retratado por Truffaut (mas agora no estado de «adulte sauvage»), ora a um Alberto Caeiro de «troisième presse», i.e., um “guardador de rebanhos” mas sem rebanho – quer de tipo ovino, quer de tipo mental –, dono apenas de um olhar esgazeado que lembra crises de extasiado pavor ou de alienação demente. Espelho – segundo as suas observações mais sugestivas (mas, ainda, muito pouco generosas) – o desconcertante estado do mundo neste século selvagem.

Se bem que ciente de que poderão ter razão, persisto em usar barba. Sinto que concentra em si um conjunto de significados de índole pessoal – e porventura antropológica, vertente masculina – que defino da seguinte maneira:

- A barba revela que a cara não é nunca nua; que, na sua falsa nudez sem barba – mesmo assim – não há real transparência;
- A ideia de transparência é um preconceito nosso, pois entre os seres há, sobretudo, paisagens acidentadas, bosques encantados, jardins de pedra e areia e mata ignota – mas nunca uma estrada desimpedida;
- A barba revela que não há cara sem a sua respectiva máscara: um rosto nu continua a ser um rosto insondável;
- A máscara fala, emitindo sinais num mar de gemidos e sons: a barba é como as algas que crescem num mar turvo sem fundo;
- A barba é a sombra capilar da cara (uma cara sem máscara e sem sombra é um equívoco produzido por uma mente enfeitiçada);
- A barba é a rosa; por trás da máscara cresce o espinho;
- A cara é o palco; a barba é a cortina;
- A barba é a plateia lotada – com espectadores, ora de pé, ora sentados – que segue o drama da máscara, que é (todo ele) erros, ilusão e caminhos;
- Dia após dia, o actor gesticula; a boca fala; os olhos despontam radiosos ou ofuscados perante a plateia expectante;

- Mais do que plateia expectante, a barba é – enquanto se desenrola o drama da máscara – coro sapiente e coro dolente e, ainda, sombra silenciosa;
- A barba não tem nem boca, nem mãos: limita-se a testemunhar e indumentar;
- Por fim, a barba não acompanha apenas: às vezes, deixa-se afagar por uma mão pensante a contemplar a máscara, i.e., a máscara a naufragar no seu próprio mar.

Levanto-me da cadeira e vejo-me ao espelho. Agradeço à barba o facto de me acompanhar. Tenho a impressão de que a barba me considera um bom vizinho na Torre de Babel do meu corpo envelhecido. Embora hoje em dia haja muitos andares degradados e janelas partidas, a barba cresce e floresce, trepando vigorosa as muralhas arruinadas.

A barba faz-me lembrar que sou e, em simultâneo, não sou a máscara; que cultivo um espírito de revolta contra a inevitabilidade da máscara, contra a fatalidade do naufrágio e contra a sombra a despontar no olhar. Um dia servirei de simples adereço para a minha barba.

*Serei, então, pura candura desprendida
na profusa luz quente
de uma mente despida.*

A demagogia: o nada mascarado de plenitude; a violência libertada na ebriedade do vazio; a massificação do «eu» e do «tu»; a comunidade humana organizada à laia da manada; a rebarbarização do sentir; a demonização da vida que é, recorde-se, *outra coisa*, i.e., devir perpétuo e solidariedade compassiva.

A o apercebermo-nos do carácter intrínseco da nossa humana ignorância – que faz de nós criaturas questionantes, defrontadas, contudo, com processos por via dos quais se normaliza a ignorância imposta-voluntária – avista-se o que está em jogo no tocante à relação entre a democracia e a comunidade humana. O carácter ambíguo do nosso dispositivo instintivo, a nossa vulnerabilidade perante a aspezeza cambiante das circunstâncias e o carácter incompleto da nossa educação (*Bildung*) interior cria em nós doenças dos afectos e percursos identitários nocivos, quer para nós, quer para os outros. A democratização das ágoras e assembleias da nossa existência colectiva torna-se urgente, pois salvaguarda-nos da nossa aptidão para o destrutivo. Como? Mediante a capacidade rectificadora das nossas instituições, pela capacidade de a Escola abolir a dogmatização dos significados estabelecidos e, até, a de se abolir a si própria como a manifestação instituída de uma visão redutora, ou caduca, ou anquilosada do ser humano. A democracia permite-nos eleger, não só representantes que, idealmente, traduzem em discurso e acto as inquietações e indagações de uma colectividade plural, mas, como representantes, encenam a relação mediadora entre as subjectividades e o destino comum ainda que plural da pólis, entre horizontes de questionamento inter-subjectivo e horizontes de aproximação abrangendo a totalidade dos interlocutores que constituem uma comunidade. Assim, apercebe-se de que a democracia é: ideia e instituição; acto e abolição de toda a sacralização do acto; questionamento e resposta às patologias de que o ser humano é vector. Eis a vocação complexa que a democracia definiu e, por vezes, pratica. A democratização do ser humano constitui um processo sem fim. Tal processo democratizante deve encenar a sua própria falibilidade; ele deve questionar as suas práticas e os seus símbolos no tocante às instituições pelo magma imaterial da memória. Para além de operar ao modo de salvaguarda e consciencialização, de *Bildung* sem fim e dessacralização do dogma em todos os planos, a democratização das comunidades humanas exige a educação dos seres em direcção aos outros, ao *outro*. A democracia existe não apenas como salvaguarda e apuração mas também como cenário universal de animais humanados que devem reincarnar-se sucessivamente ao ritmo das metamorfoses da sua consciência. A compreensão cresce em função de uma história plural e pluricêntrica. A democracia reescreve-se numa continuidade de narrativas em virtude das quais os sujeitos se representam e projectam para dentro do *agon* social ao serviço de uma cidadania ciente e, em simultâneo, ainda por vir.

Como se caracteriza o papel da Escola neste processo de democratização? Repondo sem hesitação: determinante.

Será que a Escola que *já lá está* é bem-sucedida neste processo? Respondo também sem hesitação: não.

Para vivermos um processo de democratização sadia, é-nos preciso ter fome, i.e., uma fome às tantas mais forte do que as mandíbulas da Engrenagem que nos devora.

Quando é que tu e eu estaremos livres? Tal momento não se situa num suposto fim da história, nem na realização ulterior da sempre indeterminável utopia. Ocorre de outra maneira e surge noutras circunstâncias. Ocorre na felicidade do desejo iluminado pela luz oblíqua da adversidade, portadora das intermitências da graça.

Estamos sempre a aprender a sentir de novo. Estamos sempre a regressar de uma viagem que foi em parte encontro, em parte desvio. Estamos sempre a explicar o que não soubemos compreender antes de agir.

A história é de carácter misto. Antes do seu acontecer, é escolha. Depois da escolha, é fatalidade. Eis a radical circunstancialidade (entre imprevisível e trágica) da história humana.

Tu e Eu: um projecto, uma convocação, uma reunião, um encontro,
um resgate, uma missão, um *work-in-progress*, um risco, um nau-
frágio, um destino.

O fanático vê o mundo e diz: «Hei-de purificar este mundo, eliminar o seu caos, fixar a sua história numa nova história definitivamente perfeita». Do mundo que presencia e que lhe parece intoleravelmente indeterminado à luz da sua ideia única, concebe um futuro mundo determinado e imutável. Para tal, porém, todos os seus actos deixam sangue; todo o seu pseudo-pensamento mutila a humanidade, se bem que, segundo ele, mutila a humanidade existente em nome dessa mesma humanidade. Em contrapartida, o imaginador de utopias espreita o mundo e diz: «Perante este mundo já determinado, imagino o mundo que ainda nos aguarda. Imagino a indeterminação de uma história que seja mais devir do que dogma, mais desejo do que decreto, mais processo aberto do que guião imposto. (Kant já nos elucidou que para vivermos de modo responsável no presente histórico, é lícito reconhecermos um fio profético relativamente à história da humanidade vindoura, uma humanidade vindoura que não será perfeita mas, sim, esclarecida.)

Assim entendido, o mundo que *já lá está* será casa e, em simultâneo, miradouro, apeadeiro e gare, concerto e ensaio, cárcere e abertura. A utopia pertence à humana capacidade (ou demência) de respirar em duas atmosferas ao mesmo tempo: a do mundo que *já lá está* e a de um mundo utópico, profeticamente contrafactual. O animal humanado *pensa* no intervalo entre um e outro.

Aqui e acolá, esta criatura do intervalo levanta com a mão um pedaço de ouro ideativo. Ou, alternativamente, sobrevém-lhe de supetão a visão – entre empírica e especulativa – das formas vindouras do mundo.

Perante as formas caducas da vida (que até então o sujeito somatizara, e cuja história a mente fixara), vislumbra-se – nesse respirar dual – uma neoplasia de esperança.

Daí que a referida caducidade comporte um luto, às tantas, levedante, um *agon* fecundo e uma destruição amante. De outro modo, o suplemento utópico (de que a mente é inquilino e, em simultâneo, proprietário) não passaria de uma mera distração de um espírito indolente e não o que efectivamente é: o *site* de um território ontológico desde já esboçado cujo lado descoberto nos atrai e nos conduz.

Em torno de Leni Riefenstahl: a recusa de pensar, a apropriação fascista do belo, a instrumentalização estético-ideológica do outro, o «tu» como glosa desventurada do olhar auto-congratatório da «artista»: o kitsch como espectáculo que encena a fantasia tanatocrática

O artista é um ser da metamorfose, escreveu Elias Canetti. Na sua conferência, “O ofício do poeta”, proferida em 1976, em Munique, Canetti afirma que o poeta é guardião das metamorfoses em dois sentidos: 1) é a memória viva de todas as metamorfoses registadas na literatura mundial desde os seus primórdios; e 2) a metamorfose reflecte a existência de um drama rigorosamente humano, i.e., o drama essencialmente suplementar ao guião material que a biologia nos atribuiu, um drama que exprime um impulso supra-determinístico – intempestivo e inesgotável – de criaturas cuja animalidade a matéria determinou mas cuja imaginação supra-animal faz reinventar sem fim. Somos animais andantes e pensantes: síncope semiótica na vasta teia de sinais e significados que aspiram a ser do tamanho do universo. Eis um ser-guardião de metamorfoses, i.e., da metamorfose, o que o torna capaz de se imaginar *outro*, de falar como um «eu-tu», de conceber um mundo contrafactural para além do mundo que *já lá está*, de especular sobre o *ainda-não* e de resistir aos espaços do *desumano* e do *inumano* que juntos condicionam a vocação de humanização só parcialmente empreendida (mas também só parcialmente destruída) ao longo das sucessivas gerações da nossa espécie.

A cineasta em questão, indissociável do Terceiro Reich e do ideário do Partido Nazi, sendo a realizadora predilecta de Adolfo Hitler, dirigiu, produziu e escreveu filmes tais como *Sieg des Glaubens* [A vitória da fé], 1933, *Triumph des Willens* [O triunfo da vontade] 1935), *Olympiad*, 1938 e *Tiefland* [Terras baixas], 1944. Filmes-propaganda. Filmes grotescamente *kitsch*. Filmes belamente horríveis. Filmes-morte. Filmes ao serviço da deificação do Führer e da glorificação do povo alemão nazificado, i.e., um país narcotizado pela ideia de se tornar uma nação todo-poderosa, conquistadora, hegemónica sob o feitiço da sua própria auto-celebratória rebarbarização. Riefenstahl, como agente propagandística ao serviço desta deificação, escolheu ser uma espécie de *narcotraficante*, i.e., *narcotraficante* da cegueira ideológica, fanatismo político e glorificação de uma beleza corporal de carácter elitista e estilizado em detrimento do respeito pelo pluralmente humano; da demonização do imperfeito ao

invés de servir – como faria o artista que ela escolheu *não* ser – um projecto de elogio do inacabado e do aberto (que é, afinal de contas, a própria vida em si).

(O artista é filho do seu tempo? Sim. Mas é também legatário da humanidade no seu todo.)

A obra de LR deixa transparecer a escolha da deificação, da tóxica supremacia do Um a esmagar a paridade do Plural. LR nunca se retractará: julga-se e apresenta-se como sendo inocente até ao fim da sua vida. Não se metamorfoseia: não se mostra posteriormente mais honesta, nem menos arrogante, nem menos talentosa, nem menos activa.

LR não duvida. Não questiona. Não muda. Porém, o papel do artista é, como ser das metamorfoses, como ser fronteiro, o de proteger o território do humano. Ora cada indivíduo realiza múltiplas travessias. São travessias que nos tornam vulneráveis, pois, para tais viagens, ninguém leva a mala certa. A memória do refugiado e do exilado, do condenado e do perseguido vende-se aos poucos para resistir à penúria imposta pelo mundo. *O artista fornece os símbolos que nos alimentam e salvaguardam.*

LR não fez isso: ergueu alfândegas severas em lugar de fronteiras fluidas, tudo ao serviço de um regime carceral e mortífero. Nessas alfândegas muitos ficaram presos e lá se converteram em farrapo e pó. (É-me inconcebível uma *arte* que nos torne prisioneiros e depois mero detrito da história.)

Eis um exemplo da proximidade da dogmatização da subjectividade à destruição da humanidade. Recordem-se, neste contexto, as palavras de Martin Buber. Segundo ele, há palavras de natureza inerentemente dual. Por exemplo, a palavra «eu» que, na verdade, encerra uma realidade sempre dupla, i.e., um «eu» que, portanto, é, desde sempre e para sempre, um «eu-tu». Em contrapartida, deificar o «eu» totalitário, segundo a ideologia ao serviço da suposta supremacia do Um – com quem o fanático se identifica ao modo do idólatra – leva à *demolição* do *outro*, ao *esvaziamento* político da ágora e da assembleia, à *destruição* da humanidade como projecto e tarefa e à *morte* do «tu-eu».

Mestria técnica da LR? Sim. Inteligência inflexivelmente patológica? É bem plausível. Perante tudo isto, vivo – sem problema – sem a filmografia, sem as imagens, sem a memória desta artista. Ou antes, vivo a sua filmografia como uma fatalidade, como um *site* de reflexão negativa, como sintoma paroxístico do não-pensar. Perante a sua obra e as suas palavras, o que me ficará doravante na memória é a consciência da pre-

sença de um novo espaço do desumano no arquivo vivo da nossa espécie. Com esta obra, a história humana manifesta novamente uma crueldade sem glosa possível. (Não se faça da palavra «arte» sintoma de deificação demencial ou mero desvio provisório de uma inteligência que de outro modo teria sido essencialmente criativa.)

Quem é artista serve outros deuses que, afinal, não o são, nem nunca foram deuses: são, sim, ideias-obras-sementes de uma humanidade algo serena (porque aspira a viver apaziguada consigo própria), algo lúcida (porque pretende ser autónoma), algo prudente (porque sabe-se falível) e algo criativo (porque descobriu-se amorosa).

O ser humano não é preguiçoso por natureza. A preguiça é um projecto de vida como qualquer outro: exige um plano e um cultivo. Assim, mesmo para ser “preguiçoso”, exige-se ao ser humano um grande esforço. Mas, nesse caso, já não se chama preguiça mas, antes, a (re)invenção do mundo – um mundo recriado à medida de um animal *desejante* e simbolizante, agónico e histórico.

A natureza da natureza humana recorda, portanto, mais um território a desbravar do que um guião a seguir. Como não lhe é dada uma natureza fixa, deve inventar o mapa. Cada passo que dá é em parte encontro, em parte queda-livre.

(Dito isto, constata-se que ninguém sai ileso desta vida.)

Preguiça? Não: antes uma parcela do *nada* ao rubro, a latejar entre dois intervalos, a crescer ao ritmo dos dias e das noites, incontível e sem alternativa:

deflagração sedenta e fugaz.

C

aro J.,

Elaborou uma bela reflexão sobre os momentos de um certo benfazejo "não-pensar", invocando a poética de Alberto Caeiro, bem como os escolhos do pensar de natureza sobremaneira abstracta.

A simplicidade invocada e, às tantas, praticada por Alberto Caeiro é deveras um estado, uma atitude e uma – ousou dizer – filosofia perante o fenómeno da vida a operar no cosmos. Sempre me pareceu que a "voz" de Caeiro era fruto de uma longa caminhada de depuração da sua consciência, fruto de uma espécie de ascese perante a modernidade que o viu nascer e em que se movia e no contexto do qual se definiu como "guardador de rebanhos" (sendo esses rebanhos os dos seus próprios pensamentos). Caeiro esforça-se para não pensar, ou, antes, fazer do pensar não um estado alienante (que por vezes o pensar nos leva a experienciar) mas, sim, um estado de libertação. Uma libertação de quê? Talvez dessa mesma modernidade – uma etapa do evoluir histórico da nossa espécie – que era dele e que é nossa também. Uma modernidade que, apesar de ver *cada vez melhor*, no sentido de observar e definir o universo físico e químico que nos alberga, leva-nos a ver, no sentido mais amplo, *cada vez menos*, por nos tornar estranhos a nós próprios. A modernidade é muita coisa e, entre essas muitas coisas, ela acaba por cometer um estranho acto de prestidigitação mental. Explico-me: tudo o que a modernidade nomeia (em conceito, em teoria, em linguagem abstracta, em definições) leva precisamente aquilo que nomeia a desaparecer. Quero dizer: o que a nossa época nomeia passa logo a desaparecer, quase esvaziado de realidade... simples. Como? É Pessoa que me ensinou esta minha maneira de responder: nomear, definir e ver segundo o olhar das ciências empíricas e da abstracção – um ver tão essencial como o ver do mito e do sentir – cega-nos, contudo, para a vida como presença, como vertiginosidade imediata, como SENSACÃO infinita. E Pessoa, i.e., a obra de Pessoa, entre outras muitas coisas – pois o Poeta era genial, infinitamente genial – deseja RESTITUIR ao nosso olhar o que essa modernidade nos ofuscou. Deseja restituir-nos a experiência da totalidade visto que o ser humano, por mais sofisticadamente moderno que possa chegar a ser, não deixa de ser para todo o sempre um fragmento desse todo perdido, ou esquecido, ou abandonado, ou nunca deveras atingível e, porventura, para sempre buscada.

E avistar a totalidade – a partir do invisível miradouro de um verso, por exemplo – traz, julgo eu, essa felicidade de que o J. fala na sua reflexão que partilhou comigo. Uma simplicidade que, no entanto, exige de nós um complexíssimo processo de auto-conhecimento, reflexão, ascese interior e compreensão.

O estado do não-pensar, no sentido que o J. dá ao termo, na companhia de Pessoa/Caeiro, é uma dádiva que se recebe após uma longa caminhada. Vale a pena? Claro que sim: a felicidade é a sabedoria suprema, o fármaco preciso, a terapia exacta para o nosso olhar.

Só que, como em tudo o que é humano – um ser histórico e agónico, opaco para si mesmo e portador, contudo, de luz – tudo o que realiza na vida e na consciência exige esforço. Trata-se de um esforço supremamente enriquecedor da vida.

Muito obrigado pela partilha das suas palavras e da sua visão, bem como pela partilha da sabedoria por si conquistada em nome da felicidade. A felicidade, ou alegria, de que escreve faz parte, no meu entender, daquilo a que chamo uma espécie de segundo sistema imunitário – de ordem pessoal, vital, simbólica e afectiva.

Trata-se, digamos, (recordando as não muito longínquas palavras de Almada Negreiros) da coisa “mais séria da vida”.

(Excerto de um e-mail enviado a um aluno nosso)

***E**m torno do ideário hegemónico e da tortura. Meditação sobre a hegemonia (1)*

O torcionário imagina meios de obrigar à confissão. O torcionário deseja fazer do corpo do *outro* o *site* de uma explosão convulsiva de palavras. O torcionário imagina o *outro* sob o seu controlo como um ser detentor de frases indispensáveis mas sem voz, um ser portador de uma alma mas sem história, um ser pensante mas sem razão, um ser humano mas sem humanidade. Assim pensa o torcionário cuja lógica é tributária do discurso hegemónico, i.e., segundo o étimo grego, de quem chefia, de quem comanda, de quem decide e age. O torcionário especializa-se na coreografia da dor infligida; o poder hegemónico fala por si, para si e de si. Conjuntamente, o seu discurso coreografado pretende ser total.

O ideário hegemónico produz uma burocracia cujo desígnio é a normalização desse mesmo ideário. O torcionário é o burocrata predilecto dos impérios.

Segundo o torcionário, o ideário hegemónico desempenha o papel de redentor cuja missão é depuradora e regeneradora. O torcionário vincula eros e morte no mesmo acto asséptico e aterrador da tortura.

O que o ideário hegemónico – doravante somatizado no torcionário – é incapaz de imaginar prende-se com o seguinte: o torturado, nos seus actos reais ou imputados, no seu rosto hirsuto ou não, na sua miséria longa ou recente, *já deu a sua resposta* antes de chegar ao grito, *já* encarna uma história, *já* culmina um processo calamitoso de natureza histórica.

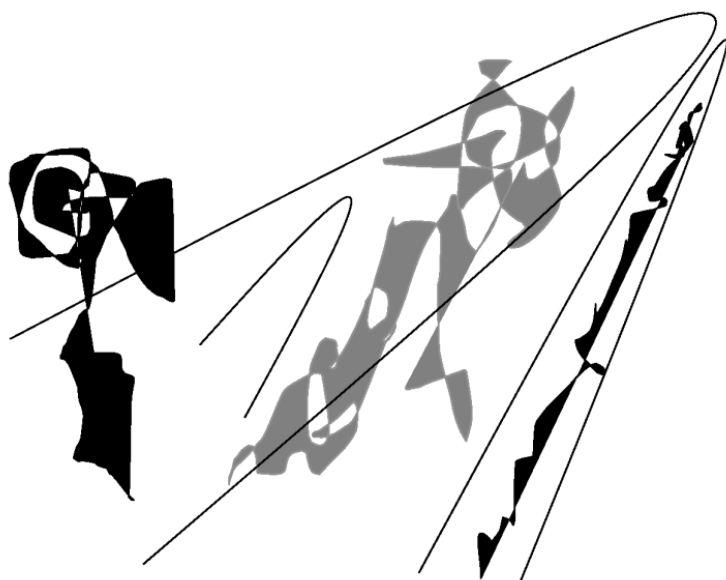
A biografia do torturado é o arquivo vivo de uma realidade que extravasa as fronteiras do ideário hegemónico.

Uma realidade diferente escreve-se sempre na periferia das verdades mortíferas do império.

O império cumpre um ideário que, por decreto e por defeito, não ouve.

Assim, na tortura, elimina-se a linguagem deveras reparadora da escuta e da mediação.

O poder hegemónico prefere celebrar a voluptuosa toxicidade do par eros-morte. Eis o culto do niilismo histórico em estado terminal.



*E*m torno do poder hegemónico e do seu ideário. Meditação sobre a hegemonia (2)

Um representante do poder hegemónico actual, recentemente galardoado com o Prémio Nobel da Paz, profere a sua lição Nobel perante um público atento. (Será aplaudido no final de um discurso pejado de prestidigitação retórica e niilismo eloquente.)

A nossa leitura: o galardoado faz da guerra um bem necessário. Faz da violência uma arte e uma doutrina. Faz da destruição uma técnica e uma fé.

Repito: será aplaudido no final do seu discurso.

Assim vamos nós, então, a caminho das fábricas da morte, todos nós bem arregimentados, com o olhar esgazeado (de tão sedutora que, entretanto, se tornou a deflagração vindoura).

*E*m torno de um «eu» e de um «tu». Meditação sobre a hegemonia
(3)

Tu disseste: «Sim.» Ao ouvir-te, tornei-me líquido turvo e terno. Então disseste novamente: «Sim. A vida é uma discreta síncope no respirar do universo.» Eu tornei-me água a desembocar nos quatro rios de um novo paraíso terrestre. Foi então que disseste: «Nunca nos esqueceremos de regar esta planície em nosso redor, nem de enxergar tudo o que há sob este céu até que a vida se torne memória partilhada e estação comum.» Disseste então ainda mais coisas que roçaram a minha face com a leveza do vento. Ardiam com a incandescência de um sorriso.

Foi nesse preciso instante que me lembrei dos relógios e dos calendários, dos átomos e da fadiga. Tornou-se essa água, então, um prenúncio de gelo.

Eis o que acontece quando duas pessoas se cruzam sob a cronometria soberana do tempo.

Aspiramos a colocar os instintos da morte e os da vida, activos na história civilizacional – sendo, segundo Freud, instintos não apaziguáveis nem reconciliáveis na sua co-presença agónica no drama do existir humano – *sob a governança de uma consciência alargada.*

Soubes hoje que um conhecido meu morreu de modo há muito tempo previsto. Lembro-me bastante bem dele. Gostava de coleccionar bilhetes de comboio, cartões telefónicos, talões e recibos cujos códigos numéricos eram organizados em capicuas.

Lembro-me também que tinha as faces permanentemente afogueadas e o nariz com veias salientes. Gesticulava muito ao falar. Era um conversador animado e incansável na partilha da sua paixão pelos números capicuas.

Era alcoólico e morreu de doença hepática.

Presto-lhe homenagem aqui.

Fica na memória a seguinte (aparente) incongruência: por um lado, a paixão pela ordem que os códigos capicuas ostentavam (e de que, em termos de capicuas, o universo se obstina em ser algo tacanho), i.e., a revelação de um padrão numérico por trás da imprevisibilidade da história (uma história incansavelmente refractária aos nossos desígnios pessoais, mesmo que seja tão-só na paz ilusória de uma sequência invulgar de algarismos); por outro, o fármaco do álcool, cujas propriedades anes-tesiantes ajudam alguns a esquecer o caos sem remédio da vida.

É que a vida nunca coube, nem nunca caberá num palíndromo: o coração é um órgão assimétrico e insatisfeito.

Vale, frater, vale.

O mundo associa *vida* (agora, uma produtividade sem fim), *morte* (agora, um sem-sentido sem fim) e *desejo* (agora, um consumir sem fim) num idioma uno quase sem hiato. A lógica civilizacional leva a vincular estes três painéis – pertencentes ao catálogo arquetípico do humano – num único tríptico como se a lógica de consumo que rege o mundo de hoje pudesse absorver tudo sob um só imperativo: *ordenar* num só padrão previsível, *subsumir* numa só linguagem pandémica e *subordinar* a um uníssimo estado de fome a natureza babélica do mundo, contrariando, portanto, a sua abundância intrínseca, a sua heterogeneidade radical, o seu caos benfazejo.

Tal mundo de terraplanagem ideativa global leva a que a história se estreite e se encolha. Não se prevê, então, o seu eventual fim, porém, mas, sim, o seu contínuo esvaziamento.

A humanidade vindoura só poderá crescer no húmus de outra história.

Há horizontes do pensar deveras insólitos. Por exemplo, orientar a consciência a fim de reflectir sobre a natureza da mente é, à partida, *estender* o território em si da consciência, de tão proteiforme, metamórfica e lábil que é. Pensar é logo estender – continuamente para fora do nosso alcance e da nossa visão – o conteúdo almejado. Pensar é, portanto, um acto e um estado da consciência, em última instância, inevitável e, contudo, nunca totalmente apurável. O pensar pode potencialmente abolir-se, não na idiotia e na necedade do não-pensar disfarçado de um autêntico pensar, mas, sim, quando, no vácuo produzido pela imaginação especulativa – num movimento de recursividade infinita – ela se confronta com as balizas da sua própria contingência fundadora.

É então que os actos e os estados do pensar revelam o seu real fundamento e horizonte ulterior: o silêncio.

Assim entendido, o silêncio é a gaguez metafísica de uma criatura inconclusa.

Sinto hoje em dia que só se vive autenticamente num estado de permeabilidade o mais completa possível perante o acontecer vertiginoso da vida e que o ser humano, embora seja tão-só um fragmento – um breve nó vibrátil localizado na vasta teia-rede do cosmos –, tem ao seu dispor, apesar de tudo, a *busca* (ou o desejo de compreender) e a *proximidade* (ou seja, a compaixão). Eis tudo. Eis a minha filosofia expressa em poucas frases.

C om o passar dos anos, a minha impaciência aumenta perante tudo o que cultiva a complicação em detrimento da simplicidade (o que não equivale ao simplista). Quero estar bem comigo. Quero interpretar esta minha partitura interior arduamente composta ao ritmo dos encontros e desencontros. Quero pensar nas entrelinhas da partitura nociva do mundo que *já lá está*. Quero sentir o prodígio benfazejo patente nos gestos discretos da ternura e da bondade. Quero nutrir-me dos banquetes inesgotáveis da imaginação. Quero descansar nos braços de tudo o que cresceu comigo na escola dos afectos. Quero morrer amante da leveza e da alegria por saber a cicatriz sarada.

O mal tem a visão da Hidra de Lerna, a audição da Górgone Medusa e o olfacto do canino Cérbero – guardião de Hades e irmão da Esfinge. É omnipresente e omni-vigilante. Devora a inocência. Esmaga a candura. Envenena a progénie da vida.

A sua luz cega, mas não ilumina.

O bem é musgo que cresce nas raízes expostas do pinheiro. É leve perante o nada. Recorda o passado; ama o presente; abre-se ao futuro.

É cego, mas ilumina.

Caro M.,

Somos aquela espécie de natureza deveras *des-especializada*, sem nicho único no meio-ambiente em que nos movemos, sem resposta única face à darwiniana “struggle for life”, sem um conjunto de dispositivos altamente determinados que nos permitiriam adaptar-nos a um só *habitat*, enfim, uma espécie que, às tantas, não possui nenhum endereço fixo no universo.

Daí, a *plasticidade psicológica dos nossos dispositivos internos*, quer-me parecer. Daí, a diferença – radical – entre a eternidade dos anjos e a história das sucessivas gerações humanas, uma história agónica, de contradição interna (veja-se, por exemplo, a descoberta feita pelas ciências políticas, económicas e filosóficas do século XIX, sob a rubrica da dialéctica material e espiritual de linhagem hegeliana e marxista) e de natureza intrinsecamente inacabada. Daí, a periclitação ética da nossa espécie. Com efeito, é-nos inerente esta vertiginosa periclitação, segundo a perspectiva do teólogo protestante Paul Tillich (1886-1965), refugiado nos EUA após a implantação do Terceiro Reich hitleriano nos anos trinta: a nossa liberdade – fruto da natureza inacabada do nosso ser – permite que escolhamos o mal, que nos traiamos a nós próprios e aos outros, que façamos da vida um caminho de escolhas e de escolhos; enfim, faz de nós criaturas radicalmente livres e, em simultâneo, radicalmente cativas. A nossa liberdade reside, portanto, na *responsabilidade* de (cultivar) uma consciência amadurecida, tendo de haver para tal muitas e sucessivas tomadas de consciência ao longo da vida de cada indivíduo e, em última instância, de cada comunidade humana). Dado o nosso estado de criaturas intrinsecamente inacabadas, devemos – apesar das adversidades várias que nos assolam por dentro e por fora – crescer, crescer na companhia dos outros, i.e., crescer no sentido de cada um de nós chegar a encarnar um «eu» que funcione na companhia de outros «eus», fazendo de cada indivíduo igualmente o «tu» dos outros. Isto é uma tarefa e um projecto enorme. Trata-se de uma incumbência existencial que vai muito para além da programação biológica que nos fundou como criaturas da Natureza. Somos, como uma espécie de criação e de auto-criação, uma espécie de crescente natureza auto-reflexiva (que fará, plausivelmente, da história plural das comunidades humanas vindouras, ora o arquivo vivo da memória colectiva da humanidade, ora o espaço material e imaterial de uma criatividade crescentemente pós-biológica, ora um laboratório de

ideias e experiências (que demonstrarão até que ponto a nossa inerente plasticidade nos leva sempre à criação e à destruição, a estados de graça provenientes da experiência da beleza da compreensão e horizontes de proximidade traçados pela compaixão, bem como – integrando infelizmente também, parece-me, a bagagem antropológica da nossa espécie – a estados de rebarbarização, de demonização do *outro*/«tu», esse mesmo «tu» que, contudo, nos humaniza). Qual é a espada de Dâmocles a pairar sobre a nossa colectiva cabeça? A da mutilação da vida como acontecer vertiginoso.

Havemos de ser – nas futuras manifestações da humanidade, uma espécie plausivelmente portadora de um misto de escolha e fatalidade, de programação biológica e invenção pós-biológica – arquitectos das muitas Torres de Babel fundadas no solo do nosso destino comum e pluralidade íntima.

Eis o que sinto e penso neste actual patamar da minha reflexão e na minha pessoal Torre de Babel.

Sinto que – ao modo de Fernando Pessoa, cuja obra, no meu entender, constitui uma tentativa absolutamente genial de efectuar, insinuar, representar, articular e transmitir um *rebooting* da nossa espécie (nada menos do que isso) – se nos impõe uma via de reflexão que vincule os mundos ostensivamente incomensuráveis de *logos* e *mythos*, i.e., o pôr em comunicação, em proximidade filosófica e existencial, as linguagens operatórias das ciências positivas (empíricas, da Natureza) e as linguagens hermenêuticas (de interpretação alicerçada na historicidade das subjectividades que criam e comunicam entre si as suas obras simbólicas e memória cultural). Este pôr em comunicação seria, no fundo, o pôr em contacto, o criar pontes, o alargar do território da nossa reflexão e da nossa compreensão do real. Tal alargamento acarreta efectivamente *the growth of understanding and the growth of the soul*.

(Há uma ironia nisto tudo: no acto de reflectirmos sobre um determinado assunto, alteramos inevitavelmente esse mesmo terreno: estendemo-lo, prolongamo-lo, reinventamo-lo. Pensar é repensar. Pensar é mapear e remapear. É recordar o mundo pelo prisma refractário da inteligência. É passar, com a mente, pelo estreito de um dia e de uma noite. Pensar convida-nos à desprogramação de um coração vulnerável. Ainda bem: sendo o humano por natureza lábil, metamórfico e incontrolável, o seu pensamento deve reflectir essa mesma natureza incontrolável. Daí que, para apaziguarmos os nossos estados de inquietação feroz, pensemos a fim de iluminar

as futuras etapas de questionamento e provisória síntese.)

Mais uma coisa em relação ao carácter histórico do nosso ser e do nosso entendimento (a tal historicidade da nossa consciência). Antes de agirmos, temos a escolha; depois de agirmos, temos a fatalidade.

Sendo assim, ciente da visão complexa, esperançosa e amargurada de um poeta como era a de António Gedeão, por exemplo, apercebemo-nos hoje em dia de que, com a terrível experiência dos genocídios e das guerras do século XX – que este nosso século actual se prepara para reinventar e prolongar –, o *desumano* (a demolição de um «tu» por um «eu» tirânico) e o *inumano* (a total erradicação do «eu» e do «tu» como elementos constitutivos do mundo) – de que a humanidade já se mostrou sobremaneira capaz – *pertencem infelizmente ao universo do humano*. Eis o carácter trágico da situação humana. Por isso mesmo sejamos criaturas inacabadas mas eticamente maduras, permeáveis ao novo mas, sobretudo, abertos ao «tu» de cujo bem-estar depende, afinal, o nosso próprio bem-estar. Tudo periga, tudo ilumina, tudo se encontra sempre na balança. Almejamos, porém, um progresso autêntico e libertador – primordialmente ético, no meu entender – para a história da nossa espécie.

Quem invoca a ética, diz no mesmo sopro isto: «Sou forte o suficiente para te destruir. Sem ti, porém, sou impotente para chegar a ser eu próprio.»

A criatividade do pensar, levado a um elevado grau de apuração, assinala até que ponto um poema, um quadro, uma dança, uma composição, uma teoria, um teorema – tudo – constitui para o ser humano um amparo, uma guarida interior, um miradouro a partir do qual conseguimos contemplar a vastidão do universo na sua real beleza e terror.

E depois, ao contemplar essa vastidão, o indivíduo torna-se cada vez mais apto a fazer do terror o ponto de partida para um estado de compreensão maior, i.e., fazer do terror o prenúncio do belo, do bom e do bem.

Assim vou pensando neste conturbadíssimo século XXI.

(Excerto de um e-mail enviado a um aluno nosso)

C ompreender é o que permite a salvaguarda do *humano* perante o *desumano* que destrói o tu e o *inumano* que elimina do mundo o que mais intimamente o constitui: a relação entre um «eu» e um «tu» renovada na infinitude de humanados exemplos de «eus» e «tus».

O mal é uma estação recorrente no calendário do humano; contudo, a nossa sede interrogativa, a nossa convivência com a incerteza é a nossa estação radical. Talvez o fenómeno da pergunta, a nossa sede interrogativa, bem como a aventura empreendida por subjectividades auto-reflexivas sejam sintomas do nosso estado de criaturas inacabadas, i.e., de animais inconclusos. A nossa “inconclusão”, como escreve Paulo Freire, é portadora de um mal-estar intimamente relacionado com a nossa humanização.

Compreender envolve tudo isto.

Abdicar ou recusar ou suprimir essa sede interrogativa, delegando a realidade «eu-tu» – sede de todo o diálogo – aos automatismos de uma ordem tecnocrática, a uma burocracia que vise transformar a pessoa num ser meramente funcional numa ordem social sem mediação possível, deixa vislumbrar o horizonte do inumano no território do humano.

*P*remissa

Compreender é um acto e um estado mais radical do que o inumano e o desumano. (Mas isso significa também que o pensar não nos proporciona a catarse definitiva em relação ao mal. Pensar é sempre, portanto, pensar numa situação de adversidade. Somos uma espécie de criaturas em risco, em queda livre, em amoroso voo rumo aos paraísos que imaginamos durante a queda.)

Compreender faz com que falemos entre nós de tal modo que a história se torna a nossa testemunha e não um impasse que se nos imponha. Assim entendido, no que respeita à história humana, não se trata, afinal, de uma multissecular prova da inevitabilidade do irracional, nem da irresistibilidade da crueldade e do sadismo.

Compreender é um acto e um estado mais radical do que as mandíbulas do nada (de que a situação humana é, contudo, também autora).

“More essential is analytic thinking; in the face of terror we might expect it to provide support and direction. But here, too, I arrive, and arrived, at disappointing results. Not only was rational-analytic thinking in the camp, and particularly in Auschwitz, of no help but it led straight into a tragic dialectic of self-destruction. What I mean by this is not difficult to explain. First of all, the intellectual did not so easily acknowledge the unimaginable conditions as a given fact as did the nonintellectual. Long practice in questioning the phenomena of everyday reality prevented him from simply adjusting to the realities of the camp, because these stood in all-too-sharp a contrast to everything that he had regarded until then as possible and humanly acceptable. As a free man he always associated only with people who were open to humane and reasonable argumentation, and he absolutely did not want to comprehend what now truly was not at all complicated: namely, that in regard to him, the prisoner, the SS was employing a logic of destruction that in itself operated just as consistently as the logic of life preservation did in the outside world.” (Jean Améry, “At the Mind’s Limits,” in *At the Mind’s Limits, Contemplations by a Survivor of Auschwitz and Its Realities*, trans. Sidney Rosenfeld e Stella P. Rosenfeld, afterword Sidney Rosenfeld, foreword Alexander Stille, Nova Iorque: Schocken Books, p. 10.)

O Holocausto: o Nada que nos interpela. A aporia que persiste

O Holocausto é um evento, um desenlace (i.e., portador de uma dimensão histórica, acarretando, portanto, uma complexidade causal que impele e, em simultâneo, orienta o pensamento da vítima, da testemunha e do estudioso); é igualmente uma ruptura e uma aporia, i.e., uma instante convocação para a compreensão.

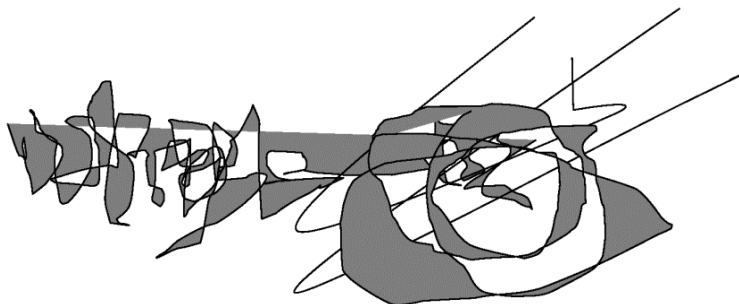
Trata-se, porém, de um projecto de compreensão daquilo que nega a compreensão, daquilo que se organizou de modo a destruir a comunicação entre o «eu» e o «tu» e levar à demolição do humano.

Daí que se trate de um projecto de compreensão que surgirá, portanto, nos estados extremos da linguagem e da comunicação, ou melhor, só após um prolongado trabalho de tradução desta epidemia do nada em novas etapas de compreensão, i.e., o desdobrar de um sentido, seja um conceito, seja um verso, seja um quadro, levando, por mais tenuemente que seja, à reapreciação da situação periclitante do ser humano no cosmos.

Desejamos compreender à luz póstuma desse Nada.

Mas quem diz “reapreciação”, diz, no mesmo sopro, a necessidade imperiosa de situar o ser humano (na sua manifestação singular e plural) precisamente na sua situação humana.

O Holocausto, como evento, como desenlace, como ruptura e como aporia, leva-nos, portanto, a questionar a existência (ou não) de uma orientação fundamental no tocante à história, à possibilidade de existir uma metafórica bússola interna para a nossa espécie, a uma conjecturada orientação radical (orientada precisamente para o Bem) perante o tempo do cosmos, as aporias da história e a finitude das gerações.



Dáí que:

o Holocausto, sendo um evento, um desenlace, uma ruptura e uma aporia, seja para nós também uma convocação.

Sim, uma *com-vocação*, i.e., um reunir de vozes ao serviço de um desígnio comum. Qual?

O de contribuir para a compreensão do Holocausto (e, às tantas, para além da cronologia historicamente determinável do Holocausto) a fim de impedir a transformação do Holocausto num metafórico museu bibliográfico, fotográfico e histórico colocado fora da reflexão axiológica. O de impedir que as vozes sobrevividas do Holocausto acabem num mausoléu de ecos e reminiscências moribundas. Daí, o trabalho da testemunha e do historiador, do pensador e do criador.

Incumbe comunicar tudo o que mutilou a linguagem, ou antes, destruiu o ser humano como totalidade expressiva para além do grito, para além do silêncio, para além da epidemia do *nada* que se implantou e se sistematizou na Europa dos anos trinta e quarenta.

*E*m torno do Holocausto

A realidade do Holocausto não só existiu, mas persiste hoje em dia – e persistirá –, não só nas suas consequências directamente observáveis, ou documentadas, ou avivadas na memória e nos depoimentos das testemunhas e dos sobreviventes, mas, igualmente, em virtude da história humana cujo âmago aporético o Holocausto define, uma história onde causa e efeito, fatalidade e escolha, patologia e teoria convergem de tal modo crítico que a consciência histórica se vê confrontada com a tarefa premente de *reapreciação das categorias fundamentais da existência humana em comunidade*, das premissas de uma *filosofia antropológica agora revisitada* e da possibilidade de haver sequer uma continuidade cultural. Este confronto prolonga-se até aos nossos dias e *para mais além*.

O pensar vê-se confrontado, às tantas, com a questão da sua eventual compatibilidade com o ser humano na sua vertente comunitária. O pensar vê-se confrontado com a percepção hoje em dia generalizada de que o pensar é passível de transformações – entre abruptas e incrementais – que conduzem, por sua vez, à *abolição da sua natureza fundamental*. Tal natureza fundamental age plausivelmente na reunião, na integração e na elevação do pessoal e do experiencial em significado comunicável, tendencialmente universal (i.e., superador do isolamento e do monólogo), da inteligência individual em comunidade plural e pluricêntrica e do carácter contingente da consciência humana em disponibilidade imaginosa e em abertura (para além da severa circunstancialidade atomizadora do ser moderno). A todos os níveis, a toda a hora, em todos os instantes em que *o acto e os estados do pensar* se tornam manifestos, o vínculo entre o «eu» e o «tu» – na radicalidade da esperança que intervém sempre no tocante à capacidade construtiva e transformadora do ser, sobretudo, quando o ser transforma o empedernido em permeabilidade – viu-se e vê-se em risco de ruir nas epidemias do *nada* (de que o pensar é ele próprio o autor), de se esvaziar de dentro para fora, de subordinar as metamorfoses possíveis do mundo em guião fanaticamente *terminal*. Eis a ruína (sempre potencial) que espreita o mundo humano.

Portanto, as datas históricas do Holocausto, embora determinadas, não deixam de ser uma ilusão da cronologia.

A partir do momento de sermos criaturas andantes e falantes, sofredoras e pensantes, *pensar* o Holocausto torna-se imperioso, um *site* de

reflexão incontornável, um *nada* próximo de nós, uma epidemia de incertezas que nos confrontam connosco próprios. Somos vectores do *nada*, sendo a sua manifestação absoluta o Holocausto. Assim, incumbenos detectá-Lo e decifrá-Lo, não como um evento passado, mas, sim, como um horizonte de questionamento sempre iminente. Eis um aspecto do paradoxo inerente à decisão de *pensar* o Holocausto: *o pensar deve pensar a possibilidade da sua própria abolição*. A consciência histórica deve investigar a denegação da história como (humanamente e humanisticamente) produtora de uma gnose libertadora e evolutiva da consciência individual. O *ser* do ser humano deve adumbrar e logo admitir uma ciência antropológica indissociável do *desumano* e do *inumano*.

Descobre-se, porventura, o que está em jogo no *acto e nos estados do próprio pensar*, i.e., quando levado à sua jogada absoluta: o pensar pertence às estruturas essenciais do ser. Contudo, *aquilo que destrói o pensar pertence às mesmas estruturas imanentes*. Daí, a periclitância do humano. Pode-se esquecer a toda a hora que o *ser* do ser humano é mais poema do que guião. Todavia, a sua poética é, por vezes, de natureza demoníaca.

Perante isto, compreender o incompreensível, pensar o impensável são realizações – inacabadas – que permitem, apesar da severidade das suas condições de articulação, a salvaguarda do *humano* perante o *desumano* que destrói o «tu» e perante o *inumano* que elimina do mundo o que mais intimamente o constitui: a relação entre um «eu» e um «tu». O que estará sempre em jogo senão o pensar ele próprio em delicada (e precária) expansão ao ritmo da nossa voz e do nosso corpo, um pensar, ora andante, ora em queda livre, um pensar, para todos os efeitos, fronteira e, em simultâneo, travessia?

Ora o Holocausto respira na encruzilhada de uma causalidade plural que exige uma epistemologia plural, sendo a arte uma via privilegiada de *reapreciação* do humano por ela ser de carácter aberto e infindo.

Premissa: A criação é um acto e um estado (ligeiramente) mais radical do que o mal.

A nossa identidade humana existe ao modo de um campo magnético mais do que de uma realidade unipolar; é plural mais do que isolada; humaniza-se na companhia dos outros – de outros eus – mais do que na separação e na alienação; enfim, constrói o seu mundo nas relações que tece e nas escolhas que faz relativamente a esta vasta partitura de vozes que constitui a humanidade.

O pensar, como acto e estado, tem como tarefa-mor a de tornar presente o que o não-pensar (a dogmatização do espírito, o fanatismo do coração, a impermeabilidade do nosso ser andante e falante) (re)nega, i.e., a dissolução das barreiras, o destronamento do monólogo, o dismantelamento das Engrenagens do desumano e do inumano ao cultivar a estação maior do humano.

A final, o *acto e os estados do próprio pensar* constituem um evento fundamentalmente plural e pluricêntrico: só se completa no entretecer de narrativas e na partitura polifónica de vozes que se interpelam mutuamente. O pensar manifesta e pratica uma disponibilidade, portanto, que incumbe ao ser humano exemplificar e aprofundar.

(Vemos que a Escola é um lugar potencialmente privilegiado para o aprofundamento do pensar, i.e., leva à potencialização da nossa compreensão do real porquanto somos aprendizes políglotas do mundo que contagia ininterruptamente os nossos sentidos, bem como norteia o nosso processo de *des-animalização* cultural. Contudo, a Escola, sendo uma instituição humana, historicamente contextualizada e ideologicamente maleável, pode trair este processo duplo de aprofundamento. Recorde-se que mesmo nos regimes totalitários havia Escolas, programas, compêndios, docentes e alunos. E traição à missão da Escola. Em consequência desta traição à sua missão fundamental, a Escola, no regime totalitário, por exemplo, serve para perpetuar um regime que nega absolutamente o *pensar*, a responsabilidade e a escolha. As chamadas democracias contemporâneas perfilham, por seu turno, programas e métodos que deturpam e, até, subvertem a missão fundamental da Escola. Com efeito, o *não-pensar* tende a predominar sobre o pensar; o medo grassa mais celeremente do que a compaixão; meras rotinas de aprendizagem substituem a autêntica prática e expressão da compreensão. Em quase tudo, e a toda a hora, a primordialidade da relação «eu-tu» – de que a Escola deve ter por missão salvaguardar e aprofundar – vê-se ameaçada senão aniquilada.)

*H*ans Litten (1903-1938): entre o tribunal e Dachau, que cantou “Die Gedanken sind frei” [Os pensamentos são livres], havendo uma antologia de canções – entre as quais esta composição – publicada nos primeiros anos do século dezanove

O advogado Hans Litten intimou Adolfo Hitler aquando do processo *Tanzpalast Eden*, em 1931, interrogando-o acerca do vínculo entre o Partido do Nacional-Socialismo [NSDAP], a violência da SA (a *Sturmabteilung* [a força paramilitar do Partido sob o comando de Ernst Röhm], predecessora da SS [*Schutzstaffel*] sob o comando de Heinrich Himmler) e a destruição da República. Com a chegada ao poder de Hitler, em 1933, aquando do incêndio do *Reichstag*, Litten foi preso. Seguiram-se cinco anos de interrogatórios e tortura. Suicida-se no campo de extermínio de Dachau em 1938.

Ordenado pela SS – no período que o antigo advogado passou como prisioneiro no campo de *Lichtenburg* (um campo de concentração a operar num castelo renascentista em Prettin, perto de Wittenberg, na província da Saxónia) – a participar nas comemorações do 46º aniversário de Hitler, Litten recitou a canção intitulada “Die Gedanken sind frei”.

Pelos vistos, os oficiais da SS presentes nas comemorações não se aperceberam do significado da sua letra.

Jean Améry (né Hans Maier [Mayer], (1912-1978)), sobrevivente de Auschwitz, filósofo e escritor, escreve no ensaio intitulado (em inglês), “On the Necessity and Impossibility of Being a Jew”:

Because it became hard for me to be a human being [em consequência do seu aprisionamento e repetida tortura pelos torcionários Nazi] does not mean that I have become a monster (Jean Améry, “On the Necessity and Impossibility of Being a Jew”, in *At the Mind's Limit, Contemplations by a Survivor on Auschwitz and Its Realities*, trans. Sidney Rosenfeld e Stella P. Rosenfeld, afterword Sidney Rosenfeld, foreword Alexander Stille, Nova Iorque: Schocken Books, p. 100).

Améry escreve igualmente o seguinte no mesmo ensaio:

In the end, nothing else differentiates me from the people among whom I pass my days than a vague, sometimes more, sometimes less perceptible restiveness. But it is a *social* unrest, not a metaphysical one. It is not Being that oppresses me, or Nothingness, or God, or the Absence of God, only society” (p. 100).

e

And still I profess loyalty to Enlightenment. ... In spite of all we have had to experience, I believe that even today, as in the days of the Encyclopedists, knowledge leads to recognition and recognition to morality. And I maintain that it was not the Enlightenment that failed ... but rather those who were appointed its guardians (Jean Améry, “Enlightenment as Philosophia Perennis”, in *Radical Humanism: Selected Essays*, ed. Sidney Rosenfeld e Stella P. Rosenfeld, Bloomington: Indiana University Press, 1984, p. 136).

Améry assinala que, para ele, o acto e os estados do pensar se encontram no limite da comunicabilidade, nos duros interstícios da prolixidade habitual, à margem da linguagem abstracta, metafísica e/ou teológica. Ser uma criatura terrestre que anda e pensa, espera e sofre leva-nos à seguinte revelação: somos seres não só sob coacção mas também sob rasura.

Entre a natureza histórica desta criatura terrestre no seu *agon* social, o terror torna-se coloquial e vizinho. *Agon* e cosmos partilham, então, os mesmos muros.

E, contudo, Améry acredita na Torre de Babel de uma humanidade iluminada.

O acto e os estados do pensar reescrevem e reinventam, portanto, um ser rasurado.

Johanna [Hannah] Arendt (1906-1975), teórica da política, escreve:

The longer one listened to him, the more obvious it became that his inability to speak was closely connected with an inability to *think*, namely, to think from the standpoint of somebody else. No communication was possible with him, not because he lied but because he was surrounded by the most reliable of all safeguards against the words and the presence of others, and hence against reality as such (excerto de *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil*, in Hannah Arendt, *Eichmann and the Holocaust*, Londres: Penguin Books, 1963, p. 20).

Dos dois lados da pergunta, *O que está em jogo?*, espreita-se o perigo. Para lá de todas as nossas conjecturas perante esta pergunta, predomina a destruição do ser como história e como persistente vibração ontológica. Dentro do vazio do monólogo, manifestam-se as epifanias tóxicas da razão adormecida.

*V*ariações sobre a preposição «entre»

A diferença entre o pensar e o não-pensar é a diferença entre o inquieto e o peristáltico.

A diferença entre a magia e a ciência é a diferença entre o ritual e o método.

A diferença entre o fanático e o pensador é a diferença entre a destruição e a destruição amorosa.

A diferença entre o humano e o animal é a diferença entre o poema e o guião.

A diferença entre a paz e a guerra é a diferença entre a relação e o vazio.

A diferença entre o «eu» e o «tu» é a diferença entre o mapa e o território.

A diferença da diferença é a diferença entre uma mente habitada e uma mente colonizada.

*E*pílogo ao significado dado à diferença da diferença na diferença entre uma mente habitada e uma mente colonizada

Consegue-se vislumbrar (entre as dimensões proto-especulativas do *aqui-e-agora* vivencial do indivíduo, a lógica institucional que substitui à compreensão a abstracção e à abstracção – decerto, uma das faculdades fundamentais da mente humana – empobrecedoras rotinas de memorização do saber impostas pelo sistema predominante de avaliação e, ainda, a degradação do diálogo em vazios de comunicação) a vera situação antropológica do ser humano, i.e., a de ser substância dinâmica, sede interrogativa, memória dialéctica, animal-pensador transformador do mundo e de si mesmo e consciência seduzida pela terapia da compreensão. Consegue-se, idealmente, diferenciar entre as *performances* essenciais do pensamento e o que são mais precisamente meras e infecundas estratégias de penitenciária que, hoje em dia, constituem os ouropéis fúteis, se bem que amiúde cobiçados, da Engrenagem tecnocrática.

A diferença entre *performance* fundamental e estratégia chama-se outrossim «des-hipnotização». Que não acaba na obtenção de uma verdade final, mas, antes, em algo mais interessante, mais fecundo e mais complexo: na nudez. Em que sentido? Trata-se da capacidade do pensamento de se abolir a si próprio a fim de se renovar. (Mesmo a dor envelhece, precisando de cuidados paliativos no laboratório transfigurador da imaginação.)

O que há de difícil nisto? Eis uma conjectura: a dificuldade reside na constatação da recursividade infinita da nossa contingência, na constatação de que a nossa mente é um endereço no cosmos (a que os nossos cinco sentidos dão a ilusão de ser a coroa de um sistema nervoso em sintonia directa com o cosmos); uma mente que se configura muito mais ao modo da concha espiróide do caracol (bela, geométrica, tanto virada para fora como para dentro) do que ao modo do homúnculo cujo sistema nervoso seria comensurável com a arquitectónica essencial do cosmos.

Esta nossa conjectura continua com as seguintes premissas: *não* somos comensuráveis com o universo. (Por isso mesmo observamo-lo e pretendemos compreendê-lo.) O adulto não é a culminação de uma identidade pré-formada desde o estágio embrionário. Paralelamente, a mente não possui uma inteligência intrinsecamente portadora da natureza ou do desígnio, da génese ou da história ulterior do cosmos.

A mente não é o porto seguro destinado ulteriormente a uma espécie de desenraizados radicais.

Isto é a nossa conjectura. É uma conjectura a que o pensamento nos levou. É uma conjectura por certo equívoca.

Contudo, por hoje, é o que está ao nosso alcance.

O que penso a respeito da missão do docente

O docente não é nem empresário (que tem de orientar o que faz em termos de investimento humano e financeiro com vista a uma maior concentração de riqueza posterior – independentemente da natureza específica da sua actividade empresarial), nem investigador (momentaneamente transposto do seu espaço laboratorial para a sala de aula). Quer o investigador, quer o empresário concretizam projectos próprios. Almejam por definição finalidades diversas do que as do docente: cumprem objectivos e realizam os seus projectos de vida com outros critérios e outros argumentos.

Que faz o docente, então? Primeiro, não faz: *é*. O que *faz*, então, é fazer com que o *ser* do ser humano se manifeste, se exponha, se torne poroso, se deixe penetrar de sede interrogativa. *Que faz o docente?* Pretende contribuir para que o ser (que é, por definição, um animal andante e pensante) se entregue a si mesmo. O docente projecta-se na palavra, enraizada no *aqui-e-agora* do diálogo, a fim de aproximar a palavra às exigências do ser nas sucessivas crises (deliberativas e, por isso mesmo, transformadoras) do seu despertar. O ser deste animal andante e pensante é, afinal, um *dado*, *não-dado*: apreende-se mais claramente nos momentos – raros – em que vislumbra o que ainda há nos antípodas da sua actual concretização existencial, i.e., a possível restituição da história do seu ser ao campo magnético do devir. O ser é, afinal, um *ser*, *não-ser* que se determina às tantas num estado de criativa indeterminação, quando leva a sua inteligência até ao *ainda não-pensado*, a um *pensado-não-pensado* que é, por definição, libertador e, em simultâneo, exigente, responsável e, sobretudo, irresponsável (um estado do ser em que o pensamento adquire a dimensão de máxima liberdade e em que a liberdade adquire a dimensão de exigência incondicional porquanto *a liberdade do pensamento é em si um valor sem condição*). Perante tal liberdade ferozmente incondicional – na sua exigência interna e na mobilização da inteligência deste ser agora entregue a um pensar e a um andar cuja potência entretanto aumentou –, o indivíduo sente-se livremente convocado, mas, acima de tudo, intensamente orientado em direcção ao *perto*, *não-perto* do ser –, i.e., o estado senciante e conceptualizante de um ser doravante em vias de se abrir – num estado de veemência ontológica – à vertigem criativa. Eis o que é o ser em fase de plena metamorfose (tornando-se, sob o efeito desta impulsão libertadora, mais iminente futuridade do que história

concretizada). Aliás, tal história concretizada recua doravante perante a investida do novo. Eis, aqui esboçado, um momento pertencente ao drama de uma espécie intempestiva, um drama a eclodir continuamente nas intermitências esquecidas do cosmos.

Despertar para quê e para o quê? Em torno desta questão, pensamos do seguinte modo: *despertar para responder à tentação da compreensão*. Compreender, para quê? Para atingir o amparo possível à face da Terra para um ser aflito, um ser, por definição, em perigo, um ser que facilmente se desequilibra perante os vazios e a bruteza da consciência informe de que o ser é, ora vítima, ora vizinho, ora vector.

O contrário do informe não se prende só com a ideia de fronteira e forma, de organismo e geometria, de campo magnético e membrana sentiente. O oposto do informe é, sobretudo, o ser em metamorfose, a inteligência em movimento, o tempo do cosmos sentido num ser ao rubro, um ser doravante feito de instantes incendiados pelos êmbolos dementes de um coração finito.

Que faz o docente? O docente – no seu relacionamento com os alunos na sala de aula – encarna e projecta, contagia e se deixa contagiar, exemplifica e aprofunda uma arte do ser. Uma arte de ser humanamente. É sinaleiro de *sites* de intensidade reflexiva onde a compreensão se aguça e o ser se reencontre consigo próprio. O docente convida o ser – a começar com o seu próprio ser – a viver num estado um pouco mais integrado, um pouco mais poroso, um pouco mais plural, um pouco menos tosco.

Compreender e ser. Compreende o ser. Compreender para ser. Sim. Mas a compreensão não é fonte de lucro. O cultivar de uma personalidade criativamente autónoma, intempestivamente pensadora, porosa e agonicamente desperta não é alvo de um projecto de investigação. (Não obedece à calendarização, nem de excéis, nem de resultados.)

Nos intervalos do mundo que *já lá está*, vislumbra-se por fim o que faz o docente na companhia e com a cumplicidade dos seus alunos.

Caro U.,

Daí que eu trabalhe, no meu pensar e no meu agir, no meu escrever e no meu relacionar-me com o mundo, para uma república de cidadãos assumidamente, autenticamente diferentes e, por isso mesmo, capazes de trabalhar para uma comunidade alicerçada nas diferenças que a fundam. Partilhamos e vamos descobrindo o legado comum da nossa humanidade mediante a ideia, e a lenta concretização, da comunidade formada pelas nossas singularidades.

Tudo depende da saúde do nosso relacionamento com o mundo, com os outros e connosco próprios. Para tal, viver de acordo com a nossa autenticidade, com a nossa genuína humanidade é fundamental. Para tal, é essencial o poder estruturante do pensamento, a necessidade de cultivar um distanciamento crítico perante a agitação hipnotizante e enfeitiçadora do mundo que *já lá está*.

A Escola deveria participar nesta caminhada de humanização, i.e., *in the growth of understanding and growth of the soul*. Mas a Escola que *já lá está*, à semelhança do mundo que *já lá está*, faz, no meu entender, o contrário.

Como docente, sou – por feitio, por experiência, por posicionamento filosófico e práxis pedagógica – um ser esperançoso.

Sou um modestíssimo mas apaixonadíssimo fazedor de micro-utopias. Só consigo fazê-las na companhia dos alunos, com o auxílio da linguagem que tento afinar um pouco todos os dias na minha escrita e no meu diálogo com os outros. Que tento realizar modestamente mediante a minha ideia de que há quatro ou cinco verbos essenciais transversais a todas as línguas e a todos os tempos: escutar, dialogar, amar, transformar e resistir. Eis o que sinto e penso.

Um ser que busca e indaga, que ama e anseia, que resiste e cria, que pretende compreender com a totalidade do seu ser aquilo que, todavia, a sua contingência torna problematicamente fora do seu alcance...

(Excerto de um e-mail enviado a um aluno nosso)

A geometria dupla do pensar (em torno de...)

Exemplo: um círculo manifesta não apenas uma forma empiricamente perceptível e matematicamente determinável mas, outrossim, um encontro entre a mente e a matéria. Uma árvore é uma geometria com raízes e folhagem. A sua solução geométrica é euclidiana. No entanto, a árvore simboliza também a memória do mundo iluminado pelas estações extáticas da imaginação.

Um diálogo-monólogo

Para o João: amigo, docente, músico

Sentamo-nos aqui? Nestas duas cadeiras? O que achas? Sim? Ótimo. Dizes que te incomoda – que rejeitas mesmo – os condicionalismos e os constrangimentos que observas na Escola, na Sociedade, no Mundo e na História. Dizes ainda que tais condicionalismos são incompatíveis com uma vida de reflexão e de criação, uma vida que exige, antes do mais, autonomia e bem-estar. Pois é. Concordo contigo. E, contudo, devo dizer o seguinte: o pensar cresce sempre na adversidade e apesar dela. O pensar só consegue detectar e decifrar – chegando, até, a neutralizar os seus efeitos tóxicos – as circunstâncias deletérias que condicionam a nossa vida na medida em que o pensar representa, ela própria, a circunstancialidade-mor do ser. Perguntas-me como. Digo-te o que penso: a vida é uma jaula. Vivemos todos numa jaula particular destinada precisamente para cada um de nós e exclusivamente para nós. Esta jaula metamorfoseia-se ao longo da nossa vida: é célula, é casa, é sociedade, é caixão, é cosmos. Acima de tudo, a jaula são as nossas ilusões. E a ilusão suprema seria plausivelmente a ilusão de que a (nossa) jaula não existe. Mas, sim, existe. Ela é o nosso endereço no universo, a nossa dimensão exígua de criaturas contingentes e finitas. Na jaula, que é nossa, intransmissivelmente nossa, há paredes e grades. Mas já agora: se abrisses uma janela numa das paredes da jaula? E se, com as tuas próprias mãos e as metafóricas mãos que são as tuas ideias e as dos outros que vão iluminando os recessos arcanos da tua jaula, abrisses agora uma porta? Como hás-de agradecer a essas mãos a sua generosidade? Achas impossível? Essa será, se calhar, uma ilusão tua de que dispenso. Quanto a mim, a jaula é a provocação necessária, a provação essencial, a morada única e, em simultâneo, a prisão que o amor destrói e o amor supera. Eis a única ilusão que me resta na vida: o amor. Com esta derradeira ilusão tenho os dentes afiados para o festim do todo que momentaneamente escorraça o nada.

A partir do meu miradouro para o todo, alugo a minha jaula aos contabilistas que servem a Engrenagem do mundo que *já lá está*.

*E*squecer/perdoar

Intolero a crueldade. Denuncio a hierarquia sádica. Enjeito o não-pensar sistêmico.

Intolero a dor infligida a outros. (Odeio a arrogância dos decisores e agentes da Engrenagem.)

Não é honesto afirmar perdoar quem quer que seja; trata-se de uma atitude arrogante e impossível. Não se perdoa: compreende-se. Contudo, compreender, ou, antes, procurar decifrar a natureza do mal nos seus actos e nas suas atitudes – quer sejam nossos, quer sejam de outros – nunca é perdoar, nem justificar o mal compreendido.

Melhor seria, acho: esquecer. Esquecer a dor sentida na pele, nas goelas, no sangue, na carne que recorda a chaga infligida.

Esquecer essa dor – resultado da colisão entre os corpos na hemorragia da indiferença – para a metamorfosear na dor recordada de um corpo maior, i.e., o da humanidade. Para quê?

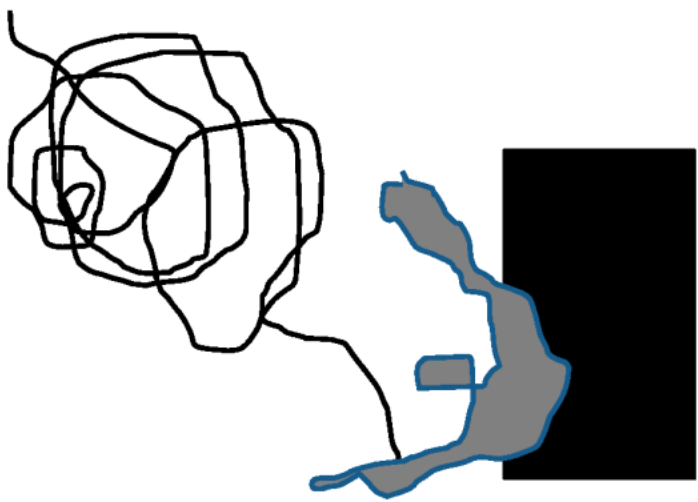
Excursus e Reprise

O mal é a indiferença que, contudo, procura a proximidade. O bem cultiva a distância nos interstícios da partilha. Na distância torna-se real a compreensão, uma compreensão pautada pelos compassos da com/paixão. A música é a compreensão e a com/paixão em movimento ritmado – eros imaterial, a sonoridade de uma compreensão vindoura. A música estrutura a iminência de um pensar diferente; exprime as reminiscências de uma linguagem maior. Disponibiliza a utopia da mente – da mente acusticamente apreendida – perante si mesma nas intermitências do silêncio. A utopia existe porque recordamos o nosso desejo de ser *mais*. Eis a prenhez da imaginação: a tentação de uma ontologia maior. Na música, a percepção aperfeiçoa-se na espiral incipiente da orelha-concha, na orquestra óssea a vibrar no ouvido. Na música, mente em movimento e cinética acústica convergem. Na música, o pensamento culmina num estado de dinâmica libertada. Nela, forma e conteúdo coincidem. Nela, o tempo estrutura-se diferentemente, abrindo-se a um ritmo autónomo: eis o estado de graça que emana de um pensar maior.

A cultura é o suplemento, a excursão periclitante de um animal insaciável que se move e se deixa comover pelos compassos difusos do tempo e do espaço: peregrino de/mente.

Não perdoar. Esquecer (acto realizado num registo restrito, considerado a partir de um determinado plano menor). Não esquecer (acto realizado num registo mais amplo): eis um pensamento que estrutura o meu sentir e o meu agir.

(Prefiro manter a chaga sem penso.)



Um mundo povoado por seres viciados, não em heroína, mas, antes em actos e estados do próprio pensar... (!)

*E*m torno da música: entre o pensar e o não-pensar. Apontamentos.

Qual é a proximidade da música ao pensar? Ouvir: manifestação ideativa. Uma cognição que contorna a palavra, se bem que seja comensurável com a narrativa. A música narra, torna manifesto o quê? Manifesta um conhecimento nos interstícios existentes entre o pensar e o não-pensar, entre o conceptual e o emotivo: daí, equilíbrio, harmonia do pensar e do não-pensar. Para comunicar o quê?

A música: entre a fatalidade e a escolha. A música: a ontologia do tempo. A música: a arte de ser humanamente. De ser um ser humano. De se assumir como um ser-devir.

"Dear to me always were the last surviving goddesses Justice and Liberty." (Giosuè Carducci, 1835-1907)

Os valores orientadores da nossa existência – a verdade, a justiça, a liberdade – não emanam de ideias eternas, platonicamente entendidas, nem se encontram penduradas num ou noutro cabide ideológico de que a história humana está repleta – e de que a modernidade é a infeliz autora prolífica. A verdade, a justiça e a liberdade existem, pelo contrário, debaixo do céu cambiante da Terra, dentro da biosfera, sujeitas às condições severas, mutáveis e instáveis da *meteorologia* humana. É claro, então, que temos apenas a nossa relação – por sua vez, dinâmica – com aquela supracitada trilogia: deusas sujeitas ao agreste clima interior de criaturas humanadas.

Por serem elementos do universo relacional – humanado – elas perderam como valores orientadores apenas sob a condição de existirem num estado de adversidade extrema, i.e., na inclemência originada na relação agónica que os seres humanos têm consigo próprios e com os outros. O universo relacional dos nossos valores afinam-se e concretizam-se no encontro do «eu» com o «tu». Mas quem se abre ao «tu», abre-se ao risco e ao perigo. Entre um «eu» e um «tu», o encontro e o desencontro acontecem e, ao modo da história do mundo, esse encontro imprevisível é também isto: catástrofe primaveril, poética danificada, florescimento periclitante.

Os nossos valores de maior premência são aqueles que, por mais perto da troposfera, mais dependem da nossa disponibilidade deliberativa, permeabilidade dialógica e atitude compassiva para com a nossa condição de animais em perigo.

(Neste instante de escrita, enxergo pela janela uma árvore. Centenária, viridente, frondosa, cujas raízes se expõem parcialmente – apesar da estrada que há anos encobre a terra com pavimento onde a árvore anteriormente germinou, um pavimento agora gretado e esburacado – a árvore curva-se tortuosamente num gesto de genuflexão vegetal, devido, sem dúvida, às frequentes tempestades e aos ventos constantes que açoitam esta zona litoral. Se bem que exposta e nua perante uma Natureza inóspita, a árvore ruma ao Sol, embora de modo oblíquo, vergada mas não vencida.

Assim prossegue o ser humano perante a Terra inclemente onde cada dia nosso é uma nova folha incendiada pela prolixa dureza da vida.)

Pensar, ou exige-nos um tributo quase insustentável, ou é o nada com que o não-pensar nos mata.

*H*aiku desnovelado (1)

Uma criança que chora.

Uma criança que um progenitor aterroriza. Uma criança imobilizada face ao progenitor que se lhe dirige aos gritos. (Um outro progenitor que não intervém.) A maneira como o grito incendeia então o ar, afoga a boca, esmaga o ouvido que se quer rente ao latejar expectante da terra pisada.

Eis algumas coisas que deveriam parar o mundo.

*H*aiku desnovelado (2)

O passado recordado e transfigurado.

Uma palavra avistada e resgatada. Um pensamento formulado e comunicado. Um encontro inesperado e imprevisível. Um corpo velho que é beijado. O tempo vivido, não como um *quando*, mas como um *como*.

Coisas que aceleram o mundo.

Sinédoque, metonímia, metáfora: em torno da linguagem figurada ao serviço do pensar e do não-pensar

Sinédoque [“Synecdoche (...). Substitution of part for whole, genus for species, or vice versa (...). (...) Kenneth Burke has written: ‘The more I examine both the structure of poetry and the structure of human relations outside of poetry, the more I become convinced that this is the ‘basic’ figure of speech, and that it occurs in many modes besides that of the formal trope’] (*The Philosophy of Literary Form*, p. 26),” cit. in *A Handbook of Rhetorical Terms*, Richard A. Lanham, 2nd Edition, University of California Press, 1991, p. 148).

Metonímia [“Metonymy (...). There are four types, corresponding to the four Causes: substitution of cause for effect or effect for cause, proper name for one of its qualities or vice versa (...). Kenneth Burke (...) includes metonymy in his list of four ‘master tropes.’ Each, he points out, can perform a function considerably wider than its formal rhetorical definition might indicate:

For *metaphor* we could substitute *perspective*;
For *metonymy* we could substitute *reduction*;
For *synecdoche* we could substitute *representation*;
For *irony* we could substitute *dialectic*.”] (ibid., p. 102)

Metáfora “[Metaphor (...). Perhaps it is metaphor’s intrinsic *instability* which has attracted so much recent attention: to appreciate the metaphoricality of metaphor we must posit a nonmetaphorical, normative ‘reality’ against which to project the metaphorical transformation. The oscillation of the two reality states, normative and transformative, provides the essential bounded instability of a bistable illusion.”] (ibid., p. 101)

Aprecio a referência à instabilidade de estados de realidade (“reality states”), a tensão criativa activa entre o formativo e o transformativo, a relação entre o discurso figurado – tropológico – e a sua capacidade correlata de relevar aspectos, virtualidades e potencial metamórfico na sua interacção com o real. Eis o que se pode esperar de uma mente encarnada, característica dos animais falantes e andantes da nossa espécie. O discurso figurado – tropológico – manifesta os recursos intrínsecos da linguagem humana (as operações estruturalmente proteiformes da comunicação); exprime uma dimensão evolutiva essencial da mente na encru-

zilhada entre o somático e o territorial, entre a consciência e o mundo, i.e., entre, por um lado, o desejo de permanência por parte de um corpo-mente e, por outro, a projecção problemática deste corpo-mente na sua aventura agónica pelo mundo. Eis, então, a mente defrontada com a teia espaço-temporal do seu território vital: a magnitude de instantes habitados por uma criatura finita portadora da ilusão do infinito (pois, sendo criaturas contingentes, resta-nos tão-só a ilusão da nossa continuidade para lá da ruptura orgânica, para além do *sensorium* natural que nos condiciona – que é também a nossa exigente escola afectiva).

A linguagem figurada – tropológica – encarna a revolta contra a contingência. Como fazer da contingência uma magnitude maior? Como dar relevo ao mapa da nossa pequenez extasiada?

À luz da terminologia acima referida, portanto, apercebo-me de que habito e, em simultâneo, reflecto sobre a instabilidade da Torre de Babel. Faço do andar que habito na Torre o miradouro intransmissivelmente meu – infalivelmente parcial – a partir do qual organizo uma teia de significados associados à minha tentativa de compreender tudo aquilo que desconheço, tudo aquilo que me ultrapassa e que, contudo, sinto tão perto de mim. Trata-se de uma teia que amo, pois o amor, em tais casos, representa a (ilusão de) relação entre uma mente alojada num crânio (que se encontra, por sua vez, integrado numa comunidade de células organizada, agitada, mortal, em contínua comunicação entre si) e o território do real que lhe define a extensão dos seus feitos e a altura das suas faculdades. Um corpo-mente que é um campo magnético de dissonâncias momentaneamente orquestradas, um corpo-mente que é a manifestação bípede de uma realidade assimétrica (essa totalidade instável – ilusória – que se designa por mente-corpo-mundo), um corpo-mente que, qual árvore, cresce tanto para baixo como para cima e, note-se, sempre a partir da floresta neuronal de criaturas de/mentes).

Algumas premissas:

- A mente é um pedaço de mundo; a mente participa do mundo. É também uma presença que nasceu aquém de uma alfândega para sempre invisível.
- As visões desta mente são pedaços de um mundo imaginado.
- Temos a nossa perspectiva sobre o mundo – arduamente ganha – ora ampliada, ora fraccionada pela luz do pensamento. Esta luz é uma metáfora inseparável da redução e da substituição, da ironia e da dialéctica.

- Destarte somos e não somos criaturas andantes e falantes (pois, às tantas, seremos bússolas sem agulhas, relógios sem ponteiros, papel rasgado de um mapa maior, ou, porventura, intervalos de um mapa apenas sonhado).
- Temos sede de tempo e de espaço. A história – subordinada à epistemologia do legível – dá-nos mensagens, ora curtas, ora encriptadas.
- A nossa linguagem é uma realização parcial alimentada pelo desejo de sobrevivência; proporciona um abrigo contra as mandíbulas do *nada* que circula e espreita. Somos, portanto:

*bolbo a florescer numa placa de Petri;
infecção cantante;
breve estação de pensamento a regar as planícies do nada.*

Exemplo de uma sinédoque:

EA Escola é – conjectura-se – a Casa do saber; o Ecossistema humanamente criado mais sensível à inquietação cognitiva da nossa espécie.

A Escola é um todo. Ela relaciona-se intimamente com o acto e os estados do pensar.

Temos, porém, a substituição desta prometida totalidade venturosa pela camisa de força que são as rotinas do nosso ser programado. De tão programados, chegamos a achar a camisa leve.

Nós: bichos-sinédoques perante o magma metafórico do real.

(Somos Prometeus agrilhoados que sorriem e, para animal de estima, temos uma ave que nos visita – sôfrega – à noite.)

Para o poeta e amigo António Gedeão, autor do «Poema de andar à roda»

A compreensão acarreta responsabilidade. A responsabilidade acarreta escolha. A escolha acarreta abertura. A abertura acarreta compaixão. A compaixão acarreta vida. A vida acarreta encontro. O encontro acarreta desencontro. O desencontro acarreta distúrbio. O distúrbio acarreta sobressalto. O sobressalto acarreta medo. O medo acarreta ódio. O ódio acarreta fanatismo. O fanatismo acarreta morte. A morte acarreta ruptura. A ruptura acarreta dor. A dor acarreta perda. A perda acarreta busca. A busca acarreta assombro. O assombro acarreta inquietude. A inquietude acarreta impasse. O impasse acarreta a pergunta. A pergunta acarreta o ignoto. O ignoto acarreta a dúvida. A dúvida acarreta indagação. A indagação acarreta compreensão. A compreensão acarreta responsabilidade.

Etc.

O mal banaliza-se: o monstro veste a sua farda limpa todas as semanas, calça sapatos engraxados, lubrifica com o seu não-pensar as rodas da Engrenagem. O mal funciona melhor na disfuncionalidade do mundo. O mal germina nos vazios de comunicação, na demolição do «tu», na ausência de futuro. (Até o Paraíso genesíaco era disfuncional. Ninguém falava com ninguém, ou, antes, falavam apenas em monossílabas. Só a serpente detectara ou inventara entretanto a linguagem prolixa do desejo. Assim, árvores, fauna e o mítico casal existiam atrelados a uma sub-cave do Absoluto. Desconfiavam ser meros cabides encarnados numa feira de distrações: fantoches ontológicos, o esboço de algo ou de alguém, o início apenas de uma voz. Mas, claro, eram também mais um pouco do que tudo isso: eram criaturas – suspensas num terrário de vidro – que decidiram matar a eternidade.)

O bem vulnerabiliza-se. O bem não tem história: aparece nos intervalos entre as manhãs e a morte. O bem não tem peso: tem presença. O bem não é guião: é relação. O bem não seduz: permeia. O bem não ocupa: habita. O bem não ensina: é. O bem é o exemplo: único, intransmissível, transformador.

Entre o abrigo sonhado e a malevolência potencial da vida, a criança cresce.

“In the camp the intellect in its totality declared itself to be incompetent. As a tool for solving the tasks put to us it admitted defeat. However, and this is a very essential point, it could be used for its *own abolishment*, and that in itself was something. For it was not the case that the intellectual – if he had not already been destroyed physically – had now become unintellectual or incapable of thinking. But it nullified itself when at almost every step it ran into its uncrossable borders. The axes of its traditional frames of reference then shattered. Beauty: that was an illusion. Knowledge: that turned out to be a game with ideas. Death veiled itself in all its inscrutability.” (“At the Mind’s Limits,” in Jean Améry, *At the Mind’s Limits, Contemplations by a Survivor on Auschwitz and Its Realities*, trans. Sidney Rosenfeld e Stella P. Rosenfeld, afterword Sidney Rosenfeld, foreword Alexander Stille, Nova Iorque: Schocken Books, p. 19.)

«En imaginant demain, ce qu’apparemment aucun animal ne sait faire, nous avons donné valeur au présent.»

«Il faut prendre conscience de l’apport d’autrui, d’autant plus riche que la différence avec soi-même est plus grande.»

«Etre conscient que demain existera et que je peux avoir une influence sur lui est le propre de l’homme.» (Albert Jacquard, geneticista, 1925-2013)

Para a Eduarda

Falta o quê ao pobre?

Resposta: Não lhe falta inteligência. Não lhe falta sensibilidade. Não lhe falta talento. Não lhe falta vontade de viver. Não lhe falta razão. Não lhe falta amor. Não lhe falta desejo. Não lhe falta projecto de vida. Não lhe falta dignidade.

Falta-lhe justiça.

[Brevíssimo diálogo truncado entre um «eu» a um «tu», habitantes vizinhos da Torre de Babel:

Perante o sofrimento dos outros, é inaceitável a indiferença. Não gostas de falar das tuas mágoas? Do teu próprio sofrimento? Muito bem: por isso mesmo ocultas dentro de ti o que sentes. Por que é que és indiferente, então, ao sofrimento alheio? Há quem sofre que não pode esconder o seu sofrimento. A vida arrancou-lhe a máscara. Ficou então exposto às inclemências criadas pela nossa espécie. O que era interior passou para o exterior. O que era exterior tornou-se acha e cinza. Agora o interior está à flor da pele. Passou a ser a própria pele.

E tu olhas para quem sofre com desdém, ou com indiferença, ou como mais um fugaz estímulo logo esquecido oriundo do sensorium bio-cibernético do mundo contemporâneo. Tens um banquete de tais estímulos. Vejo a tua saciedade agitada de tão ininterrupta e desfocada.

Digo-te: És mau vizinho na Torre de Babel que nos reúne a todos.

(Entre tu e eu, desejo reencontrar a esperança como se tratasse de uma calamidade recorrente, um vício de luz e leveza; persistir apesar da chaga; persistir até a chaga sarar.

A cicatrização da chaga, ora desejada, ora provocada, é a história da nossa colectiva Torre babélica.)

(E, ao fim de tudo, partir se assim se desejar, pois a vida é, afinal – plausivelmente –, uma chaga sem cura.)]

“Vision comes to a human being from one direction at a time: to look at a room or a landscape, I must move my eyes around from one part to another. When I hear, however, I gather sound simultaneously from every direction at once; I am at the center of my auditory world, which envelopes me, establishing me as a kind of core of sensation and existence (...). You can immerse yourself in hearing, in sound. There is no way to immerse yourself similarly in sight.

By contrast with vision, the dissecting sense, sound is thus a unifying sense. A typical visual ideal is clarity and distinctness, a taking apart. The auditory ideal, by contrast, is harmony, a putting together.

Interiority and harmony are characteristics of human consciousness. The consciousness of each human person is totally interiorized, known to the person from the inside and inaccessible to any other person directly from the inside. Everyone who says 'I' means something different by it from what every other person means. What is 'I' to me is only 'you' to you (...).” (Walter Ong, 1912-2003)

*N*ovo exemplo do tropo denominado por *sinédoque*

Começa-se com a abundância imaterial de uma espécie cuja inteligência é de natureza dinâmica e interactiva. Continua-se com a cultura, i.e., a cultura mais-do-que-a-Natureza, ou pós-Natureza, ou, ainda, a Natureza reinventada pela primeira tecnologia da humanidade: a imaginação. Prossegue-se com a abundância imaterial, imaginativamente interpretada na iminência da sua concretização cultural. A abundância imaterial resulta da colaboração de muitas mentes entre si. A cultura é uma realidade sobremaneira social, sem centro fixo, sem maioria fixa, sem identidade fixa: é, por natureza, plural e pluricêntrica. O seu coração inacabado é de natureza amorosa e agónica. Somos da natureza dos vertebrados (a macieza da pele é recurvadamente penetrável, epidermicamente permeável, móvel ao deslocarmo-nos pelos nossos *sensoria* circundantes mutáveis). Em contrapartida, os invertebrados (de exterior quitinoso e, nalgumas espécies, de um exterior de carbonato de cálcio bio-mineralizado, ou seja, biogénico) são segmentados, dotados de uma motilidade, ora alada, ora rastejante, se bem que portadores de um exoesqueleto rijo, desconhecedor, portanto, da movência infinita de, por exemplo, o orifício bucal característico dos vertebrados hominídeos. Especificamente, o orifício hominídeo aqui em foco é um profuso emissor de palavras, devorador de fauna e flora e revelador de um insaciável eros ideativo e corpó-

reio cuja trajectória segue a poética prenhe das formas e dos símbolos. Enfim, trata-se de um animal hominizado que se cumpre no andar e no pensar destinados, por seu turno, a uma filogenética demência fecunda.

O *humano*: um *site* de recorrente intensidade reflexiva, um leito sulcado por uma torrente temporal de encontros e desencontros. O *humano*: estuário encarnado por uma espécie de nascituros perpétuos, vector de novos regimes de *sensoria* a partir do útero osmótico de si mesmos. Chama-se cultura a este processo de osmose pluricêntrica. Chama-se igualmente Babel. (Como se pode ver: andar e pensar – juntos – espalham sementes e sismos.)

Na Escola que *já lá está*, não é assim. Vê-se antes o seguinte: obrigam-se os alunos – em dia de teste – a sentarem-se afastados uns dos outros o mais possível; o silêncio impõe-se; o corpo – antes macio e interactivo – encontra-se agora hirtos e vigiados. A Escola torna-os invertebrados (acarretando o desaparecimento do notocórdio, da espinha dorsal e do bolbo cerebral). É então que a faculdade imaginativa se engrossa e endurece; a mente, de tão isolada, se canibaliza a si própria. A mobilidade exterior e, em simultâneo, a movência interior afrouxam neste ambiente onde propagação ideativa e sublevação simbólica se paralisam de tão vigiadas. A única liberdade que conhecerão limitar-se-á às numerosas estratégias pertencentes ao universo penitenciário que estes réus – que é o que os alunos efectivamente são – consigam imaginosamente pôr em prática.

Separação, emudecimento, rigidez, imobilidade, isolamento, vigilância, canibalismo cognitivo, penúria ideativa, impermeabilidade, hiperqueratose da imaginação: assim opera a pedagogia destinada a criaturas condicionadas para serem impervios ao acontecer vertiginoso da vida. Sujeitam-se a uma simbólica mudança de subfilo, à ruptura do seu ser essencial, à interrupção dos privilégios difíceis da sua espécie. (Trata-se de uma metamorfose de natureza artrópode de linhagem kafkiana: condição áspera e, por fim, terminal, remanescente do destino de Gregor Samsa.)

Em tal Escola, impõe-se a praga de ideias invertebradas ao invés da babélica, venturosa abundância osmótica do pensar.

Eis uma sinédoque (a substituição do todo pela parte ou vice versa) que se pratica diariamente em detrimento da nossa espécie amorosa e vulnerável.

“A linguagem política, tal como é usada pelos políticos, nunca se aventura por este tipo de terrenos [i.e., a busca de verdade em plena liberdade deliberativa], dado que a generalidade dos políticos, tanto quanto nos é dado observar, se interessam não pela verdade mas pelo poder e pela manutenção desse poder. Para manterem o poder, é fundamental que as pessoas permaneçam na ignorância, que ignoram a verdade, até mesmo a verdade das suas próprias vidas. Estamos pois rodeados por uma vasta teia de mentiras, de que nos alimentamos”. (Harold Pinter, A Teia, Lisboa: Edições Dinossauro, 2006, p. 19)

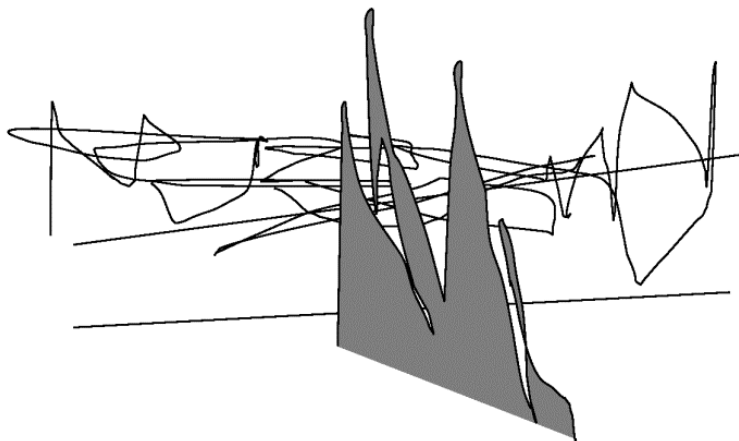
“Genuine freedom, in short, is intellectual; it rests in the trained power of thought, in ability to ‘turn things over,’ to look at matters deliberatively, to judge whether the amount and kind of evidence requisite for decision is at hand, and if not, to tell where and how to seek such evidence. If a person’s actions are not guided by thoughtful conclusions, then they are guided by inconsiderate impulse, unbalanced appetite, caprice, or the circumstances of the moment. To cultivate unhindered, unreflective external activity is to foster enslavement, for it leaves the person at the mercy of appetite, sense, and circumstance.” (John Dewey, “How We Think”)

*P*remissa:

Na Torre de Babel, temos muitos vizinhos. Caracteriza-nos uma convivência difícil. A comunicação é problemática. O diálogo é raro. A relação entre um ser humano e o seu próximo ocorre de modo imprevisível, ou não ocorre de todo, ou ocorre de modo esporádico apenas. É mais fácil destruir do que construir; é mais comum odiar do que escutar; é mais corrente os poderosos da Terra serem demagogos do que contribuírem para a saúde da comunidade humana, uma comunidade que desde sempre tem sido de natureza plural e pluricêntrica. **(Por que é que a história se escreve ainda quase exclusivamente do ponto de vista dos vencedores ou do ponto de vista dos que pretendem sê-lo a qualquer preço?)**

Eis a seguir uma tentativa de reproduzir aspectos do discurso político de certos vizinhos da nossa Torre de Babel do século XXI. Tal tentativa não pretende apoiar o que há de doentio no discurso político actual, amiúde desprovido de razão e de decência. Não: pretende **denunciá-lo. Em contexto pedagógico, trata-se de um exemplo de um certo teatro da crueldade, sendo a crueldade, neste caso, a que sentimos na pele ao ouvirmos os silogismos grotescos da moderna demagogia fanática. Portanto: reproduzir para diagnosticar e denunciar.**

Dito de outro modo: **o texto que se pode ler a seguir não reflete de todo o que pensa o seu autor.** O autor-docente limita-se simplesmente a elaborar um discurso que finge adoptar aspectos salientes do discurso fanático-demagógico **para melhor poder criticá-lo, cercá-lo com o auxílio de outra ideia do que deve ser a comunidade humana do nosso século XXI,** uma ideia que este autor acredita ser portadora de uma visão deveras inclusiva, democrática, paritária e abundantemente pedagógica. Para tal, toda a humanidade deve estar em pé de igualdade, toda a humanidade deve participar sem medo no rumo da história de que é autora e, em simultâneo, legatária, toda a humanidade deve poder viver de acordo com as suas potencialidades únicas. Finalmente, todo o ser humano deve poder viver a sua autenticidade, a sua diferença, à luz de uma comunidade plural que valorize a seguinte verdade: **é através das nossas diferenças que se realiza o que há de comum entre todos: seres andantes e pensantes com fome de mais liberdade e mais justiça para todos e entre todos.**



Um discurso – de natureza demagógica – elaborado no âmbito do seminário de Pensamento Contemporâneo a fim de promover a sua análise posterior entre alunos e docente, i.e., a análise do papel desempenhado pelo não-pensar que caracteriza exemplos largamente difundidas do discurso político contemporâneo

A minha história é como a de muitos de nós. É uma história de luta e de conquista, de sonho e de realização.

Não nasci para ser pobre. Nasci para realizar o meu sonho, para realizar o vosso sonho. Não nasci para apenas desejar que as coisas

aconteçam. Nasci para comandar uma cidadania mobilizada para conquistar a grandeza comigo. Vivemos, irmãos e irmãs, num período de grande decadência. O nosso país – um país único na história do mundo, país supremo em justiça e em liberdade, em riqueza e em poderio militar – jaz hoje em dia num estado profundamente decadente. Trata-se de um estado de decadência que certos colegas nossos e certos cidadãos nossos, que não o merecem ser, impuseram a todos nós, nós que somos crentes em Deus e fiéis à grandeza da nossa nação. Sabemos bem quem são esses traidores e esses portadores de veneno que levaram o nosso belo país ao seu marasmo actual. São todos aqueles que odeiam o que representamos: Deus, Pátria, a família tradicional, e sabem muito bem o que quero dizer quando proclamo a família da nossa nação: uma família com uma mãe e um pai!

É hora de recuperarmos o que esses traidores que se agacham nas sombras nos roubaram: a grandeza, a riqueza, a força, a religião, os valores e a moral.

Diante de vós, aqui e agora, garanto poder restituir o nosso país à sua antiga grandeza. Peço humildemente a vossa ajuda, pois todos acreditamos ferverosamente nas mesmas coisas. Estamos agora unidos porque, só unidos, sob a mesma bandeira, com as mesmas crenças e com a mesma fé, é que poderemos vencer os eixos do mal que conspiram incessantemente contra nós, quer fora, quer dentro do país.

Vamos deitar fora este lixo!

Como sairmos então vitoriosos deste marasmo, desta decadência, desta perda de confiança, desta agressão contra a pureza da nossa nação, contra a grandeza do nosso carácter, contra a supremacia do nosso país no mundo?

Digo-vos: é simples. O meu programa é simples. É simples, sim, e, embora exija, e exigirá, de nós grandes sacrifícios no futuro, sabeis que tenho razão, pois a minha razão é a vossa. A vossa é também a minha. Para realizarmos o nosso destino, para recuperarmos a nossa identidade, para conquistarmos novamente o nosso lugar único no mundo, devemos, sim, eliminar aquilo que pretende espalhar o seu veneno entre nós. Devemos eliminar aqueles que alguns dos nossos representantes, legalmente eleitos mas que agem contra quem somos – em nome de uma falsa ideologia da democracia, uma falsa interpretação dos direitos humanos, uma falsa

mensagem de igualdade para todos e entre todos – dizia eu, devemos eliminar aqueles que alguns representantes eleitos permitem ficar. São aqueles que não merecem nenhuma igualdade. Não merecem ficar entre nós. Mas são precisamente aqueles que não merecem ficar entre nós que agora nos ditam e nos impõem novas e falsas ideias e crenças. Digo-vos humildemente, com a fúria dos anjos-guerreiros de antanho: devemos eliminar, então, aqueles que agora *infectam* o nosso país: os que vieram de fora, os imigrantes que entraram e continuam a entrar ilegalmente no nosso país e que nos vampirizam, aqueles que entram para violarem as nossas mulheres e as nossas filhas e roubarem, para assassinar e destruir o nosso belo país. São igualmente aqueles que, tendo nascido cá, procuram espalhar os seus modos de vida – os seus *life styles* – que pervertem a família – *as nossas famílias* – e os seus valores sagrados. São ainda aqueles que vêm cá para cometerem actos de terrorismo.

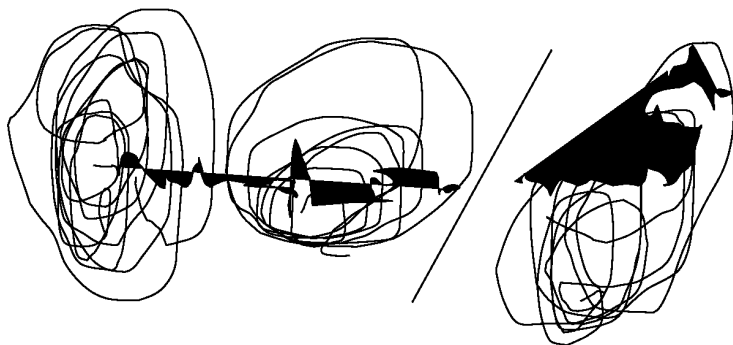
Que farei ao ser o vosso líder? É simples: mandarei para fora todos os nossos inimigos. Mandarei construir grandes muralhas que serão erguidas a fim de defender a nossa grandeza. Mandarei, igualmente, ilegalizar tudo o que hoje em dia conspurca a nação e a nossa fé. Tudo. Eliminarei. Limparei. Restituirei.

A grandeza do nosso país – recompensa de origem divina pela excepionalidade da nossa missão histórica no mundo – estará novamente connosco.

Caros compatriotas, tenho lutado muito. Tenho lutado muito para realizar o meu sonho Que é também o vosso sonho. Eis-me agora diante de vós – o vosso irmão – ciente do vosso mal-estar, da vossa tristeza, das vossas preocupações. Conheço-vos. Somos unos e somos unidos.

Digo-vos: votem em mim.

Deus está connosco.



Neste discurso simulado, trata-se da nossa tentativa de explorar, no âmbito do seminário por nós leccionado, ou melhor, de reflectir sobre o *não-pensar* na sua vertente política. **Pensar o não-pensar: eis a questão e a nossa tarefa.** Como tal, vemo-nos defrontados com questões difíceis, com elementos do **grotescamente desumano e do aterradoramente inumano**, i.e., a destruição do «tu», do *outro* = o **desumano** e a eliminação do «eu» e do «tu» da própria história (no seu carácter duplo de padrão tragicamente coercivo e fractalmente imprevisível) = o **inumano** da tecnocracia global que entretanto se nos impõe e que visa nivelar a história plural e pluricêntrica do mundo ao serviço de uma ideologia hegemónica. O discurso acima patente elaborou-se de modo a desencadear a reflexão sobre vários elementos do *fazer-política* e do *pensar-a-política* que hoje em dia cultivam o **espectáculo da violência encenada** tendentes ao exacerbar dos apetites irracionais; a **massificação** da cidadania tendente à **manada-ficção da mente** e o **a-criticismo** tendente aos **paroxismos do ódio e do fanatismo**.

Assim entendido, o discurso acima patente constitui um acto de escrita difícil para este autor, mas serve, como – espera-se – se poderá apreciar, para assinalarmos, detectarmos, diagnosticarmos e **compreendermos** melhor como funciona a demagogia fanática independentemente do seu contexto historicamente específico porquanto o fanatismo funciona – ao modo de uma infecção oportunista num corpo debilitado – em termos de raiva, de medo e da **eliminação da possibilidade da escolha**, sendo a escolha precisamente o fruto do verdadeiro pensar, da verdadeira consciência crítica, da nossa real e humana fome de mais liberdade e de mais justiça. Em resumo, **a demagogia condena o pensamento e a escolha como ameaças a suprimir e a destruir.**



O poeta Robert Desnos (1900-1945) viajou num dado dia na companhia de outros condenados. Perto do campo de Theresienstadt, ao descerem das carruagens que os transportaram até à morte previsível numa vala comum, Desnos inventa e encena um brevíssimo teatro diante dos guardas e torcionários. Começa a ler a fortuna nas palmas frias e sujas dos seus companheiros de viagem, pressagiando uma longa vida, contrariamente à morte certa e iminente que aguardava os membros do grupo. Tal momento insólito desconcertou – momentaneamente – a engrenagem da morte.

Eis um exemplo da criação de um intervalo entre as epidemias do nada e as cordilheiras invisíveis da palavra.

*A elevação do ser pela palavra cuja vocação é levá-lo
para lá da destruição inumana e desumana;*

A leveza do humano a resistir às mandíbulas do nada;

*O efeito levedante da imaginação sobre criaturas andantes
e pensantes, i.e.,
barro aflito, barro chumbado, barro amante.*

Ser docente é ser um docente-aluno, i.e., ser ao modo das palavras primárias – que são, na verdade, palavras combinadas – semelhantemente ao par primordial «eu-tu», segundo o pensamento de Martin Buber. (Ser aluno é igualmente de natureza plural: é ser um aluno-docente.)

Portanto, não se trata de uma realidade quantificável mas, antes, relacional.

Importa, sobretudo, a qualidade desta relação docente-aluno como par primordial imanente à gramática íntima do ser, bem como manifestação individuada, i.e., de humanado fenómeno patente na sala de aula.

Juntos, docente e alunos inventam uma linguagem.

Juntos, docente e alunos criam um ecossistema imaterial.

Ser docente é ser um docente-aluno: eis uma maneira singularmente plural de viver à face da Terra.

Um aforismo (quase)

O território do humano abrange também o desumano e o inumano. O ser humano deve atravessar este deserto em jejum. Assim, a mente alimentar-se-á exclusivamente dos banquetes incandescentes do pensamento.

*P*rova em duas partes: 1) Leitura e 2) Escrita

Primeira Parte: Leitura

1. *Mr. Heart-Laugh* chegou ao mundo. Andou e pensou. Amou e desapareceu. (Descobriu que o mundo era por vezes mais leve do que um grão de areia. Deixou-nos esta pergunta: *Quanto pesa uma hora?*)
2. *Mr. Heart-Laugh-Less* chegou ao mundo. Andou e pensou. Amou e desapareceu. (Descobriu que o mundo era por vezes mais chaga do que luz. Deixou-nos esta pergunta: *Quando haverá nesta Terra uma estação de paz, uma palavra sem faca, uma ferida sem sal?*)
3. *Mr. Heart-Laugh-Least* chegou ao mundo. Andou e pensou. Amou e desapareceu. (Descobriu que o mundo era só isto ou aquilo, sim ou não, alfa ou ómega. Deixou-nos esta pergunta: *Por que havemos de abrir este intervalo no tempo – a que chamamos vida – quando cada vida é o nada a sangrar?*)

Segunda Parte: Escrita

Nome: _____

Data: _____

B.I.: _____

Responder, por favor, à seguinte questão num máximo de 150 palavras: Qual dos três Mr. Hearts tinha razão?

As questões mais interessantes não têm resposta. É a própria vida que responde.

Ao escutar Vespro della Beata Vergine de Claudio Monteverdi (1567-1643)

O antónimo da palavra *pergunta* não é a palavra *resposta*: é a busca. (Na verdade, não se trata aqui de antónimos mas, sim, de uma sonoridade imanente à estrutura antifonal da mente.)

Para o amigo, matemático, docente e músico João Simões

A compreensão sem a compaixão é como uma ideia sem pulmões, uma abstracção sem pés, um pensamento sem mundo, uma razão sem ar, uma mente sem casa (e cada neurónio tão afiado como a ponta de uma faca).

(Tudo está interligado. Tudo está entrelaçado. Tudo está em tudo.)

O que é uma aula?

Não é um lugar: é um evento.

Não é uma ciência: é uma ética.

Não é um produto: é uma poética.

Quando se descobre a encruzilhada onde ética e poética convergem e se tornam unas, pode-se afirmar sem hesitação: eis o que é uma aula.

Ao nível atómico, onde tudo acontece a uma velocidade elevadíssima e de modo quântico, a Natureza, ao ser enxergada pelo observador humano, revela ser de natureza probabilística. Em contrapartida, no tocante à vida humana, o probabilístico ocorre mais de acordo com o vagaroso calendário gregoriano. Por exemplo, *é mais do que provável* eu levantar-me amanhã, à mesma hora de sempre. *É mais do que provável* eu dar aulas, dialogar com alunos e jantar em casa ao fim do meu dia de trabalho. *É mais do que provável* eu fazer isto ao longo desta semana e das próximas. Etc., etc., etc. O que não se coaduna com um estudo probabilístico da minha vida é o facto de eu ter nascido num determinado país que hoje em dia não habito; de ter inicialmente aprendido uma língua que hoje em dia raramente falo; de ter interiorizado na infância umas quantas verdades acerca do mundo que hoje em dia nem eco fazem no meu ser; de ter assimilado na adolescência uma determinada ideologia nacional, uma determinada fé, uma determinada narrativa (que ambicionava ser hegemónica) acerca dos vencedores e dos vencidos deste mundo que hoje em dia não aceito e, até, veementemente repudio; de ter sentido desta ou daquela maneira, recordado deste ou daquele modo, convivido com os outros deste ou daquele jeito que hoje em dia nem em estado de zombie ou de sonâmbulo eu saberia voltar a sentir, ou recordar, ou praticar. (Porque, entretanto, tudo se transformou.)

A longo prazo, o mundo probabilístico dos átomos constrói um universo complexo – fractal, entrópico, quântico, determinadamente indeterminável.

A longo prazo, um ser humano, habitante da escala empírica da Natureza, sujeito a leis, decretos, costumes, tradições, Engrenagens e outros condicionalismos no seu dia-a-dia, cria uma natureza imprevisível, não pré-determinada, vocacionada para uma futuridade da sua autoria na companhia de outros seres bípedes também crescentemente improváveis.

É assim a natureza do «eu»: uma totalidade que se completa na futuridade que ele próprio inventa, i.e., que se revela apenas à escala de uma vida inteira.

É assim a hetero-cronologia do universo.

O fenómeno peculiarmente humano da fé não reflecte uma etapa transitória da história da consciência individual e colectiva da espécie (superada ulteriormente ao atingirmos os positivismos superiores da mente pós-metafísica). É, antes, a manifestação de uma determinada modalidade de cognição, uma determinada relação entre as palavras, o universo e uma organização deste discurso combinado (palavra-universo) conjuntamente com a faculdade narratológica inerente à mente subjectivada. A relação entre esta faculdade de criar narrativas com o reservatório plausivelmente quase ilimitado – rememorativo do manancial de invenção melódica da espécie – de novos significados, é fruto de um ser fundamentalmente especulativo e imaginoso. A mente em movimento imaginoso é uma mente vocacionada para o futuro, i.e., para a afinação do ser no seu desdobrar histórico. A faculdade narrativa e a faculdade imaginosa da mente humana constituem uma levedura ubíqua que faz do presente um apeadeiro em direcção ao futuro. A narratividade, a imaginação e a futuridade fazem da consciência humana um motor de metamorfose e criação; fazem da mente um intérprete ininterrupto da sua própria condição temporal. A mente reside num animal humanado que desabrocha apesar da resistência temporal que o condiciona e ameaça aniquilar, uma ameaça oriunda da finitude da sua condição animal. (Sendo, porém, um animal humanado, um animal que orienta o seu destino em função do dinamismo dos seus símbolos, a sua imunidade às investidas da morte processa-se mediante a membrana de símbolos e narrativas de que é autor.)

Dito isto, resta-nos concluir que essa membrana – protectora e infinitamente maleável – torna-se barreira e/ou arma a partir do momento de a mente pretender transformar a sua narrativa e a sua imaginação especulativa num discurso hegemónico.

Qual será o remédio para tal discurso hegemónico? Aventa-se a seguinte hipótese: admitir que nunca saberemos tudo. Admitir que a certeza humana é apenas uma estação, não uma permanência, ou um endereço fixo, ou uma posse nossa. Admitir que a única verdade é a fragilidade das nossas verdades. Admitir que a compreensão é fruto de uma relação entre a mente indagadora e o universo. Admitir que tal relação exige a participação de outras mentes. Admitir que esta relação é a chave para tudo. Admitir que a levedura mais potente é a compaixão. (Os alicerces da Torre de Babel do século XXI não poderão dispensar-se mais da argamassa de compaixão.) Admitir que a compaixão admite a

pluralidade das narrativas. Admitir que esta pluralidade de narrativas exige, por sua vez, uma imaginação plural em movimento, em metamorfose e em diálogo. Admitir que é só assim que a Torre de Babel resistirá às rupturas vividas no tecido temporal por criaturas finitas em guerra consigo próprias.

O fenómeno da fé não precisa de ser ultrapassado, pois é-nos inerente como mais uma faculdade do cérebro humano que evoluiu à face da Terra. O fenómeno da fé precisa, antes, de ser completado. Incumbe-nos, portanto – como uma espécie pensante –, restituir às múltiplas manifestações da fé a consciência da sua efectiva multiplicidade: admitir que as manifestações da fé são tendentes à ritualização, ao dogmatismo e ao congelar da acção levedante da imaginação. Perante tal congelar, fica forçosamente de fora a compreensão da Natureza – no seio da qual surgimos como animais humanados – como facto observável e destino evolutivo. Perante tal congelar, a relação «eu-tu», orientada em termos de sustentabilidade e vizinhança apaziguada, torna-se susceptível de amadurecimento interno e externo. Tal amadurecimento permite detectar e superar a politização e instrumentalização da fé por interesses de horizonte limitado, que funcionam, na maioria dos casos, ao serviço de uma narrativa nociva para a continuação da vida no planeta.

A fé, ou abre-se a uma auto-compreensão à luz da sua intrínseca multiplicidade, fruto da imaginação, da narrativa e da vocação futurológica da espécie ou, receia-se, não haverá plausivelmente futuro.

Para tal, penso que a fé deve aprender a acolher a descontinuidade entre as múltiplas narrativas da fé dentro da continuidade maior de uma imaginação dinâmica pluricentricamente comum.

(Eis também a missão da Escola.)

The mission of education: growth of understanding and growth of the soul

“It is more accurate to say that we are experiencing a renewed encounter with science and technology. For a long while, science and technology were more insulated from everyday life than they are now. Today scientific findings and technological change impact upon us in an immediate way – we have a more dialogic or interrogatory relation with them than in the past. We are all finding out what philosophers of science have uncovered, that science rests upon organized scepticism – a preparedness to give up cherished beliefs; upon contestation and the mutual critique of scientific experts.”

(Anthony Giddens [n.1938], in *Conversations with Anthony Giddens, Making Sense of Modernity*, p. 117.)

“Everything turns upon dread coming into view. Man is a synthesis of the soulish and the bodily. But a synthesis is unthinkable if the two are not united in a third factor. This third factor is the spirit. In the state of innocence man is not merely an animal, for if at any time of his life he was merely an animal, he never would become a man. So then the spirit is present, but in a state of immediacy, a dreaming state. Forasmuch as it is present, it is in one way a hostile power, for it constantly disturbs the relation between soul and body, a relation which endures, and yet does not endure, inasmuch as it has endurance only by means of the spirit. On the other hand, it is a friendly power which has precisely the function of constituting the relationship. What then is man’s relation to this ambiguous power? How is spirit related to itself and to its situation? It is related as dread. It cannot do away with itself, so long as itself is outside of itself. Neither can man sink down in the vegetative life, for he is determined as spirit. He cannot flee from dread, for he loves it; really he does not love it, for he flees from it. Innocence has now reached its apex. It is ignorance, but not an animal brutality, but an ignorance which is qualified by spirit, but which precisely is dread, because its ignorance is about nothing. Here there is no knowledge of good and evil, etc., but the whole reality of knowledge is projected in dread as the immense nothing of ignorance.” (Søren Kierkegaard [1813-1855], in *The Concept of Dread*)

Caro F.,

Digo-lhe: *I believe in belief*. Explico-me: sigo o significado etimológico da palavra *belief*, em inglês, crer, em português, croire, em francês. Ou seja: *belief* pertence ao mundo daquilo tudo que aprendemos a amar e, amando, procuramos sustentar com esse amor, especificamente, em prol de valores que serão dos mais sustentáveis: a liberdade, a justiça e o próprio amor, que estes três exigem um espírito de disponibilidade, abertura, generosidade e serenidade perante um universo que, na verdade,

é, plausivelmente, indiferente ao ser humano, e que evolui e tem evoluído independentemente de qualquer guião absoluto para a nossa espécie. A nossa missão como seres humanos, portanto – trata-se de uma *belief* pessoal minha apenas, aqui – é a de cultivar a compreensão e a compaixão ao longo da nossa vida, na companhia dos outros, em nome da mais plena realização das nossas capacidades possível. *I believe na destruição amorosa*, i.e., acredito que o acto de pensar é mais criativo do que o não-pensar; acredito que a disponibilidade para com os outros e para com a vida é mais urgente do que o meramente egoísta.

E digo isto tudo como um homem assumidamente laico.

Quanto à questão da fé, no contexto de uma religião particular, tenho pouco a dizer. A fé pertence à humanidade, isto é, faz parte do nosso património imaterial. Procuo, porém, desenvolver uma compreensão do mundo mediante os saberes científicos, filosóficos e estéticos que temos vindo a desenvolver ao longo dos últimos séculos, em particular. Procuo centrar a minha vida na compreensão da nossa história conturbada tal como temos existido de facto à face da Terra. Ao mesmo tempo, vejo e aceito perfeitamente também que a fé faça parte íntima da vida de muitas pessoas. O mundo é vasto e tem lugar para tudo isto e para todos nós. Sobretudo, acredito que a fé é uma experiência sumamente pessoal. Constato, contudo, que hoje em dia a fé continua a deixar-se politizar, deixando-se instrumentalizar por interesses que pouco têm a ver com a fé, que, reitero, me parece ser algo que deve ser profundamente ancorado na pessoa na sua **singularidade** humana, na sua **consciência** de ser uma criatura mortal, na sua **escolha** de interpretar a vida como, ora **provação**, ora **comunhão**, ora **transcendência**.

Quanto à crença e ao dogma, bem como ao cepticismo associado às práticas da comunidade científica, é um tema de enorme complexidade que eu próprio vou estudando. Há momentos em que uma ideia científica se pode tornar dogma, mas, então, torna-se um obstáculo mais do que uma certeza.

O que aprecio nas pessoas que tenho lido e/ou com quem tenho falado, que são cientistas, é precisamente a sua capacidade de questionar, sondar, rever e mesmo “abolir” o seu pensamento em resultado da sua busca de uma linguagem teórica e uma confirmação experimental das suas ideias, pessoas que evoluem consequentemente ao longo da vida.

(Excerto de um e-mail enviado a um aluno nosso)

“Love is wise; hatred is foolish.” (Bertrand Russell)

O fanatismo não se limita a um período específico da história: é, antes, independentemente do contexto temporal, um sintoma. O fanatismo é prolixo na sua raiva, que alimenta, por seu turno, a sua visão redutora do mundo, da história e da humanidade. O fanatismo reflecte um estado patológico da mente. O fanatismo é tributário da humana tentação pela distopia. O fanatismo é uma doença cognitiva: prodiga certezas quando o mundo precisa de ideias. O fanatismo é uma doença moral: prodiga inimigos quando a nossa Torre de Babel colectiva precisa de vizinhos. O fanatismo é uma doença da imaginação: prodiga cenários terminais quando o mundo precisa dos miradouros infinitos da curiosidade.

Porquê o fanatismo? Porque o ser humano é processo ou, melhor, acidentado caminho de humanização; porque o território do humano abrange o desumano e o inumano; porque a natureza humana é mais um processo de metamorfose do que um endereço fixo; porque esta mesma natureza humana é fruto de um ser que deve escolher, sendo que a escolha pertence ao universo de uma mente que aspira à razão; porque a razão floresce apenas quando consegue desconvocar o medo; porque a mente que escolhe pode também escolher o desumano; porque, ao invés de desconvocar o medo, a razão por vezes sucumbe-lhe; porque, ao invés de desenfeitiçar os ídolos da sua própria idiotia (na acepção grega do termo, *idios*, i.e., peculiar a uma língua, a um lugar, a uma pessoa, ou a uma entidade; separado; à parte; e, por extensão, de idioma exclusivamente egocêntrico, de autismo moral, de identidade impermeável ao *outro*, de ontologia quarentenada na pseudo-auto-suficiência do *idiota*), tudo se torna periclitante e premente; porque o fanatismo aspira a que tudo em sua volta se funda no metal afiado das verdades que proclama; porque, ao negar a intrínseca vulnerabilidade e idiotia das suas verdades, destrói o que salvaguarda a humanidade dos efeitos nocivos do fanatismo, i.e., as lições do amor e a graça da compaixão.

Na floresta tóxica das verdades proclamadas pelo fanático, a vida torna-se insustentável circunstância, negação radical, praga niilista.

A última e derradeira verdade do fanático – aquela verdade que permeia a sua linguagem e a sua imaginação – é a morte: berço e horizonte ulterior da sua mensagem.

Contudo, a palavra humana, quando é a palavra enunciada sem capacete e sem a faca sonhada, pertence à sonoridade genesíaca da vida.

Breve discurso para a Torre de Babel do século XXI em torno do fanatismo. Reprise.

Na Torre de Babel, temos muitos vizinhos. Temos uma convivência difícil mas não impossível na nossa colectiva Torre de Babel. Constatamos que a comunicação entre nós é problemática. O diálogo é ainda raro. A relação entre o ser humano e o seu próximo ocorre de modo imprevisível, ou não ocorre de todo, ou ocorre de modo esporádico apenas. Constatamos que é ainda mais fácil destruir do que construir; é ainda mais comum odiar do que escutar; é ainda mais corrente os poderosos da Terra serem fanáticos do que contribuir para a saúde da comunidade humana no seu todo, uma comunidade que desde sempre tem sido de natureza plural. **(Por que é que a história se escreve ainda quase exclusivamente do ponto de vista dos vencedores ou do ponto de vista dos que pretendem sê-lo a qualquer preço?)**

O que creio, porém, é o seguinte: a humanidade merece viver em pé de igualdade; a humanidade merece participar sem medo no rumo da história de que é autora e, em simultâneo, legatária; a humanidade merece poder viver de acordo com as suas potencialidades únicas. Para tal, o indivíduo deve ter acesso às condições de vida necessárias a fim de poder descobrir essas suas potencialidades. Saúde, educação, uma ordem política ao serviço dos mais vulneráveis que, as tantas, somos todos nós. Finalmente, todo o ser humano deve poder viver a sua autenticidade, a sua diferença, à luz de uma comunidade plural mas paritária que valorize a seguinte verdade: **é através das nossas diferenças que se realiza o que há de comum entre todos: seres andantes e pensantes com fome de mais liberdade e mais justiça para todos e entre todos.**

Sim, eu sei: vemo-nos defrontados hoje em dia com questões difíceis, com elementos do **grotescamente desumano e do aterrorantemente inumano ostensivamente em expansão**, i.e., a destruição do «tu», do *outro*, que é como defino o **desumano** e a eliminação do «eu» e do «tu» da própria história, que é como defino o **inumano**, fruto da tecnocracia global que, entretanto, se nos impõe e que visa nivelar a nossa história plural – babilónica – ao serviço de uma ideologia sadicamente hegemónica. Hoje em dia, o não-pensar – *que caracteriza a política* – encena a violência simbólica como se fosse o ensaio demente da futura violência concretizada; cultiva a **massificação** da cidadania tendente agora à **manada-ficação da mente**; e impõe o **a-criticismo** tendente ao **ódio e ao fanatismo**.

Mas, e o fanatismo? O que penso é o seguinte: o fanatismo opera independentemente do seu contexto historicamente específico. O fanatismo funciona ao modo de uma infecção oportunista num corpo debilitado. O fanatismo age em função de raiva, de medo e da **eliminação da possibilidade da escolha**. Mas é precisamente a escolha que nasce a partir do verdadeiro pensar, da verdadeira consciência crítica, da nossa real e humana fome de mais liberdade e de mais justiça. O fanatismo **condena o pensamento e a escolha como ameaças a suprimir e a destruir**. Contrariamente ao mundo entendido segundo a imaginação do fanático, urge cultivarmos a responsabilidade da escolha sustida pelo pensamento, pela serena deliberação, por uma leitura o mais apurada possível no tocante a quem somos e a quem somos ainda capazes de ser na companhia dos outros, pela imaginação (vertentes ética e intelectual) que privilegia a luz sobre a chaga. Ao contrário da pseudo-emancipação de impulso fanático, urge pensarmos a política para ela melhor servir a comunidade humana, para melhor convivermos na Torre de Babel do século XXI – torre plural, torre-*in-progress*, torre de abundante riqueza imaterial.

*E*m torno do filme O Grande Ditador de Charlot à luz de uma reflexão sobre a democracia e a demagogia

Caro D.,

O que posso dizer neste apeadeiro da minha reflexão é o seguinte: o discurso do barbeiro (nos antípodas do discurso do ditador momentaneamente preso e silenciado na narrativa do filme) destaca precisamente o que *não* é característica do discurso de um demagogo/ditador. É um discurso (o de Charlot) que faz apelo, *não* a uma visão redutora (e, por extensão, não alardeia soluções simplistas – perigosamente redutoras – em relação à condição humana), mas, sim, muito pelo contrário, apela para uma visão infinitamente mais complexa, mais inclusiva e abrangente, mais diferenciada e, ao mesmo tempo, mais universalista relativamente a essa mesma condição. Qual é essa condição humana? Numa primeira abordagem, diria: a condição de um humanado animal que anda e pensa através da floresta do tempo e no *agon* da vida social. Ora o fanático elimina o que considera superficial. Mas o que é que considera como sendo superficial? Respondo da seguinte maneira: precisamente aquilo que constitui a essência da realidade humana, que é, desde sempre, de uma grande complexidade. É essa complexidade que o fanático recusa pensar.

No entanto, a política – sendo, em parte, tributária de uma ciência da percepção, i.e., a construção discursiva e ideológica de uma percepção socialmente habitada, generalizada e diferenciada dentro da comunidade humana (chegando alguns membros da qual a ocupar lugares de chefia) –, é igualmente uma arte de *reconhecimento* do *agenciamento*, ou *agency*, ou *agencement* de uns e de outros, se bem que de modo diferentemente distribuído, numa determinada comunidade histórica. Uma ordem política mais ou menos democrática *reconhece*, quando mais não seja, um grau de autonomia individual em termos de pensamento e de acção dentro de tal comunidade. Se se tratar de um agenciamento alargado, vamos a caminho de uma democratização da comunidade e de um reconhecimento aprofundado dessa autonomia. Em contrapartida, se se tratar de um agenciamento circunscrito, vamos a caminho das oligarquias, das plutocracias, das aristocracias, das monarquias, das ditaduras, do partido único, etc.

Admita-se que a democracia não seja uma ordem política perfeita. (Diria que a democracia precisa de cultivar activamente essa admissão no interior mesmo da sua actuação.) A perfeição não pertence à condição humana. Contudo, a ditadura, bem como a demagogia sonhada pelos fanáticos de que se serve a ditadura, leva à destruição precisamente em nome de uma iminente perfeição que, contudo, é sinónimo de morte. Porquê? Porque o fanatismo e os seus representantes fanaticamente demagógicos, elimina da comunidade precisamente o que a democracia, mesmo as nossas imperfeitas, salvaguarda: a indeterminação criativa de que cada um de nós é portador, a abundância imaterial da nossa inteligência que consegue desmascarar e denunciar – por via da razão crítica – a actuação prejudicial, os lugares do não-pensar, a demência ideológica e a obsolescência das nossas instituições. Se tudo leva muito tempo, em termos políticos, i.e., em termos de novos agenciamentos e diferentes níveis de *reconhecimento* (i.e., novidades ao nível da percepção e da acção, que a razão crítica promove), isto deve-se, penso, ao facto de as nossas instituições democráticas não operarem sempre impulsionadas por esta razão crítica. Daí que a democracia possa quase imperceptivelmente degradar-se em demagogia e fanatismo. Daí, igualmente, a imprescindibilidade de instrumentos discursivos e institucionais (a Escola, sobretudo) no que respeita a uma percepção renovada por parte da comunidade em relação às suas instituições e às suas práticas. Mas isto é precisamente o que traduz o espírito da democracia e, inversamente, o que a demagogia e o fanatismo suprimem. O fanatismo suprime a essência histórica da comunidade humana, cuja essência reside no fenómeno absoluto que é a vida, i.e., na vida de seres humanos que nascem, crescem e morrem. Somos nós que construímos uma ordem política. A democracia permite, bem ou mal, concretizar exemplos dessa construção mais abrangente, complexa e universalista.

Julgo que a demagogia e o fanatismo são sintomas de uma política que, na sua generalização imposta, deforma a percepção e limita o agenciamento possível, eliminando a complexidade da vida humana na sua concretização individual e colectiva. Em contrapartida, o ser humano pretende realizar a sua vida – como projecto entre uma pluralidade de projectos heterogéneos – num espaço comum, apesar da natureza problemática dessa mesma vida em comum. Onde a democracia salvaguarda a complexidade, a demagogia e o fanatismo cultivam a visão redutora. Onde a democracia permite ao cidadão a possibilidade de uma consciência autónoma e, depois, a responsabilidade individual perante a escolha, a demagogia e o fanatismo alardeiam a absurdidade da escolha (doravante

erradicada) e a concentração da razão num só partido, ou numa só personalidade (que supostamente encarna o único «eu» permitido em detrimento da vida de todos os outros seres).

Parece-me que o discurso de Charlot no final do filme em questão representa um discurso tremendamente subversivo (que, aliás, enfureceu Hitler quando o visionou), pois desfaz o mito do ditador (como salvador ou redentor), revelando o vazio de que o demagogo e o fanático são vectores. Charlot faz isto tudo num discurso onde impera o que chamo de destruição amorosa. É assim como entendo e interpreto este filme.

(Excerto de um e-mail enviado a um aluno nosso)

“A arte suprema tem por fim libertar – erguer a alma acima de tudo quanto é estreito, acima dos instintos, das preocupações morais, ou imorais”. (Fernando Pessoa)

“Concluo daqui a existência de um Hipnotizador supremo, a quem chamo Deus, porque consegue impor a sua sugestão à generalidade das almas, as quais, contudo, não sei se ele criou ou não criou, porque não sei o que é criar, mas que é possível que criasse, cada uma para si mesma, como o hipnotizador me pode sugerir que sou outra pessoa ou que sinto uma dor que eu não posso dizer que não sinto, pois que a sinto. Para mim ser ‘real’ consiste em ser susceptível de ser experienciado por todas as almas; e isto obriga-me a acreditar numa Hipnotizador Infinito, pois criou uma sugestão chamada universo capaz de ser experienciado por todas as almas, não só reais, mas até *possíveis*”. (Álvaro de Campos)

O pensamento não é apenas um conteúdo, ou o prenúncio de um acto, ou um estado de perplexidade dinâmica. O pensamento é movimento interno, mobilização ideativa e capacidade metamórfica das identidades. (A Natureza é um mosaico vivo de formas e[m] fluxo.) Conclui-se daí que o ser pensante e andante é um ser que encarna a (sua) diferença; *o ser pensante e andante é as suas encruzilhadas*. O ser, no auge do pensamento, metamorfoseia-se em puro território sem mapa.

Assim, tratando-se de uma criatura pensante e andante, apercebe-se de que cada passo dado traça um intervalo. (Com efeito, entre a madrugada e o poente, o animal humanado não atravessa o espaço apenas: atravessa mundos. Atravessa mundos e, por vezes, compõe partituras: a mente é sonoridade neuronal à espera de ser musicada.)

Acontece o mesmo com a memória: a memória não é um repositório apenas, ou uma biblioteca fechada, ou um guião acabado, ou um líquido congelado. O animal humanado passa a vida a visitar a memória e, ao revisita-la, transforma a sua primeira composição experiencial em nova expressão simbólica e afectiva. (Alternativamente, os seres naufragam no mar morto de uma memória estática.)

A vida é, às tantas, naufrágio, resgate e transfiguração.

Deseja-se no autêntico pensar o intervalo o mais alargado possível entre a abundância imaterial da mente e a concretização individual da morte (sinal de um animal votado à caducidade). O não-pensar, que sustenta a ilusão de um caminho único, de uma certeza única, de um universo único, faz com que a abundância e a morte sejam sinónimos.

As nossas ilusões sangram. Perante a ferida, o pensar põe sal (que queima e cauteriza); o não-pensar promete a cura (por definição, falsa e traiçoeira).

A nossa empatia é imperfeita.

A memória humana é um órgão futurista.

O acto de pensar coloca o pensador no meio do agon social. O ser a produzir actos e estados do pensar é um cidadão sem bilhete de identidade. O seu passaporte é universal.

*E*m torno do acto e dos estados do pensar

- O pensar enjeita os discursos enfeitadores se bem que interesseiros, apaixonantes e polarizadores do prestidigitador verbal. Em consequência do risco assumido e perante a porosidade que se exige a quem se entrega à ascese profusa do pensar, enjeitam-se a argumentação fácil, o debate vazio e a violência pretensamente redentora. Quem pensa afugenta o sofista e o farsante. Pelo contrário, nas respectivas estâncias da mente – sob o efeito da aceleração cognitiva que é o autêntico pensar – vislumbram-se os horizontes – até então – inéditos de proximidade entre a vida e as suas (possíveis) metamorfoses.
- Quanto ao acto de pensar e aos seus respectivos estados concretizados em substância ideativa: o pensador defronta-se com a pura performatividade da sua consciência. A sua subjectividade exemplifica uma imaginação materializada e, em simultâneo, uma identidade desmaterializada; ela torna-se o horizonte visionário de um ser que é mais viajante do que proprietário, mais poeta do que piloto, mais errante do que feirante: pura leveza interna. (O pensador consegue voar sentado – se bem que a sua cadeira seja do tamanho do universo.)
- A política = *polis*, *politikos*, *polites* = o agir do cidadão com outros cidadãos na pólis: mas agir como? A política adquire presença efectiva na espécie humana a partir do momento de esta reconhecer a existência de actos seus que transcendem a deliberação passageira ou a decisão momentânea. A política nasce quando a

consciência se apercebe da sua presença efectiva como uma ruptura definitiva em relação à continuidade maior do *nada*, ou do *mesmo*, ou do tempo experienciado como uma água *queda*. A política é a percepção da necessidade de agenciamento. A política exprime a natureza decisória do pensamento. A política decide porque a consciência é vector de crise deliberativa. Porque tal crise deliberativa é de força transformadora, atingindo a dimensão andante do animal humanado. A junção de crise deliberativa e intencionalidade activa constitui a encruzilhada fundadora de um animal que se vê obrigado a agir (porquanto pensa para além do seu horizonte biológico e do seu meio natural).

- A política é a percepção da urgência do agenciamento da consciência deliberativa que atinge a sua maturidade na praça pública. A política constitui-se a partir desta consciencialização. A política emancipatória produz a percepção de uma realidade pluralmente comum.
- A política exprime-se *na* e *como* percepção.
- A poesia = *poiesis*, *poetes*, *poiein* = fazer: mas fazer o quê? Fazer – no sentido de inventar – o intervalo entre o imediato e o mediato, entre o dado e o imaginado, entre o mundo que *já lá está* e o mundo que ainda nos aguarda. Fazer com que se torne audível, mesmo no estrépito da praça pública, a sonoridade semiótica de uma consciência mais ampla, uma mente maior e uma pólis mais livre.

A poesia é a ladeira ascendente da política.

A poesia é parteira das regras de uma comunidade mais ciente.

A poesia é a nascente de uma história maior.

A poesia reinventa a gramática da mente.

*E*m torno dos usos da cultura: linguagem, pólis, fé, identidade e memória

A cultura defende-nos contra a politização da subjectividade em relação àquilo que, na cultura, é puro acontecer ideativo. Qual é, então, a relação entre memória, identidade e subjectividade?

Premissas

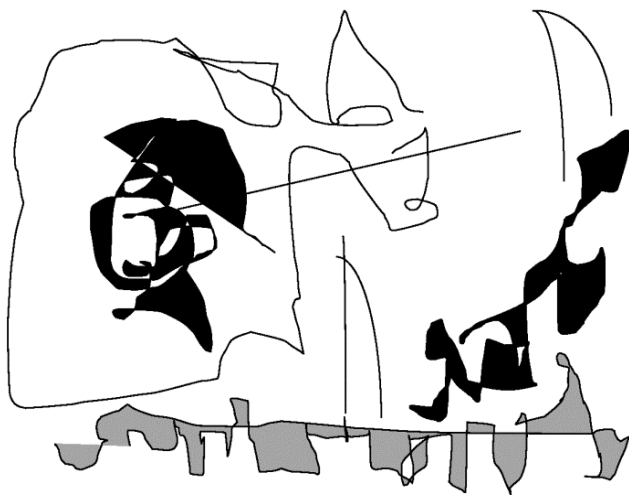
- O sujeito é um ser que vive sob coacção.
- O ser é na medida em que produz intervalos entre a subjectivação e o Estado (sendo o lugar efectivo do Estado onde se concentram os vectores sobre-determinados da palavra ideológica, onde ocorre o policiamento interiorizado e onde se realiza a rasura da margem).
- A linguagem não é ferramenta, nem espelho, nem tão-pouco o chão do ser (ou, sendo estas coisas, é também mais do que tudo isto): é vector de um discreto aniquilamento e de uma lenta libertação.
- A palavra é a expressão de um animal humanado que se conhece e reconhece estar em perigo.
- A memória não comporta um conteúdo fixo: é um estado de periclitância vivenciada por um ser que anda e pensa na floresta do tempo.
- A identidade é a memória a chocar com outras memórias na via pública: estes entrechoques contribuem para, ora lesionar, ora alisar a identidade individual.
- A fé, quando se cinge ao espaço privado do indivíduo, obriga (quem professa uma fé) a sustentar a totalidade da vida enquanto vida estando ele em queda livre (sendo que essa fé lhe revela que o ser está fundamental e ininterruptamente em queda livre); trata-se, portanto, de um modo de vida de ocorrência excepcional.
- Quando a fé extravasa para o espaço público, tende para a militarização da consciência e a institucionalização da moral. Torna-se, nesse caso, uma ferramenta de politização da mente. Sob coacção, a mente corre o risco de se tornar mais turba do que pluralidade, mais órbita do que caminho, mais satélite do que singularidade, mais regimento do que comunidade).
- O estado de graça que a fé politizada promete agride a graça do estado do ser que pensa.
- A cultura é a *performance* de seres que, em vida, ainda se conseguem surpreender nos intervalos do drama redutor de coacção interna, externa e mútua: eis uma arte do ser para o século XXI.

Os *drones* – veículos aéreos não tripulados, i.e., caixões voadores, sementeiros necrófilos, profetas da ceifa antecipada – enchem os céus e mancham a terra. Hoje em dia, avançam pelos continentes com a sua acrobacia indiferente e letal. Falam a língua inumana – i.e., a linguagem binária sem «eu» e sem «tu» – da tecnocracia fardada e da hegemonia erguida. Hoje em dia, a imortalidade simbólica do Estado conduz à morte orgânica dos escravos. (E, perante os *drones*, somos todos escravos.) Imortalidade e morte produzem a mesma progénie: seres raptados pelo nada, seres sem tempo e sem mundo, seres que gesticulam sob um céu codificado, seres privados do antigo solo do pensar e do amar.

À sombra destes olhos armados, emissários telecomandados pelos impérios actuais, a palavra – renovável água amniótica e nau verbal – afunda-se, não em silêncio reflexivo mas, antes, em pavor sem garganta e sensação sem voz.

*A ave (de rapina);
O ar irregular do ser;
O ser a pensar.*

(Quem escuta quem e quem fala com quem nesta rede de sinais que se esqueceu da vida?)



*E*ntre a linguagem desumana e a linguagem inumana do nosso século, há diferenças e semelhanças

Uma diferença: o *desumano* exige a presença de um «eu» e de um «tu» se bem que, neste caso, o «eu» seja carrasco e o «tu» seja o *site* de uma violência sancionada (sacralizada) por uma ordem política e social ao passo que, no caso do *inumano*, o «eu» e o «tu» revelam, não só a sua antiga assimetria no *agon* social, não só um sujeito sob coacção por outro sujeito, mas, sim, o facto de todos os sujeitos se encontrarem sob rasura numa Engrenagem total que elimina o humano da história do ser.

Uma semelhança: quer o *desumano*, quer o *inumano* alienam a vida da vida; ambos reduzem a memória do mundo a um gaguejar; ambos instrumentalizam o ser ao serviço de uma historicidade sem auto-consciência, sem capacidade auto-reflexiva e sem intervenção no evento vertiginoso do ser.

*U*m pensamento fugaz.

Fernando Pessoa descobre a poética que nos faltava, i.e., o intervalo que existe entre a *memória* (entendida como continuidade cultural que na modernidade se declara reiteradamente finda) e a *identidade* (entendida como descontinuidade subjectiva que doravante se substitui àquela). Na verdade, esta substituição assinala mais uma sobreposição do que uma substituição, mais uma sublevação do que uma sobreposição, mais uma reestruturação da consciência do que uma (mera) revisão dela, mais uma reescrita da memória do que o seu simples abandono. A memória – por definição, partilhada – é por vezes um entrave para novas concretizações da própria memória. Em contraste, a identidade subjectiva detém uma realidade tão-só virtual. A identidade é uma construção condicional: aparece e desaparece no moderno tempo secular (de ritmos cronometrados). A identidade revela-se-nos apenas quando se encontra às arrecuas em relação a nós. A memória fixa; a identidade foge. Somos seres transeuntes nas cidades da nossa própria concepção.

Contudo, uma poética desta envergadura não exige somente uma mudança de perspectiva. Exige, sim, uma mudança de paradigma.

Assim, entre a continuidade e a descontinuidade, encontra-se a inteligência abundante de Pessoa, ou melhor, uma inteligibilidade presente no intervalo que daí irrompe rasgando a mente. Trata-se de uma ruptura que o Poeta tanto detecta quanto desencadeia.

Para tal, todas as máscaras – heteronímicas ou não – são, nesse caso, glosas antecipatórias de uma revelação ulterior.

Epílogo

O pensamento de Fernando Pessoa – concretizado na página escrita – é o prenúncio de um pensamento maior. O heterónimo pessoano é o fragmento de um ser maior. O poema de Pessoa é a manifestação de um real maior.

Este real maior avista-se nos confins de um acto de cognição sem cheiro, sem sabor e sem dimensão empírica. A obra do Poeta permite vislumbrar o tempo de uma nova estação iminente; faz desenvolver o real que *já lá está* ao modo de um fruto maduro prestes a arrebentar sob a acção metamórfica de uma luz mais real do que a luz solar.

How shall we transform the continuous drift of meaning into a grounded groundlessness?

In absolute groundlessness, how would it possible to engage in the world by way of the contestatory and the political?

In relative groundlessness, yet also without absolute faith, how shall we attain significant feeling which is ultimately contributory to the human Babelic community?

How shall we legitimately make statements which are unfalsifiable because they are by definition untestable? In faith, empirical determinacy is subsumed under a prophetic mode of apperception, thereby mixing determinate and indeterminate dimensions of meaning, where the denotative, the predicative, the normative and the prophetic form a scientifically unproductive body of utterances, where inner incongruence is not only accidental but above all structural. What is the plausibly best fate for such scientifically untenable productions of meaning?

How can art speak in the social agon that has now fallen prey to the systematically un-human and the ferociously inhuman?

Entre o conhecimento e a crença, entre o pensamento e o dogma, entre a democracia e a demagogia, entre o amante e o fanático, entre o aqui e o agora, entre a ágora e a assembleia, entre um corpo e outro corpo, entre uma mente e outra mente, entre o nascer e o desaparecer, entre o sujeito e a comunidade, entre o pensar e o não-pensar, entre a mentira e a máscara, entre o mundo que *já lá está* e o mundo que ainda nos aguarda, entre a rotina e o encanto, entre o «eu» e o «tu», entre o egoísmo e a compaixão, entre o livro e a mensagem, entre a liberdade e a segurança, entre o ser e o monstro, entre a norma e a margem, entre o tempo como cronologia e o tempo como eclosão, entre o ser e o ter, entre o teste e a descoberta, entre a posse e a graça, entre a vida e a perda, entre o rosto e a sombra, entre a fragilidade e a força, entre o medo e o salto, entre o estático e o dinâmico, entre o sorriso e a chaga, entre o bem e o mal, entre a forma e o fluxo, entre a arrogância e a candura, entre a imobilidade e a metamorfose, entre a memória e o novo, entre o humano e o desumano, entre o desumano e o inumano, entre o confuso e o lúcido, entre o lúcido e o ignoto, entre o ódio e a disponibilidade, entre a história e o devir, entre o íntimo e o comum, entre o infinito e o ínfimo, entre o concreto e o imaginado, entre o monólogo e o diálogo, entre isto e aquilo, entre tudo e nada ... tudo está em jogo.

O mais belo que há é talvez isto: o ouvido em forma de concha virada para o sopé generoso do universo. Nessa junção discreta de metafórica concha, mão e ouvido – gesto mínimo e fugaz – não é o mar que se ouve, mas, sim, o pulsar da matéria em ti. (Às vezes, a mente, de tão permeável, afoga-se na maré próxima do infinito.)

Às vezes, a mente descobre que o infinito atravessa a solidão expectante e vulnerável do nosso vizinho na Torre de Babel – que tenuemente nos sorri.

Às vezes queremos que o nosso respirar cesse momentaneamente. (Nesse instante, os pulmões aguardam, o coração aguarda, o corpo aguarda e o ser recorda que é interrogação encarnada e leveza amante.)

Nesse mesmo instante, a vida chega a ser do tamanho da Terra e da mesma substância do tempo.

“They are separated from that which they are in the most continuous contact” (Heraclitus, *circa* 535-*circa* 475 AEC)

“O homem é capaz de um *triplo saber*: um saber de *domínio* ou de realização, um saber da *essência* ou de formação, um saber *metafísico* ou de salvação. Nenhum destes três saberes existe por mor de si mesmo. Cada um dos géneros serve a refiguração de um *ente*, ou da *coisa*, ou da forma de formação do próprio *homem*, ou do *absoluto*”. (Max Scheler, 1874-1929)

“A noite é *sublime*, o dia é *belo*. Na tranquilidade da noite estival, quando a luz bruxuleante das estrelas penetra a escuridão da noite que acolhe em si a lua solitária, despertará a pouco e pouco um sentimento de amizade, de desprendimento do mundo e de eternidade. O dia radioso infunde uma diligência *ativa* e proporciona um sentimento de alegria. O sublime *comove*, o belo *encanta*. A expressão de um homem dominado pelo sentimento do sublime é séria e, por vezes perplexa e com assombro. No caso do sentimento do belo, porém, ele anuncia-se por meio de uma satisfação cintilante no olhar, por traços risonhos, e com frequência por manifestações de alegria. (Kant, 1724-1804)

Entre o sentimento do sublime e o do belo:

O sublime traz consigo a visão de uma vida mais ampla, mais justa e mais livre porque vê a totalidade do existente a partir do alto do infinito: o seu endereço é abrangente. O belo acelera o ar. O belo ama as formas caducas. O belo leva-as à sua extinção, i.e., à sua metamorfose. O seu endereço é iminente.

O sublime engravida as formas de um real maior. O belo participa das metamorfoses que faltavam às formas concretizadas. O belo acaricia o dado; o sublime resgata o mundo. O sublime transcende as estações terminais. O oposto do sublime não é o feio: é o truncado. O belo obedece à regra da destruição amorosa: é assim que se define o belo.

O sublime floresce sob o céu de uma humanidade que assuma a sua autenticidade sem medo e sem trauma. O belo cresce sob o céu azul; o belo brilha na forma e na sombra, ao amanhecer e ao meio-dia. O sublime floresce para além dos intervalos do belo: pertence a uma história emancipada.

Os sentimentos do sublime e do belo pertencem a uma mente que se trata por tu.

O saber é a expressão de um humanado animal que anda e pensa ao longo de várias estações. O seu saber é de natureza dinâmica e relacional. Entre o empírico e o metafísico, por exemplo, a Terra torna-se-lhe a mala e, em simultâneo, o mapa. A relação entre o biológico e o antropológico constitui o itinerário de uma mente terrestre.

A consciência é o endereço peregrino da mente.

A relação que esta consciência trava com outras consciências pertence à Torre de Babel imaterial, com alicerces nos fundamentos biológicos e antropológicos da espécie.

O saber muda continuamente de endereço ao longo do tempo histórico da nossa espécie.

Noutras palavras, a noosfera muda enquanto a Torre continua a perseguir o mesmo céu, i.e., um horizonte maior e, contudo, sempre vizinho.

Uma tentativa de poetry slam ou rapping criado em homenagem a um diálogo ocorrido entre este docente e os seus alunos no âmbito de *Pensamento Contemporâneo*, Primavera, 2016. Trata-se de um diálogo construído à luz do tema da demagogia, do fanatismo, bem como do pensamento do matemático e filósofo Bertrand Russell

(Trata-se de um Manifesto lavrado por este docente imediatamente após a sua audição da música em “spoken word”: “I am NOT Black, You are NOT White” do artista contemporâneo Prince Ea, bem como a sua leitura do “Ultimatum” de Álvaro de Campos.)

PREÂMBULO

EM NOME DA HUMANIDADE, DIRIGIMO-NOS AOS FANÁTICOS DESTA TERRA COM O SEGUINTE MANIFESTO

Nem todo o fanático se converte em demagogo, nem todo o demagogo é ditador, mas o fanatismo é sempre fruto de uma imaginação biofóbica – odeia a vida, em particular a vida dos outros cujas ideias, cuja raça, cujas crenças, cuja vida o fanático odeia – e o demagogo, que fala em nome dos outros, torna-se ditador a partir do momento de manipular as emoções dos seus ouvintes de modo a dominá-los pela raiva, pelo medo, pela intimidação, pela redução da Torre de Babel a um só andar, a um só modo de existir, a uma só certeza, a uma só memória, a um só destino, a uma só história.

EIS, PORTANTO, A RAZÃO PELA QUAL DECLARAMOS AQUI QUE:

Desconfiamos da ordem e da estabilidade que o ditador fanático promete: cheira a sangue e a dor;

Desconfiamos de quem massifica a mente e faz do ser humano um ser de manada;

Desconfiamos do discurso fanático que promete a ordem mas que mata a mudança.

A MUDANÇA É UMA DAS VERDADES DA HUMANIDADE!

A humanidade é capaz de porosidade e abertura.

A humanidade é capaz de reconhecer a pluralidade das suas culturas ao mesmo tempo que reconhece a proximidade de todos.

Partilhamos os mesmos problemas e os mesmos medos.

A humanidade é, sim, capaz de admitir o outro como o espelho de si mesmo.

A humanidade é, sim, capaz de adaptar, de criar e transpor;

A humanidade é uma espécie diferenciada mas una;

Sim, a humanidade é plural; a humanidade é diversa: a humanidade é também um *work-in-progress*: para ser um ser humano é preciso amar o carácter sobre a cor, o entendimento sobre a confusão, a comunicação sobre o monólogo.

Sim, o ser humano é capaz de questionar e duvidar.

É, sim, capaz de observar o mundo e procurar os factos. Para tal somos aprendizes sem limite.

O mundo é do tamanho das nossas buscas:

O mundo é a nossa casa e o nosso miradouro.

Para crescer, portanto, o ser humano deve aprender a ver e a escutar.

Para crescer, portanto, o ser humano deve imaginar e compreender.

**PORQUE A HUMANIDADE É FEITA DE «SOLIDÕES POVOADAS»
- COMO NOS LEMBRA O GRANDE POETA JORGE DE SENA -
A VIVEREM SOB O MESMO CÉU**

Para crescer, portanto, convidamos o ser humano a ser mais membra-na do que barreira, mas travessia do que imobilidade, mais porosidade do que egoísmo, mais de olhos abertos do que de coração fechado!

A humanidade pode aprender a pensar: que não é fácil, mas é indispensável!

O ser humano pode aprender a pensar porque o acto de pensar é arriscado, mas é também aventura e liberdade!

**CAROS AMIGOS: O ACTO DE PENSAR É O NOSSO DIREITO
E A NOSSA AVENTURA!**

**CAROS AMIGOS: A AVENTURA DO PENSAR FAZ DO ANIMAL
HUMANO UM SER DA MUDANÇA, DO CRESCIMENTO, DA INVENÇÃO,
DO DISCERNIMENTO, DA COMPREENSÃO E DO AMOR!**

**CAROS AMIGOS: SOMOS SERES DE CERTEZAS VÁRIAS QUE HOJE
CHEGAM E AMANHÃ NOS DEIXAM. AS NOSSAS CERTEZAS**

PERTENCEM A UM TEMPO MENOR PERANTE A ETERNIDADE!

SOMOS, PORTANTO, POETAS DA MUDANÇA, POETAS NA MUDANÇA,
POETAS DO SONHO E POETAS DA BUSCA!

O ENGENHEIRO TAMBÉM SABE QUE É POETA: OS DOIS SABEM QUE
O SER HUMANO É POR NATUREZA INACABADO!

MAS O FANÁTICO ODEIA O INACABADO. MATA O INACABADO DO
SEU VIZINHO ENQUANTO O POETA
E O ENGENHEIRO AMAM O INACABADO E ACEITAM
A FORÇA DA FRAGILIDADE!

O FANÁTICO TORNA-SE DITADOR: AMA-SE A SI MESMO.
AMA O SEU MONÓLOGO. O SEU MONÓLOGO TRAZ PALAVRAS
BLINDADAS. O SEU AMOR TRAZ MORTE!

O FANÁTICO QUE SE TORNA DITADOR NÃO AMA O MUNDO: DESEJA
APERFEIÇOÁ-LO. A SUA PERFEIÇÃO É FATAL.
É A PERFEIÇÃO DE QUEM ODEIA A VIDA. A VIDA É PLURAL E A
MENTE É INFINITA!

Queremos sentir. Queremos sentir como se sentir fosse a estação que
nos faltava, a metamorfose que nos aguardava, a ponte entre os factos, o
miradouro para a abundância infindável do universo.

Queremos sentir, sentir humanamente, não fanaticamente. Queremos
sentir sem idolatrar. Queremos sentir sem sentir em detrimento do outro.
Queremos sentir, sabendo que sabemos odiar também, mas sabemos que
odiar, embora seja uma eventualidade, não é uma fatalidade.

PODEMOS SENTIR PARA ALÉM DO ÓDIO.

O nosso ser floresce na floresta dos factos e nas ruas da mente!

Sentir é contemplar a diferença. A diferença permite vislumbrar o
outro. O *outro* é também o nosso espelho!

NÃO TOLERAR A DESTRUIÇÃO DO *OUTRO*. NÃO ACEITAR A TOLICE DO ÓDIO!

Sentir e pensar juntos permitem ver o que está deveras diante de nós:
**O BANQUETE DA VIDA DAS MIL MÁSCARAS E DAS MIL
MONTANHAS!**

Sentir e pensar juntos convidam-nos a crescer na complexidade.

Sentir e pensar juntos convidam-nos a rejeitar as falsas certezas.

Sentir e pensar juntos são uma lição de vida: somos os nossos actos e as nossas palavras.

MEUS CAROS: Em que solo humano havemos de crescer e florescer?

A escolha é o húmus da liberdade em flor.

Sentir e pensar juntos inventam o ser humano.

Inventam o ser humano como ser andante e pensante, como ser de factos e de sonhos, como ser de começos e fins, como ser de mudança e descoberta.

DESCOBRIMOS O QUÊ, CAROS VIZINHOS
DA TORRE DE BABEL?

QUE O MUNDO É DO TAMANHO NÃO DOS GRANDES DESTA TERRA
MAS DO TAMANHO DOS SONHOS DE CADA UM!

QUE O MUNDO É DO TAMANHO NÃO DAS CONVENÇÕES E DAS
CONVICÇÕES DE HOJE, MAS DO TAMANHO DAS IDEIAS QUE AINDA
HÃO-DE NASCER! QUE O MUNDO É DO TAMANHO NÃO DA ESCOLA
QUE *JÁ LÁ ESTÁ* – QUE IMPÕE UMA SÓ REGRA E UMA
SÓ VELOCIDADE MAS DO TAMANHO DA NOSSA CAPACIDADE
DE QUESTIONAR E CRIAR!

TEMOS UMA FOME MAIOR DO QUE A REFEIÇÃO QUE A ESCOLA QUE
JÁ LÁ ESTÁ NOS SERVE!

DESCOBRIMOS QUE O MUNDO É DO TAMANHO, NÃO
DA HEMORRAGIA DO ÓDIO FANÁTICO MAS DO TAMANHO
DA SABEDORIA E DO AMOR!

DESCOBRIMOS QUE O MUNDO NÃO TEM SÓ REIS E CHEFES, MAS,
ANTES, «EUS» E «TUS».

DESCOBRIMOS QUE, PARA O FANÁTICO E O DITADOR, O MUNDO É
UM CEMITÉRIO.

DESCOBRIMOS QUE O MUNDO É NA VERDADE UM NASCER SEM FIM
DE IDEIAS E DE VIDA.

Aprendemos que a história da humanidade está ainda por inventar!

Aprendemos que a memória não é apenas a chaga do passado mal cicatrizada!

NÃO!

A MEMÓRIA É UM ÓRGÃO FUTURISTA!

Nós inventamos o futuro porque reinventamos o passado.

Não somos apenas guiões fixos: somos seres em movimento, trajectos em movimento, seres-*in-progress*.

POR QUE HAVEMOS DE NOS FICAR COM O MUNDO QUE JÁ LÁ ESTÁ?

Eis-nos portanto na Torre de Babel do século XXI. Um destino plural e comum aguarda-nos. Sendo nós vectores de paz e guerra, de ordem e caos, de amor e destruição, sabemos hoje que partilhamos um destino comum.

COMO HAVEMOS DE VIVER, ENTÃO, NESTE SÉCULO QUE É DE TODOS?

Somos todos vizinhos, mas mal sabemos conviver.

Somos todos vizinhos, mas mal sabemos pensar.

Somos todos vizinhos, **mas o fanático espreita e o ditador conquista.**

Somos todos vizinhos, mas a nossa Torre de Babel está hoje em ruínas.

Caros vizinhos! Declaramos que nunca é fácil, mas o caminho é simples!

Declaramos que a história se cumpre no pensar e no sentir, na mudança e na compreensão!

Declaramos que podemos compreender e amar para além das algemas que nos puseram há já tanto tempo que hoje nem as vemos!

Declaramos que compreender e amar nos pertencem como o ar e os pulmões!

Declaramos que compreender e amar são a história que nos aguarda.

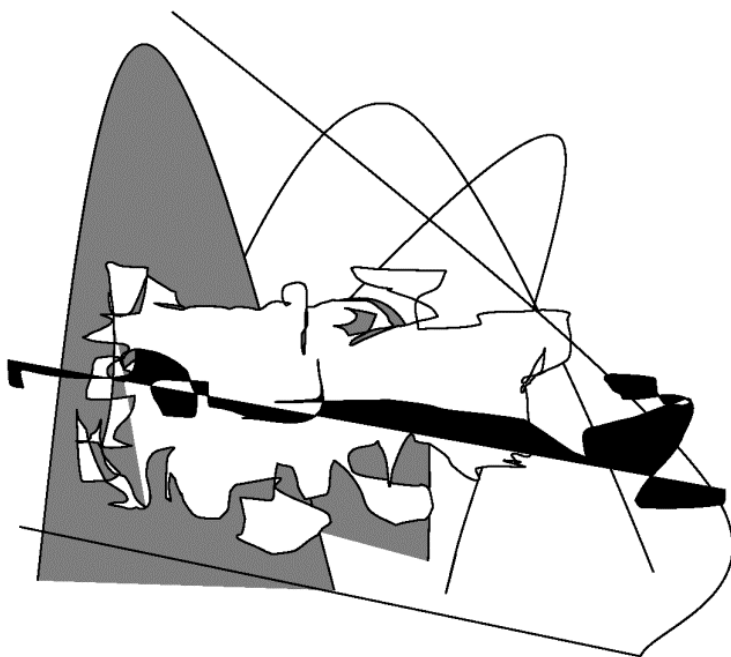
Caros amigos e vizinhos, caros habitantes da Torre de Babel, caros irmãos e irmãs no destino comum deste planeta: declaramos que essa história da compreensão e do amor que nos aguarda está neste mesmo momento entre nós.

Mais do que isso: já nos convocou e já nos transformou!

Lisboa, 28 Abril 2016

O mundo espelha a cronologia interna da humanidade. A idade da humanidade é de uma mutabilidade surpreendente. Ora envelhecemos, ora rejuvenescemos o mundo consoante a integração das faculdades da mente e a concretização da nossa compaixão. Lavramos sem interrupção uma humanada biografia do mundo.

O mundo aguarda desde sempre, i.e., desde o surgir do animal humano, uma memória o mais serena possível se bem que, na maioria das vezes, esta biografia ainda se escreva com tinta de sangue.



“Deeply typographic folk forget to think of words as primarily oral, as events, and hence as necessarily powered: for them, words tend rather to be assimilated to things, ‘out there’ on a flat surface. Such ‘things’ are not so readily associated with magic, for they are not actions, but are in a radical sense dead, though subject to dynamic resurrections. (...) [C]hirographic and typographic folk tend to think of names as labels, written or printed tags imaginatively affixed to an object named.”
(Walter Ong, “Orality, Literacy, and Modern Media”)

Um silogismo imperfeito para o século XXI em torno do pensar

Por vezes, nomear, ou melhor, ser nomeado, é começar a desaparecer.

Catalogar é por vezes apagar.

Classificar é por vezes mutilar.

Organizar é por vezes extraviar.

Designar é por vezes ofuscar.

Referir é por vezes esquecer.

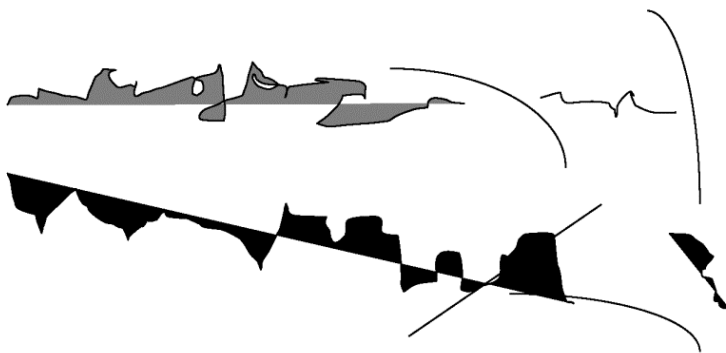
Conhecer é por vezes desconhecer.

Há ainda outros actos e estados do pensamento em paralelo, ou em dissonância, com o acima assinalado. Envolvem outras modalidades de disponibilidade, diferentes regimes de porosidade, diversas formas de residência à face da Terra:

São: Escutar. Dialogar. Amar. Transformar. Resistir.

(Eis uma pedagogia para criaturas que andam e pensam e depois desaparecem.)

A lição, portanto, é: amar e depois desaparecer.



Outra lição: respirar – ciente de muita coisa – sobretudo daquilo que
ainda não chegou a ser,

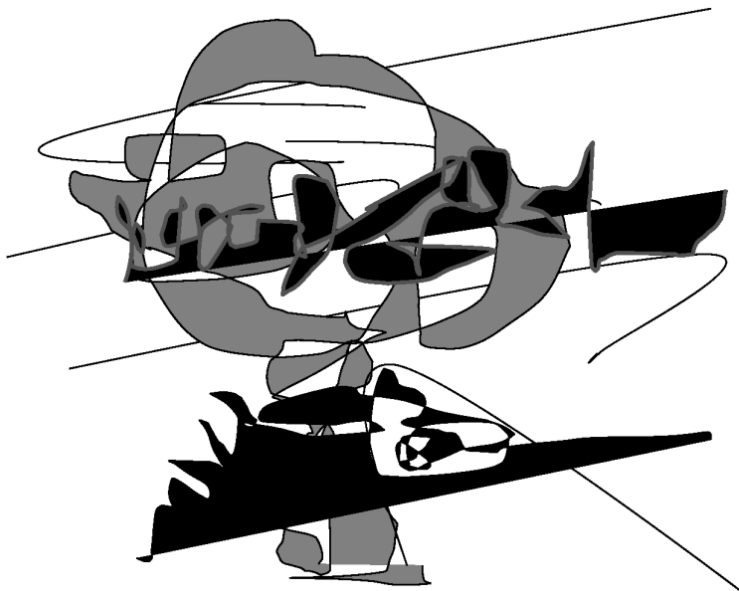
ou daquilo que nunca chegará a ser,

ou, ainda, daquilo que, sendo, não comunica connosco,

ou, afinal, já começou a não ser ao ser por nós pensado,

ou ficou desde sempre fora de todos os jardins reais e sonhados.

A vida: prelúdio de uma fuga sem fim...



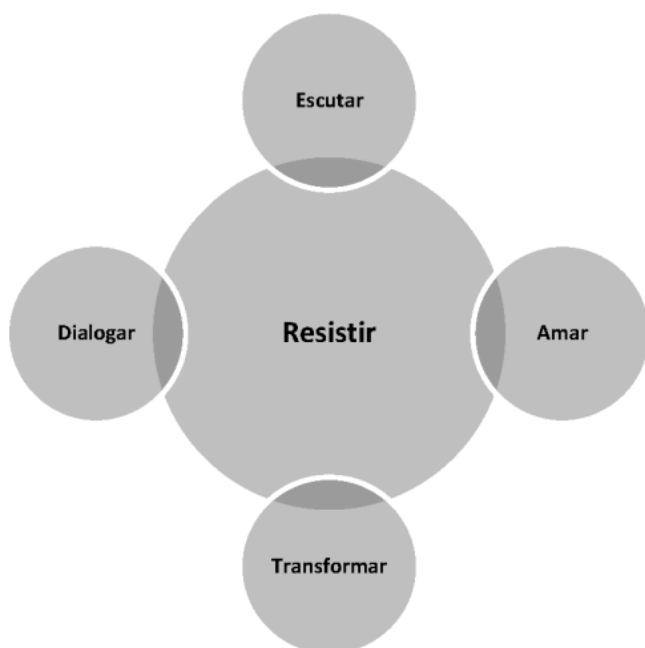
Caro J.,

(Tema: em torno do “Professor-Juiz”)

Só no vazio criado e promovido pela **incultura** pedagógica é que chega a predominar a ausência de uma relação inclusiva e positiva entre alunos e docentes; chega a predominar quando tudo se limita ao debitar e ao regurgitar de teorias e/ou factos – elementos desconexos de um puzzle que ofusca a natureza do saber e do ser pensante. Tal incultura pedagógica chega a predominar quando a bigorna da avaliação substitui o cultivo da compreensão (*porque memorizar não equivale a compreender*); ela chega a predominar quando o monólogo do docente silencia e/ou suprime o diálogo entre todos; chega a predominar quando uma abordagem meramente funcional ao conhecimento impossibilita uma abordagem deveras interessante, i.e., uma abordagem que siga a génese das ideias, os múltiplos contextos em que um determinado saber se constituiu, evoluiu, se difundiu e elucidou problemas permitindo, por seu turno, descobrir novas problemáticas. Eis uma pedagogia que seria realmente dinâmica, i.e., não memorizável mas decerto muito mais inesquecível, pois faria parte da própria evolução do aluno como pensador e como ser humano.

Em contrapartida, em resultado da **incultura pedagógica**, temos o quê? Temos um ensino reduzido a uma espécie de castigo. Daí que restem apenas estratégias de penitenciária dentro dos seus muros: castigo, juízo, penúria imaterial, mal-estar e instrumentalização ideológica do indivíduo.

Ora a **cultura pedagógica** é de uma clareza e, às tantas, de uma simplicidade prodigiosa. No meu entender, define-se pelos seguintes verbos, cada um entendido no seu registo criticamente pedagógico, sendo cada um destes verbos um *verbo-vector* de dinamismo, de *growth of understanding and growth of the soul*:



(Escutar. Dialogar. Amar. Transformar. Resistir.)

Diria que se trata, na verdade, de uma simplicidade quase absoluta. Contudo, tudo se complica na história da nossa humanidade *tão opaca para si mesma*.

Daí que distinguir, i.e., criar um intervalo entre o pensar e o não-pensar, seja fundamental.

O acto e os estados do pensar ampliam o território do humano. Em contrapartida, **o não-pensar** torna o humano mais susceptível às investidas do **desumano** e do **inumano**: duas especializações da Engrenagem e do Bestiário do nosso século XXI.

(Excerto de um e-mail enviado a um aluno nosso)

Caro N.,

O evento intenso que é o de **produzir texto** é uma experiência transformadora do ser. Permite a quem escreve detectar **aquilo que se encontrava já** – no interior da sua consciência de si, dos outros e do mundo que lhe toca observar e habitar – **num estado caduco ou exaurido**, i.e., como uma antiga – e agora transcendida – estruturação do seu sentir e pensar, para, a seguir, detectar **aquilo que o escritor ainda tem de susceptível de um processo de aceleração interna** (i.e., um processo-vector de novas trajectórias, ou mesmo novos ângulos de colisão, entre o seu pensar e o seu sentir, uma colisão que fará do seu ser uma membrana intensamente vibrátil e sensível) e, por fim, detectar **aquilo que nele se disponibiliza doravante à metamorfose, à incandescência perceptual, à vertigem semiótica**. Nisso, a palavra revela-se ser a pele que faltava.

Ao rasgar essa membrana, a mente e a matéria reconstituem-se sob uma nova luz.

O escritor nasce e morre inúmeras vezes, mesmo ao longo de um só dia.

(Excerto de um e-mail enviado a um aluno nosso)

O ser humano é um ser essencialmente – i.e., não apenas condicionalmente – inacabado. É este seu estado inacabado que torna a vida interessante. Passar a vida a cultivar o pensar (a resistir, portanto, ao não-pensar) é uma (a)ventura inesgotável...

